

# A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS LITERÁRIOS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS DE RETERRITORIALIZAÇÃO

O ENCONTRO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA  
NA OBRA DE AUTORAS(ES) BRASILEIRAS(OS)

Fátima Velez de Castro







# A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS LITERÁRIOS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS DE RETERRITORIALIZAÇÃO

O ENCONTRO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA  
NA OBRA DE AUTORAS(ES) BRASILEIRAS(OS)

**Fátima Velez de Castro**

**EDIÇÃO**

Eumed - Universidade de Málaga

**AUTORA**

Fátima Velez de Castro  
velezcastro@fl.uc.pt

**CONCEÇÃO GRÁFICA E CAPA**

Fernando Félix

**IMAGEM DA CAPA**

Henrique Velez de Castro

**PRÉ-IMPRESSÃO**

Fernando Félix

**ISBN DIGITAL**

978-84-17583-83-5

© MAIO 2021



Trabalho final decorrente do projeto de Pós-Doutoramento  
orientado pelo  
Professor Doutor Manuel Geraldo Simplício Ferro (FLUC)  
e pela  
Professora Doutora Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento (FAHUM)  
realizado na  
Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira



UNIVERSIDADE da MADEIRA



A publicação contou com o apoio do CEGOT (Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território):



POCI-01-0145-FEDER-006891

*This work was developed in Centre of Studies in Geography and Spatial Planning (CEGOT) and supported by the European Regional Development Funds, through the COMPETE 2020 – Operational Programme ‘Competitiveness and Internationalization’, under Grant POCI-01-0145- FEDER-006891; and by National Funds through the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT) under Grant UID/GEO/04084/2013.*



## SUMÁRIO

<b>Prefácio</b> .....	5
<b>1. Como introdução: justificando a mais “útil inutilidade” do diálogo entre a Geografia e a Literatura</b> .....	17
<b>2. A construção de territórios literários a partir de experiências migratórias de desterritorialização/reterritorialização</b> .....	27
<b>3. A escolha das obras e o perfil das autoras/dos autores: subsídios para uma metodologia de trabalho</b> .....	39
<b>4. Clarice Lispector ou o olhar sobre as/os outras/os: o mundo alóctone de uma viajante</b> .....	49
<b>4.1 “A Cidade Sitiada” (1949): a desconstrução da imagem territorial do centro a partir do subúrbio</b> .....	51
<b>4.2 “A hora da estrela” (1977): a mocinha nordestina na alienação do não-lugar</b> .....	59
<b>4.3 Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” (1969): a autora recordando a migração interna - do Recife para o Rio - e a externa - com o marido diplomata na Europa</b> .....	67
<b>4.4 “Água viva” (1973) e “Um sopro de vida” (1978): reflexões em torno do pragmatismo e da vivência da multiterritorialidade</b> .....	71
<b>4.5 “Laços de família” (1960), “A legião estrangeira” (1964), “Onde estivestes de noite” (1974) e “A via crucis do corpo” (1974): a observação da/o “Outra/o” (a/o e/imigrante português e a/o migrante nordestina/o)</b> .....	73

## SUMÁRIO

5. Nélda Piñon ou das raízes mais profundas de se ser: a busca pelas origens galegas em “A República dos Sonhos” (1984) .....	77
6. Da ficção, da memória, da observação: um retrato caleidoscópico da imigração italiana com António de Alcântara Machado, Zélia Gattai e Dagoberto Lima Godoy .....	89
6.1 António Alcântara Machado, o observador do início do séc.XX em “Bráz, Bexiga e Barra Funda e Laranja da China” (1929) .....	95
6.2 Zélia Gattai, a caçula vigilante de “Anarquistas graças a Deus” (1979) .....	99
6.3 Dagoberto Lima Godoy, o ficcionista narrativo de “Vendetta” (2013) .....	103
7. Concluindo com uma visão integrada das obras e .....	107
8. Referências bibliográficas .....	113
Posfácio .....	121

## PREFÁCIO

A interdisciplinaridade é o terreno das potencialidades, do rasgar de horizontes, balizas e fronteiras entre áreas do conhecimento institucionalmente configuradas, da abertura de diálogo e do estabelecimento de interlocuções por vezes ousadas, do desbravar de novas perspectivas e, conseqüentemente, da abertura de percursos originais que conduzem a resultados inovadores. No âmbito dos estudos literários, os estudos de literatura comparada lançaram um encorajador programa de novas experiências estimulando o contacto e confronto, bem como relações de fortuna, influência e, depois, de receção entre obras de diferentes períodos, entre autores de épocas e movimentos distintos, entre literaturas diversificadas, entre realidades culturais por vezes de denominador diferenciado, em que se valorizavam aspetos comuns, outras vezes o exotismo da cada uma, outras ainda o paralelismo/dissemelhança de modos de produção. Em simultâneo, novos ramos de estudos literários se abriram com a valorização de textos antes dificilmente considerados canónicos, como se verifica com o caso exemplar da literatura de viagens. Atualmente, com o acrescido interesse suscitado pelo diálogo interartes, novas e produtivas relações se estabelecem entre literatura, pintura, escultura, cinema... ou linguagens mais acessíveis das plataformas digitais. No entanto, se a História sempre foi considerada como um relevante suporte de contextualização da produção literária, proporcionando vetores importantes para a compreensão do ambiente histórico-social e político em que os autores se inseriam e, naturalmente, para a compreensão da seleção de matérias, temas e motivos a trabalhar – já para não falar do contributo do profundo conhecimento da mentalidade dominante para a definição das ideias e valores a tratar –, a poética e a retórica acabavam por se ver circunscritas por todas estas condicionantes.

A geografia, porém, neste enquadramento não atingia no passado um peso tão representativo. A geografia facilitava o domínio do espaço, fornecendo as coordenadas da ação, da diegese, onde o(s) protagonista(s) e restantes personagens deambulavam. Desde a *Poética* de Aristóteles que se prescrevia a unidade de espaço como um pressuposto a respeitar. Outras épocas e movimentos houve em que o espaço passou a assumir um



papel determinante como, no século XIX, com a emergência do Positivismo, em que Auguste Comte e, na sua esteira, Hippolyte Taine faziam do meio ambiente um dos critérios fundamentais para a caracterização das personagens, tornando-o um elemento determinante, conseqüentemente, para a evolução e desenrolar da diegese. Tudo contribuiu a serem valorizados ao longo dos tempos, sem dúvida. Todavia, é a partir da publicação da obra que nos serve de baliza, intitulada *La Poétique de l'Espace* (1958) do filósofo e poeta francês Gaston Bachelard que a abordagem do espaço passou a ser feita de modo mais criterioso e sistemático. Valorizando o lugar habitado, a casa e seus recônditos vãos, divisões como o quarto, o porão, o sótão, ou ainda recessos onde se aninham objetos, como gavetas, cofres e armários, estes considerados como sítios mais íntimos e abrigos ocasionais, o espaço passou a revelar as suas reais potencialidades para produzir sentimentos e lembranças, tornando-se um importante instrumento de descoberta do espírito e da alma humana, além de permitir despoletar a fantasia e a imaginação. A partir desta significativa referência, outros estudiosos ampliaram o âmbito do estudo do espaço, que atingiu contornos mais amplos, passando a uma dimensão comunitária: a aldeia, a vila e a cidade. Permanecia, no entanto, uma visão estática. A alternativa dinâmica havia de ser atingida na contemporaneidade, neste mundo pós-moderno da aldeia global, que confronta o homem com realidades bem trágicas sempre que este se dispõe a abrir os meios de comunicação social e se atualiza, ao tomar conhecimento das notícias provenientes das mais variadas partes do globo. Não nos referimos só a catástrofes naturais, explosões vulcânicas, terremotos, inundações, tempestades, ciclones, tornados, furacões, o degelo das calotes, enfim, assuntos que trazem para as primeiras páginas os graves problemas do clima de hoje. Se em períodos da História passada assistimos à deslocação maciça de povos, tribos e nações inteiras, como sucedeu nos séculos sucessivos à queda do Império Romano, hoje é impressionante ver as massas da população que abandonam os seus territórios, os seus países de origem, e se propõem atravessar rios, mares, continentes para alcançarem os vislumbres dum *El Dorado*, onde possam ter acesso a melhores condições de vida e a um estilo e nível de existência com maior dignidade. Desprotegidas, sujeitas às maiores atrocidades, ao arbítrio de oportunistas e vigaristas, quantos não vêm a falecer no caminho, muitas vezes perante a indiferença, a impassibilidade e até mesmo o egoísmo dos países que atravessam.

Este panorama dramático, objeto de estudo da geografia humana dos nossos dias, prende-se com a investigação de fenómenos afins, não tão recentes como as migrações motivadas por necessidades económicas, como em séculos passados se verificou, muitas vezes como consequência de grandes conflitos armados, e sejam de referência os que devastaram a Europa e afetaram outras regiões do mundo na passada centúria. Restabelecido um certo equilíbrio, alcançado um razoável bem-estar, são interesses hedonistas que motivaram depois as viagens e deslocações. O turismo justifica a busca do sol, do clima ameno, de interesses culturais, de paisagens idílicas... E a Europa e os Estados Unidos da América ganharam contornos paradisíacos, pelo nível de vida económico, pelo conforto, pela abundância, pela comodidade. As populações vítimas de situações de guerra continuada, de prepotência política e ditaduras, de injustiças continuadas, de despojamento, sobrevivendo em contextos de pobreza extrema, e de miséria humana, metem-se à estrada, dispostas a atravessar continentes, países, rios e mares, e... nem sempre alcançam o seu almejado destino. Outras vezes, quando o atingem, o acolhimento é deficiente, os problemas de reterritorialização de diferentes tipos e natureza desmontam todo o mundo de sonho que ditara a partida.

Perante este universo, a literatura não é imune aos dramas humanos evidenciados por estes novos heróis da estrada. Já não são mercadores, não são peregrinos, não são turistas, nem vulgares vagabundos. São caminhantes do nada em busca do sonho. A produção literária mais contemporânea, não necessariamente a pós-moderna, abre as portas à realidade em que vivemos e não ignora a tragédia destas populações em migração, que infelizmente não se reduzem a franjas da indigência. Deslocando-se do campo para a cidade, sentindo-se estrangeiro no meio de conhecidos, depois de uma cultura para outra, devido a perseguições raciais, religiosas e/ou políticas ou simplesmente procurando modos de ganhar a vida de maneira mais digna, a título individual ou em grupo familiar, os problemas de desterritorialização e reterritorialização nem sempre se pautam pelo sucesso e frequentemente são vividos de modo pungente, quando não mesmo trágico.

Resultando de um projeto de Pós-Doutoramento em Literatura, subordinado ao tema *A construção de territórios literários a partir de experiências migratórias de reterritorialização. O encontro entre a Geografia e a Literatura na obra de autores*

*brasileiros*, esta obra reflete as questões anteriormente afloradas através duma estrutura criteriosa, assente numa sólida fundamentação teórica e metodológica, justificando a original abordagem da literatura através duma perspectiva eminentemente adequada aos estudos da área da geografia humana para a abordagem das experiências migratórias de desterritorialização e reterritorialização. Como objeto de estudo, centra-se em obras narrativas de autores brasileiros provenientes da diáspora e que agora contribuem com traços da respetiva identidade de origem para a construção da cultura brasileira contemporânea. O *corpus* analisado incide sobre títulos de Clarice Lispector, de proveniência judaica-ucraniana, Nélide Piñon, com raízes galegas, e, de procedência italiana, António de Alcântara Machado, Zélia Gattai e Dagoberto Lima Godoy. Valorizado por uma considerável bibliografia crítica seletiva sobre a qual assenta a análise aí expandida, a originalidade dos resultados e conclusões alcançadas evidencia-se, então, retomando as palavras da autora, “[pel]a profícua relação entre a Literatura e a Geografia”, ao enfatizar “novos (ou renovados) alinhamentos” do campo da ciência geográfica através da visão e apresentação expressas pela “narração lúcida de escritoras e escritores que escreveram sobre os territórios, as sociedades e os fenómenos que perspetivaram e proporcionaram situações de contraste e de continuidade”, sendo na generalidade dos casos, eles mesmos atores das migrações descritas e dos processos de desterritorialização e reterritorialização transpostos para o plano da ficção.

Acolheu este projeto de pós-doutoramento a Universidade da Madeira. Instalada numa ilha, espaço de isolamento, de chegadas e partidas, de contactos e intercâmbios variados, o arquipélago há cinco séculos que é o cenário privilegiado de experiências desta natureza. Chegados os colonos, nem sempre os contactos com o continente foram fáceis e acessíveis. Cedo entraram em cena também figuras envoltas num manto de mistério vindas de países distantes, gerando à sua volta um rol de histórias e lendas. Eram imigrantes, outros exilados que procuravam o esquecimento, umas vezes forçado, outras por questões de segurança e sobrevivência. Também houve mais tarde a vaga de emigração, igualmente na busca duma vida melhor e mais facilitada. Grande parte aportou à Venezuela, mas outros destinos também seduziram a população da ilha, como os Estados Unidos ou o Brasil. A era do turismo ali cedo chegou. O clima ameno durante todo o ano atraía os “sun lovers”, mormente os ingleses, mas não exclusivamente, e abre-se então o caminho

para as grandes rotas do turismo. Naturalmente que a produção literária e artística não podia ignorar estas experiências de viajantes que entravam, saíam, passavam ou instalavam-se, de modo mais ou menos sereno, mais ou menos dramático. A literatura de viagens é abundante, mormente na perspectiva do visitante. A ficção não deixa de focar também os dramas da imigração e da emigração. Por vezes, associada à realidade social vivida nas ilhas da Macaronésia – em qualquer um dos outros arquipélagos, dos Açores, Cabo Verde, mas também das Canárias –, admite-se, no entanto, que a realidade madeirense, neste setor, não assume vértices de intensidade tão pungente. Antes predomina a imagem dum pequeno paraíso, gerada desde a alvorada dos primeiros autores que sobre estas ilhas escreveram.

Além disso, todas estas questões não passam ignoradas na imprensa da ilha, nem deixam de ser motivo de debate. Inclusivamente no âmbito académico, a Universidade não poderia fazer *tabula rasa* destas matérias. Naturalmente que cursos centrados na Geografia Humana dos diferentes espaços, bem como sobre fenómenos tão pertinentes nos nossos dias, como é o caso do Turismo, abundam em quase todas as Universidades. Mais raro é encontrar a reflexão destes fenómenos associada à respetiva representação na literatura e nas artes. E na Universidade da Madeira existem percursos letivos que apontam nesse sentido. E compreende-se a razão, porque o turismo é um setor por demais representativo para a sustentabilidade do arquipélago. Ora na área das Humanidades, onde se cruzam os vetores atrás enunciados, há cadeiras que abordam especificamente estas matérias nesta mesma perspectiva. Ao nível da licenciatura, Introdução à Literatura e Turismo, reflete sobre as relações entre estas duas áreas, centrando-se na literatura de viagens, de escritores para leitores viajantes, e evidenciando o turismo literário enquanto segmento do turismo cultural, em que as motivações e as experiências tidas são relevante objeto de abordagem. De modo mais incisivo, as categorias do turismo literário são avaliadas no plano do texto, tendo em conta a inserção das personagens no espaço e, no plano do autor, tendo em consideração a sua origem e experiências. O objeto daí resultante é, pois, a composição das cartografias literárias, em que assume particular pertinência a autenticidade e a construção social das cidades na literatura, com os contributos da geocrítica, da geopoética e da ecocrítica. Não se menosprezam, no entanto, as propostas de implementação de roteiros literários através da aliança tecnológica e cultural e o papel dos mediadores culturais e turísticos. Como tal, além de se identificar o contributo de

autores/obras literárias na sua relação com o Turismo e se reconhecer as virtualidades da literatura na criação de lugares literários, visa-se a investigação de contributos teóricos suscetíveis de alicerçar práticas de implementação do turismo cultural, a construção de itinerários turístico-literários que tenham como base o sistema literário e a indicação de estratégias literárias para o desenvolvimento do Turismo.

Num nível mais avançado dos estudos, de Mestrado / 2º Ciclo, a unidade curricular de Turismo Cultural problematiza as noções básicas de turismo, aqui entendido como fenómeno multidisciplinar e manifestação do processo de globalização, bem como das tendências sociológicas e económicas em curso, com o objetivo de refletir sobre a problemática do desenvolvimento turístico. Já no âmbito da incidência sobre os mercados chave e os nichos de mercado essenciais no contexto da periferia e insularidade, permite-se, por conseguinte, uma especial atenção centrada na evolução do setor na Região Autónoma da Madeira, pelo que se torna pertinente identificar as razões que presidem à crescente importância do turismo cultural como expressão das tendências globais. Pertinente é a valorização, neste contexto, das motivações chave e a experiência e oferta do turismo cultural no âmbito da Macaronésia. Justifica-se, assim, que se proceda a uma breve introdução às metodologias, qualitativas e quantitativas, de investigação em turismo, para, num segundo momento, problematizar a delimitação da área do turismo e da cultura, valorizando o turismo do Património Cultural, em que é dado particular relevo à História e a aspetos como Construção, Representação, Conservação e Integração de Identidade patente no produto turístico. Conceitos como Mito, Aura, Imaginário e Emoção revelam-se determinantes para a consolidação da base teórica visando a atribuição de sentido a textos, eventos, problemas ou artefactos em contextos culturais específicos. Concomitantemente, se o *travelogue* é apreciado como veículo da Comunicação Intercultural, equaciona-se a dimensão ética do Turismo Cultural. Encarado o assunto noutra perspetiva, a conformidade entre Turismo, Memória e Identidade concilia História e Património, distinguindo-se entre espaços e lugares, edifícios, vias e produtos do mundo rural e urbano. Mais especificamente, o encorajamento para a conceção de visitas turísticas culturais enquadradas na História de Portugal e da Madeira acaba por se associar ao desenvolvimento de circuitos com incidência nas componentes político-social e religiosa. Por todos os motivos enunciados, reavaliam-se as formas de articulação

da literatura com o turismo, retomando os contributos teóricos da geopoética, da geocrítica e da ecocrítica. Em suma, a identificação do modo como a literatura propicia o desenvolvimento do turismo literário acaba por contribuir de modo relevante para a elaboração do inventário das paisagens literárias da Madeira, tendo em vista a produção de um Atlas turístico-literário.

Por conseguinte, este projeto agora desenvolvido por Maria de Fátima Velez de Castro não poderia ter encontrado melhor instituição de acolhimento. Poderemos mesmo afirmar que ao centrar-se sobre a vertente das migrações e nos problemas por elas levantados se complementa o panorama das deslocações das populações. O turismo é o paravento dourado das viagens do nosso tempo; as migrações, a tentativa de resolução das dificuldades vividas por largos setores dessas gentes em movimento. Analisar este fenómeno à luz da criação literária de autores dum País que se enriqueceu dum ponto de vista humano com o acolhimento de imigrantes, e ainda por cima descendentes de famílias que por vezes preservam tradições, valores, modos de vida, é como que analisar um autobiografia coletiva dum Brasil que se identifica com todos eles. Outras vezes, e às vezes até em simultâneo, como no caso particular de Clarice Lispector, foca-se uma constante busca para se encontrar o lugar certo dentro duma nação do tamanho da Europa, fenómeno que se traduz em migrações internas, geralmente do campo para a cidade. As dificuldades enfrentadas assim reconstituídas, umas vezes de modo trágico, outras vezes de modo cómico, bem nos fazem ocorrer aquela célebre formulação de Eça de Queirós, contida n'*A Relíquia* – “Sobre a nudez crua da verdade, o manto diáfano da fantasia” –, para caracterizarem as duras experiências das migrações, tanto vividas em total isolamento, como coletivamente, representadas aqui sob a mágica lente da literatura. Cada enredo reflete o modo como todos as experienciaram, com marcas que os estigmatizaram para a vida inteira, ou até mesmo aos seus descendentes que, orgulhosamente, nelas se inspiram para relatarem ao mundo essa gesta por eles vividas ou pelos seus antepassados, nessa contumaz busca do sonho que ao fim e ao cabo alimenta a vida.

Manuel Ferro

Maria Teresa Nascimento





**1 - COMO INTRODUÇÃO:**

**JUSTIFICANDO A MAIS “ÚTIL  
INUTILIDADE” DO DIÁLOGO ENTRE A  
GEOGRAFIA E LITERATURA**



A inspiração para o mote da introdução a este trabalho e ao texto daí resultante, adveio do título da publicação de Antônio Brasileiro intitulada “Da inutilidade da poesia”, referente à tese de Doutorado que defendeu em 1999 na UFBG<sup>17</sup>. Na obra, o autor reflete sobre a necessidade da existência da poesia, numa época em que a sua importância é repetidamente questionada.

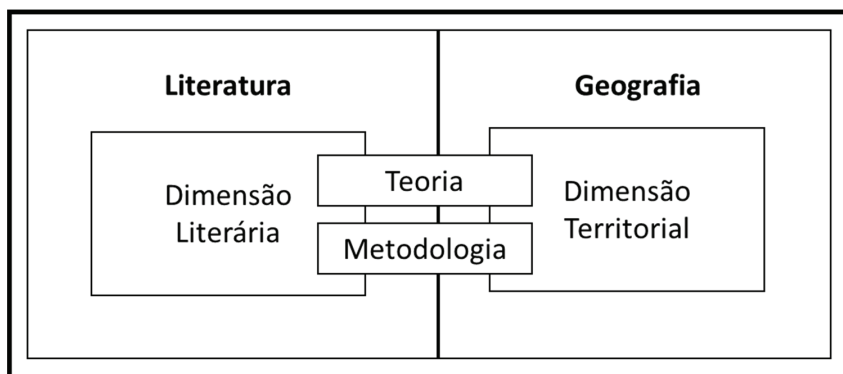
Esta ideia é válida para muitas outras situações, quer fora, quer no cerne da(s) ciência(s), colocando-se em causa a necessidade e utilidade de outros saberes que não estejam no escopo das ciências ditas naturais, quer por não se arrogarem de metodologias quantitativo-laboratoriais, quer por não terem uma aplicação pragmática imediata nas práticas quotidianas. Sobre a questão, Ordine e Gouveia (2017: 17) sintetizam, de uma forma magnífica, esta conceção de (in)validade, ao referirem que “[...] hoje em dia, infelizmente, no universo do utilitarismo, um martelo vale mais do que um quadro, uma faca vale mais do que um poema, uma chave inglesa vale mais do que uma sinfonia, pois é mais fácil compreender a eficácia de um utensílio, ao passo que é cada vez mais difícil compreender para que serve a arte, a literatura ou a música”.

No que concerne à investigação que se apresenta, o que se visa defender, de um modo geral, é a necessidade absoluta das humanidades e das ciências sociais, como produtoras de conhecimento para a sociedade, a qual necessita de refletir sobre a evolução das suas práticas; de uma forma específica, pretendemos aliar visões da Geografia e da Literatura, enquanto campos de saber interligados pela vertente cultural, social e humanista.

Ambas as áreas se constituem como pilares estruturais para a compreensão e explicação de fenómenos territoriais contemporâneos, pelo que o objetivo principal deste trabalho é o de coligar as dimensões científicas da Geografia Cultural e da Literatura, interrelacionando de forma assertiva perspetivas teóricas e abordagens metodológicas. Matozzi (2019), sobre esta dinâmica, refere a importância da recuperação das memórias culturais passadas e as continuidades do presente, numa lógica de transdisciplinaridade que implica, necessariamente, leituras e diálogos epistemológicos e metodológicos diferenciados, mas ao mesmo tempo coadjuvantes e complementares. Assim se poderá explorar, de forma mais completa, a dinâmica das migrações contemporâneas, indo buscar pistas empíricas a obras literárias com cariz biográfico e/ou ficcional (fig. 1).

---

<sup>17</sup> Brasileiro, António (2012), *Da inutilidade da poesia*. 7 Letras, Rio de Janeiro, Brasil, 158 pp. Disponível em: <https://www.7letras.com.br/da-inutilidade-da-poesia.html> (acedido em 04/12/2019).



**Fig. 1** - Inter-relação entre a Literatura e a Geografia.

Este tipo de perspectiva científica interdisciplinar assenta numa visão académica e social de carácter holístico e de diálogo entre disciplinas. Entende-se que só assim se conseguirá responder aos desafios crescentes do mundo atual, onde urge a promoção de valores como a tolerância e a busca de conhecimento da/o “outra/o” que constitui o nosso entorno.

Por isso, para melhor consubstanciar estes propósitos, também se pretende atingir vários objetivos específicos, a saber: refletir sobre a importância da Literatura para a compreensão de fenómenos geográficos; utilizar metodologia de análise literária que favoreça o conhecimento geográfico; perceber a importância da literatura biográfica e ficcional no contexto das migrações brasileiras; analisar obras de autores brasileiros, do ponto de vista da perceção dos seus territórios de origem e de destino; relacionar os percursos geo-literários, sociais e culturais desses autores com o campo teórico em Geografia das Migrações.

Em termos de exploração inicial para a temática em causa, e no que concerne ao estabelecimento do plano de trabalho, refira-se a importância dos trabalhos de Ferro (2006: 87; 2008:42; 2012: s/p; 2015:77) e Nascimento (2003: 235; 2008; 25; 2009: s/p); 2012/2013: 372; 2013: 193), os quais versam a dimensão da viagem ligada às migrações italianas e brasileiras, assim como à diáspora portuguesa, numa lógica de contacto com “a/o outra/o”.



O papel da Literatura na sociedade é decisivo para criar comunidades mais conscientes de si mesmas, assim como destas/es “outras/os” que fazem parte do seu entorno. Sobre este aspeto, o geógrafo Paul Claval (2006: 21) entende “o livro” como o instrumento gerador de uma geografia das memórias coletivas. Como manifestação cultural - a Literatura como domínio e o livro como instrumento - atuam de forma ativa e pragmática na forma de entender e agir no mundo. Como pilar estruturante da cultura coletiva, Mitchell (2007: 63) afirma que se trata de uma esfera muito importante da vida humana, que pode interferir noutras esferas como a política, a economia ou a sociedade. André (2020: 25) refere-se à literatura e ao livro como instrumentos geradores da possibilidade de diálogo, de contestação, de questionamento, de resposta, de observação e entendimento “o outro”. Também Souza (2011: 74) destaca o papel do livro, da leitura e da compreensão de texto, como uma abordagem desejável na educação geográfica, por recorrer a mecanismos como a percepção, a memória e à observação de práticas sociais e espaciais.

A Geografia, enquanto ciência que tem como objeto de estudo o(s) território(s), numa perspetiva integrada, busca auxílio concetual e metodológico noutras áreas que vão das Ciências Sociais, Ciências Naturais, Ciências da Educação, passando também pela Arte e pela Literatura. Morais e Callais (2012: 10), advogam a importância desta última disciplina para a Geografia, uma vez que a noção de lugar, embora possa ser o produto de uma conceção científica baseada em procedimentos sistemáticos, também deriva da observação imaginativa e reflexiva do escritor. Velez de Castro (2005/2006: 58) advoga esta ideia, defendendo Cravidão (2005:30) inclusive que “[...] a Literatura constitui um campo vasto no qual o geógrafo pode encontrar, quase sempre em espaços ficcionados, percursos sociais, cenários económicos e culturais que podem ajudar a compreender as relações, quase sempre complexas, entre a população e o território”. Tal ideia é corroborada por Azevedo e Pimenta (2006: 11), ao referirem que a metáfora do texto integra em si práticas espaciais significantes, nomeadamente a representação de paisagens e de lugares. Além disso, Simões (2011: 11) defende que a literatura se constitui como um meio rico e de emergência cultural, vindo a despertar o interesse das mais variadas áreas, desde a política, à sociologia, psicologia, filosofia, ensino. Acrescente-se, também, o grande interesse por parte da geografia.

Isto quer dizer que, para um geógrafo, o texto literário ganha um duplo significado: o do estrutural, que se pode revelar pela conceção técnica e estilística; o do conteúdo, fundamentado pelas ideias transmitidas e pela visão criada em torno do enredo. São vários os autores que defendem a ligação ontológica entre a Geografia e a Literatura. Brosseau e Cambron (2003: 533) validam a literatura associada aos estudos geográficos, uma vez que “*la géographie (entendue comme le monde extérieur dans ce qu’il a de concret) informe l’écriture et l’imaginaire de l’écrivain*”. Numa perspetiva mais alargada, Onfray (2009: 31, 33) afirma que “o Atlas” não revela tudo, pelo que assume a literatura e a poesia como expressões fundamentais para prover a essencialidade deste instrumento cartográfico. Segundo este autor, o/a escritor e a/o poeta, através da sua consciência e sensibilidade, conseguem dotar os textos de figuras precetivas capazes de atribuir mais pormenores dinâmicos ao fenómeno em análise. Também Tuan (2008: 161) parece enveredar por esta via analítica, ao assumir que a construção do espaço deriva da forma de olhar dos indivíduos. Vai mais longe, assumindo que “*The function of literary art is to give visibility to intimate experiences, including those of place. [...] Literary art draws attention to areas of experience that we may otherwise fail to notice*”. (Op. Cit.: 162).

Concebe-se assim a construção da espacialidade completa, fruto da interseção entre o método científico e a expressão artística da escrita. Marandola Júnior e Gratão (2010: 10) defendem que a literatura produz conhecimento criativo, não se limitando à descrição de um lugar ou de uma paisagem. É uma organização polifónica da percepção, que ajuda à compreensão de fenómenos sócio-espaciais. Piatti, Reuschell e Hurni (2009: 8) chamam a atenção para o facto de a literatura transmitir ideias individuais do/a autor/a, pelo que pode omitir pormenores e visões, e que à primeira vista pode ser interpretado como uma perspetiva analítica “parcial”. Por isso advogam a necessidade de explorar, de forma diversificada, as abordagens literárias sobre os fenómenos territoriais. Nessa linha de ideias, Choupina (2005: 48) defende que o geógrafo tem o papel de interpretar os conteúdos textuais, ao referir que “A recriação ficcional de uma realidade espacial concreta associável ao profundo conhecimento e à sentida experiência de vida que o autor tem dessa realidade – a ponto de funcionar como geossímbolo – pode levar a que os pretextos literários sejam interpretados numa dependência direta dos contextos geográficos”.

Assim sendo, entendeu-se que seria desejável materializar uma abordagem analítica-casuística onde se aliasse a visão epistemológica da Geografia à Literatura, com o pressuposto de dotar a investigação de instrumentos com os quais se pudesse realizar uma análise de conteúdos válida do ponto de vista científico. Neste sentido, Piatti, Bär, Reuschel, Hurni e Cartwright (2009: 191) discutem as várias possibilidades de cartografar conteúdos literários, tanto numa dimensão qualitativa como quantitativa, sendo autores a ser tomados em conta no que diz respeito à dimensão metodológica que se pretende explorar e aplicar neste trabalho de investigação. Também a perspetiva de Azizi e Afrougheh, (2013: 642) é importante, uma vez que destacam a perceção como processo de construção territorial, a qual é mediada por elementos reais e imaginários observados/percebidos no espaço.

A consubstanciação deste trabalho teve como base a análise de obras de vários autores e autoras brasileiros/as, que se integram nos sistemas migratórios sul-americanos. A escolha deste enfoque geográfico teve como base as conceções de Haas, Castles e Miller (2020: 170). Segundo os autores, nenhuma outra região mundial na história moderna foi tão afetada pelas migrações internacionais, numa lógica de mobilidade que ligou a América e a Europa. O foco estará nas deslocações transatlânticas Este-Oeste, realizadas no séc.XX, em especial nos fluxos direcionados ao Brasil.

São vários os nomes de interesse no contexto brasileiro, tendo sido alvo de análise como possibilidades de trabalho, a saber: de ascendência espanhola, Nelida Piñon (1937) e Fernando Paixão (1955); de ascendência italiana, João Silvério Trevisan (1944), Zélia Gatai (1916-2008) e Luiz Ruffato (1961); de ascendência alemã, Jorge Mautner (1941), Hilda Hilst (1930-2004) e Augusto Frederico Schmidt (1906-1965); de ascendência polaca, Paulo Leminski (1944-1989); de ascendência libanesa, Raduan Nassar (1935), Milton Hatoum (1952) e Salim Miguel (1932); de ascendência russa, Olga Savary (1933) e Moacyr Scliar (1937); de ascendência ucraniana, Clarice Lispector (1920-1977); de ascendência japonesa, Tisuka Yamasaki (1949) e Manabu Mabe (1924-1997); entre outras e outros.

Neste trabalho em concreto, julgou-se pertinente focar a investigação em três grupos migratórios, particularmente através do estudo de obras de Clarice Lispector (diáspora judaica, da Europa de Leste); Nélide Piñon (diáspora espanhola); Zélia Gattai, Dago-berito Lima Godoy e António de Alcântara Machado (diáspora italiana). Espera-se que a



alteridade geocultural expressa pela mesma língua, seja o denominador comum presente na análise geo-literária destas escritoras e destes escritores (Cardoso e Ribeiro, 2007: II).

A perspectiva literária passará pelo que Haesbaert (2004: 127) define como reterritorialização, que se materializa no processo decorrente da desterritorialização dos indivíduos, ou seja, da perda de território de origem. Na prática, significa que há um grupo de indivíduos que, por diversos motivos, decide ou é obrigado a sair do seu lugar de referência, do local de onde provém, tendo de se mover para um diferente espaço geográfico, com dinâmica funcional diferente da do território de origem. Ora isso implicará, num momento inicial, uma perda de identidade espacial, que poderá envolver a gestão de situações negativas, associadas ao choque com uma nova comunidade e com uma nova territorialidade. Pode traduzir-se em sensação de medo, desconforto, insegurança, alienação, isolamento.

Contudo, o próprio instinto de sobrevivência, de transformação indicará a necessidade de integração no(s) novo(s) lugar(es), com a conseqüente reformulação dos referenciais espaciais e da identidade geográfica, numa lógica daquilo a que designa da “reconstrução do território” do(s) indivíduos(s) – a reterritorialização (fig. 2). Trata-se de um quadro conceptológico constante da teoria das migrações, que se assegura como essencial para compreender a dinâmica dos fluxos e dos sistemas de mobilidade. Na prática, é possível perceber sinais associados aos conceitos em causa, através da prática analítica do discurso literário.

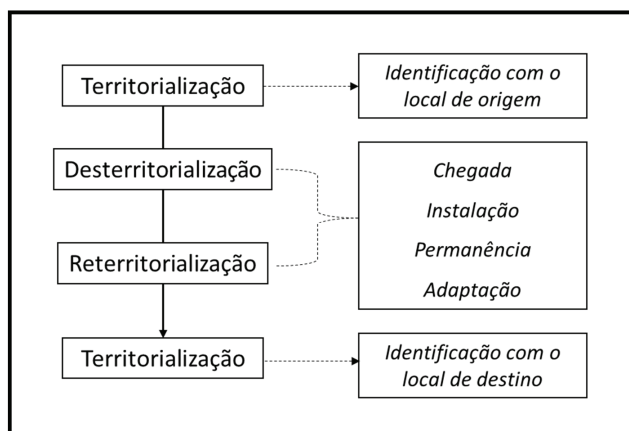


Fig. 2 - A reterritorialização a partir do processo de territorialização e de desterritorialização.

As obras em análise serão entendidas (também) como produto da construção do imaginário geográfico dos autores e das suas vivências territoriais e sociais. A propósito, Cunha (2011: 12) afirma que “Este conceito de “imaginário geográfico”, oriundo da geografia pós-moderna ou crítica, envolve a ideia de que o discurso geográfico não reflecte apenas o mundo, ele é constitutivo desse mundo, numa forte articulação entre natureza e cultura. A geografia funciona assim como um elemento mediador, através de um conjunto de imagens mentais sobre o mundo que nos rodeia”.

Por isso, a partir destes textos literários, serão tidas em conta pistas espaciais de interesse, nomeadamente descrições de cenários, de paisagens, de indivíduos, de sistemas sociais e culturais, de territórios da quotidianidade, de abordagens cronotópicas, que possam contribuir para o conhecimento da geografia das migrações brasileiras.





**2 - A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS  
LITERÁRIOS A PARTIR DE  
EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS  
DE RETERRITORIALIZAÇÃO:  
UMA ANÁLISE INTEGRADA  
DAS OBRAS**





Antes de avançar para análise das obras propriamente ditas, urge apresentar e discutir a constelação conceitual de base deste trabalho, ou seja, o quadro teórico que se constitui como o *corpus* epistemológico que mediou a conceção analítica das obras literárias (fig. 3). E se a Literatura forneceu o(s) objeto(s) de estudo – a(s) narrativa(s) – foi a Geografia que se encarregou de integrar a visão territorial sobre o tema em estudo – as migrações.

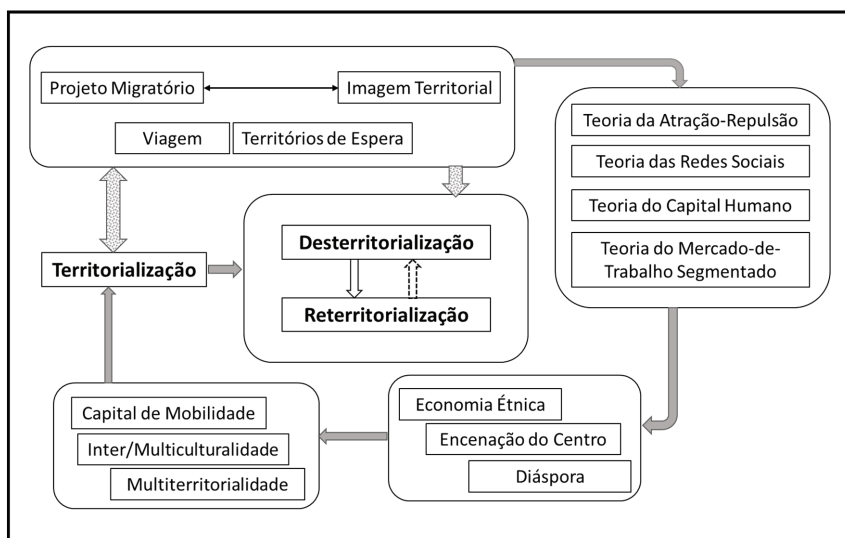


Fig. 3 - Constelação conceitual do estudo: em torno da Te/Des/Reterritorialização.

Neste sentido, os conceitos centrais partiram da trilogia territorialização-des-territorialização-reterritorialização, dando origem a um esquema cujo entorno é constituído por quatro subconstelações. Torna-se necessário recorrer a Haesbaert (2003: 15-18; 2004: 127-133) para discutir a dinâmica da **territorialização**, numa lógica de **topofilia**, isto é, na relação afetiva, emocional e identitária que os indivíduos estabelecem com os territórios. No que concerne às migrações, e numa fase inicial, em que a deslocação começa a ser equacionada, os migrantes encontram-se afetos a um determinado território, a que se pode designar “de origem”. Essa dimen-

são espacial faz parte da identidade individual, atuando o espaço quotidiano de presença como um elemento de equilíbrio, de segurança ontológica<sup>18</sup>.

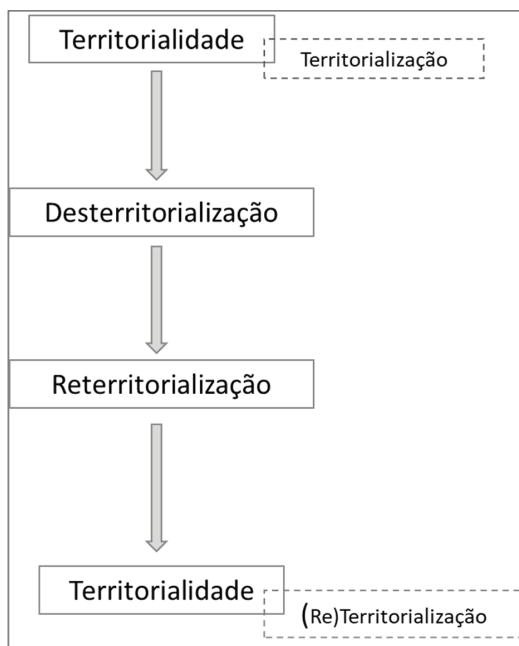
Todavia, aquando da consecução da mobilidade e da chegada ao local de destino migratório, ocorre uma perda do território onde o migrante estava inserido, envolvido, integrado. Este processo, designado de **desterritorialização**, pode ser considerado, num primeiro momento, com as características que Augé (2006: 72) confere ao **não-lugar**: numa lógica negativa, em que ocorre uma ausência do lugar a si próprio, ao nome que lhe é dado. Explicado de outra forma: a descaracterização e a ausência de relações topofílicas com o local de destino migratório, a incapacidade de o migrante interpretar, entender e se integrar na sua dinâmica quotidiana, pode levar à sensação de perda do território, à desintegração da identidade inicial. Autores como Clifford *et al* (2009: 161) questionam mesmo se atualmente, numa época em que a globalização torna similares comportamentos, características e dinâmicas de lugares relativamente distantes, poderá continuar a existir este sentimento de “perda territorial”.

Mas o processo de desterritorialização não é *ad aeternum*. Esta precarização da territorialidade acaba por ser um processo finito, pois acaba-se por estabelecer relações de poder com o contexto envolvente, numa lógica de identificação dos sujeitos e das dimensões territoriais (Fernandes, Trigal, Sposito, 2016: 147). Além disso, não há espaço sem tempo, o que significa que, no decurso da permanência, acaba por estabelecer uma relação com o território de chegada, numa lógica de **reterritorialização**. Sobre esta questão, Badie (1997: 166) refere que “O migrante saído do seu território, não vai dissolver-se noutra território, mas aliar-se à rede com a qual se identifica e no seio da qual uma série de indivíduos desenvolve o seu papel de intermediário cultural, escapando ao peso dos territórios”, Tuan (2008: 182) chama a atenção para o facto de a relação entre mobilidade e o sentido de lugar nem sempre ser fácil e imediata. É necessário (re)estabelecer-se uma rotina, que passa por contemplar, interpretar e conhecer lugares quotidianos, que vão desde a casa, ao bairro, à cidade, à região. No cerne destes, há microterritórios que precisam de ser incorporados na própria identidade, como é o caso da habitação, local de trabalho, espaços de lazer, escola, mercado, etc. (fig. 4).

---

<sup>18</sup> Excluem-se situações afetas a deslocados e refugiados, cujos territórios de origem se convertem em espaços de insegurança, em especial devido a conflitos bélicos, segregação de género ou orientação sexual, motivos religiosos ou políticos, etc.





**Fig. 4** - Da territorialização à reterritorialização.

No fundo, assume-se que a **identidade**, segundo Fukuyama (2018: 40), e numa concepção moderna, se alicerça sobretudo na individualidade, ou seja, no reconhecimento da existência do “eu interior” em contraposição ao “eu coletivo”, mediado não só por normas sociais e sistemas de comportamento, mas também pelas referências que são obsequiadas pelos territórios do quotidiano.

Mas voltemos à dimensão inicial de uma migração, em especial aos conceitos representados na *primeira subconstelação*. Considera-se o **projeto migratório** como sendo o plano traçado pelo migrante, o qual pressupõe a consecução de um conjunto de objetivos, que podem variar conforme as aspirações, mas que podem passar por áreas diversas como o emprego, habitação, educação, condição social, nível económico, entre outros aspetos. Para atingir essas metas de vida, é necessário sair do local de origem, pelo que no projeto migratório é essencial haver movimento, ou seja, a **viagem** no sentido da mobilidade, da deslocação. Na lógica de Onfray (2009: 9), a ideia de viagem inicia-se quando o viajante recusa a rotina quotidiana e se introduz numa lógica diferenciada de movimento. Esta visão está muito relacionada com a

temática das migrações, uma vez que também o migrante investe numa mudança de vida, numa alteração dos padrões diários, da permanência no espaço de conforto, o qual se pode ter tornado de desconforto. É nesse momento que se inicia a viagem, numa lógica de construção da estratégia de mudança, de translação, a qual se consubstanciará na deslocação em si.

Atente-se ainda que o projeto migratório é construído também com base na **imagem territorial**, a qual é constituída com base num conjunto de expectativas sobre o território de destino migratório. Estas derivam de uma construção que tem como base informações originárias de terceiros, com experiência migratória, assim como de fontes variadas como os media ou as redes sociais (Velez de Castro, 2014: 47) (fig. 5).

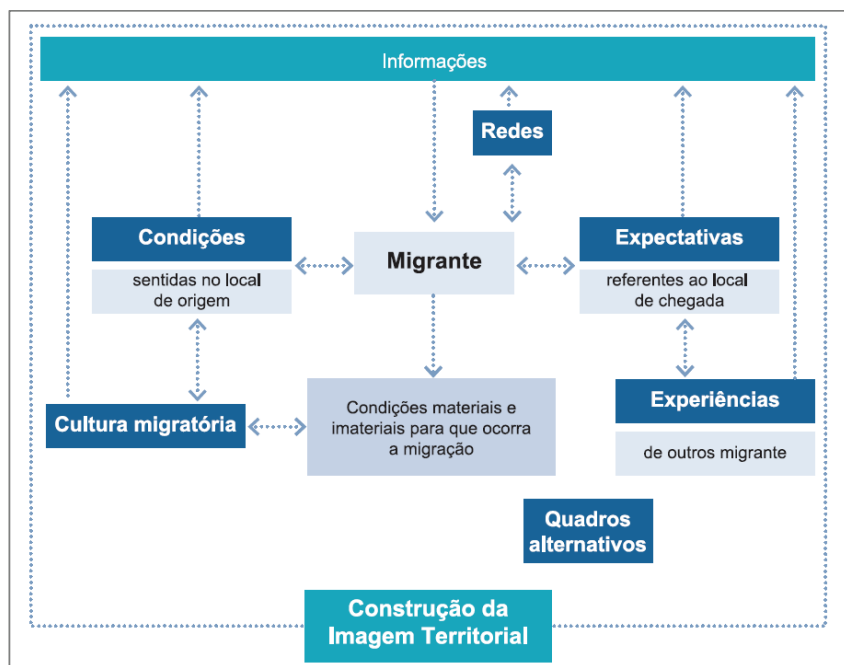


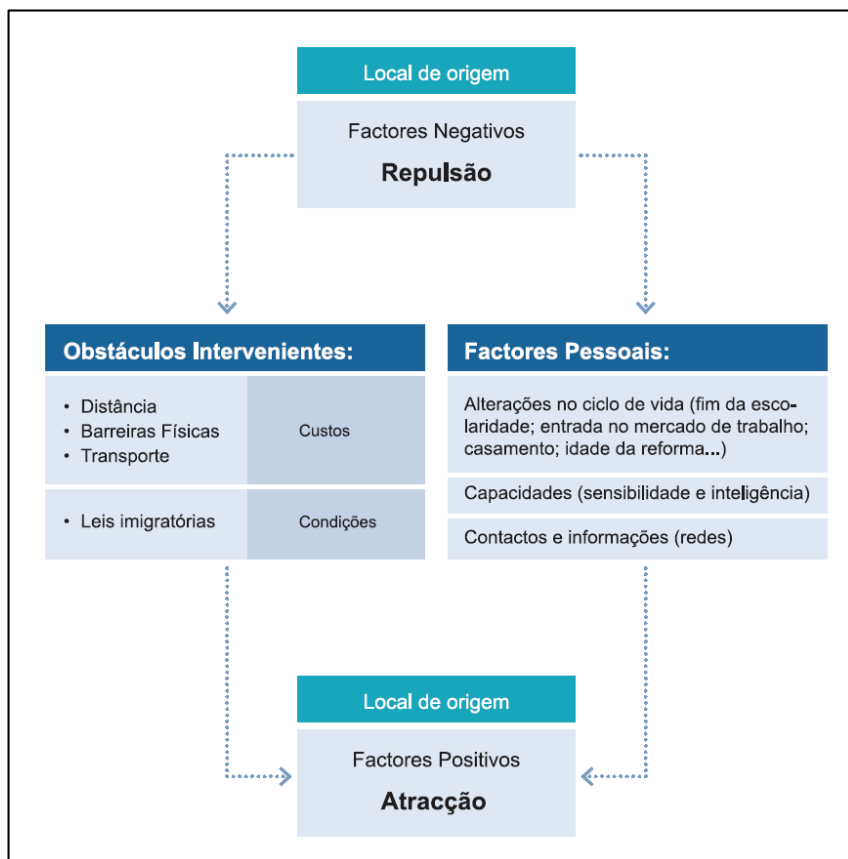
Fig. 5 - Dinâmica da imagem territorial (Fonte: Velez de Castro, 2014).

Também são importantes as condições sentidas no local de origem, as quais sendo repulsivas, podem condicionar a construção de uma imagem territorial sobrevalorizada do destino migratório. Pode também acontecer que a obtenção

de dados contraditórios ou incorretos, assim como a constituição de expectativas desadequadas e irrealistas, gere uma construção imagética irreal, que se transforma em frustração, aquando do contacto com a realidade.

Voltando à questão da viagem, há que ter em conta que nem sempre a deslocação é direta e imediata, podendo ocorrer momentos de paragem, por exemplo, no que diz respeito ao cruzamento de fronteiras. Autores como Vidal, Musset e Vidal (2011: 2-4) e Vidal e Musset (2016: 5), destacam a complexidade dos **territórios de espera** nas migrações, constituindo-se como espaços de múltiplas expressões, em que os migrantes veem o seu percurso, assim como a dimensão da sua mobilidade, se transformar em imobilismo. Se por um lado não podem avançar até ao destino pretendido, por outro não podem ou não querem voltar para o local de origem. Nas palavras de Onfray (2009: 37) “[...] já não estamos no lugar abandonado e ainda não estamos no lugar desejado”. Musset (2015: 310) afirma que é a espera que dá sentido a este espaço e ao tempo, que permanece suspenso.

No que diz respeito à segunda subconstelação de conceitos, procurou-se aferir as teorias migratórias com mais interesse para o estudo em questão, tendo em conta o facto de Matias (2014: 10) referir que as migrações deixaram de se centrar na dimensão laboral, para passar a estar relacionadas com fatores como o capital humano ou o investimento. Bakewell (2014: 302), reforça esta ideia, ao referir -se ao funcionalismo das migrações, isto é, ao facto de haver um conjunto de fatores que determina a dinâmica e a auto-regulação dos fluxos. Todavia, não deixa de ser essencial a referência à **teoria da atração-repulsão**, uma vez que foi esta que esteve na base da conceção do quadro teórico migratório atual. Concebida por Ernest Ravenstein no final do séc.XIX e revista por Everett Lee nos anos 60 do séc. XX, preconizava que as migrações ocorriam porque os indivíduos experienciavam situações negativas – fatores repulsivos – no local de origem, percecionando situações positivas – fatores atrativos – no local de destino migratório. Com base nesta dicotomia, urgia a necessidade de deslocação, embora tal não fosse evidente em todos os indivíduos. A decisão dependeria de fatores intervenientes de índole interna/pessoal (fase da vida, idade, aspirações, etc.) e de índole externa (políticas migratórias, etc.) (fig. 6).



**Fig. 6** - A teoria da atração-repulsão: visão integrada de Ravenstein e Lee (Fonte: Vêlez de Castro, 2014).

A dimensão laboral pode assumir um papel bastante importante no que concerne às motivações migratórias. A Escola Neoclássica defende esta ideia, destacando as diferenças salariais entre regiões como capazes de promover fluxos migratórios. Contudo, há outras referências que devem ser tidas em conta, nomeadamente a **teoria do mercado-de-trabalho segmentado**, que concebe o móbil da migração relacionado com a possibilidade do migrante obter emprego em setores do mercado que são preteridos pelos nacionais, por se traduzirem em funções mal pagas, inseguras e desprestigiadas, do ponto de vista social. Ainda assim, os alóctones sentir-se-iam atraídos por este segmento inferior de empregabilidade, por revelar

vantagens económicas superiores às obtidas no mercado-de-trabalho do país de origem. Na prática, presume-se que em muitos casos, os migrantes não entram em concorrência direta com os nacionais, no que diz respeito ao emprego, por estes últimos preferirem e poderem desempenhar funções mais bem pagas, seguras e prestigiantes, num segmento superior de empregabilidade.

Mas tal como já foi referido, a dimensão laboral nem sempre está em primeiro plano, ou melhor dizendo, nem sempre é a única motivação presente no projeto migratório. Por isso há que ter em conta os princípios da **teoria do capital humano**, que defende a importância da dimensão educacional e formativa na decisão de migrar. Isto significa que muitas vezes, os migrantes aspiram um local de destino migratório que lhes possa proporcionar, à sua geração e sobretudo aos descendentes, a possibilidade de melhorar o seu nível académico, assim como o domínio da formação profissional. Santos *et al* (2010: 7) defendem que se trata de um investimento a médio/longo prazo, já que se aspira, por via da educação, receber o proveito no que concerne ao aumento dos rendimentos e valorização da posição social do beneficiário.

Todavia, o impulso de migrar também é muitas vezes suportado pelo defendido na **teoria das redes sociais**. Bartram *et al* (2014: 48) referem-se às redes sociais como sendo um conjunto de relações fortalecidas por laços familiares e de amizade, que se materializam no auxílio a compatriotas, com destaque para mitigação dos riscos decorrentes da fase inicial da migração, no que concerne à viagem e integração (emprego, habitação, escola, etc.). Refira-se que Granovetter (1973: 1361) tem vindo a destacar a importância dos vários “níveis-fortaleza” de elos entre os elementos de um grupo, neste caso no que se refere às migrações, para o reforço de relações e continuidade dos fluxos. Dias (1995: 148) também chamou a atenção para o facto de as conexões serem responsáveis pela solidarização dos elementos que compõem a rede, as quais acabam por desenvolver relações sociais, económicas, políticas e culturais.

Esta última teoria está intimamente ligada a um dos conceitos da *terceira subconstelação*, isto é, à noção de **diáspora**. Bartram *et al* (2014: 48) definem a diáspora como sendo uma conceção que expressa o facto de uma população emigrada ter uma relação relativamente sistemática entre si, assim como uma

relação consistente com o território de origem, continuando a preservar práticas no âmbito da aprendizagem da língua, gastronomia, arte, etc. Nesse caso, existe uma forte identificação com uma origem comum, correspondente ao país de origem. Para Anteby-Yemini e Berthomière (2005: 263,264), a diáspora constitui-se como sendo um fenómeno decorrente de um fluxo migratório constante, que se baseia no desenvolvimento e manutenção de uma identidade coletiva no grupo de migrantes, mediada por contactos formais e informais, materiais e imateriais com o país de origem, estando internamente organizada por movimentos associativistas.

A diáspora pode estar relacionada com a constituição de **economias étnicas**, que Costa (2011: 85), do ponto de vista urbano, diz derivarem de dinâmicas económicas e culturais associadas à presença e concentração multicultural de migrantes em determinadas áreas da cidade/setores de atividade. Segundo Pécoud (2010: 64), trata-se de uma forma particular de empreendedorismo, por parte das comunidades migrantes, as quais colocam ao dispor da sociedade produtos e serviços, que muitas vezes se relacionam e materializam a continuidade da relação com o país de origem. Esta dinâmica é positiva em vários sentidos: se por um lado os migrantes, no papel de investidores, conseguem auferir rendimentos significativos a partir de negócios por conta própria, por outro constituem-se como empregadores de compatriotas e, por vezes, até mesmo de nacionais. Além disso, os autóctones têm acesso a um conjunto de bens e serviços diferenciados, o que acaba por estimular o contacto entre comunidades, numa lógica positiva de interação sociocultural.

Ainda na senda da conceção de diáspora, deve-se ser em conta aquilo a que Fernandes (2009: 205-206) designa por **encenação do centro**, ao referir que “[...] enquanto fator de reterritorialização dos imigrantes nos lugares de chegada, ocorrem processos de encenação do centro, isto é, reprodução de elementos, alguns com forte poder modelador da paisagem, associados ao lugar (“centro”) de partida”. Isto significa que, numa lógica de continuidade de laços entre o local de origem e o local de destino migratório, se promovem ações culturais, que nem sempre representam o que ocorre, de facto, naquele momento, no local inicial. Na prática, trata-se de uma representação cristalizada e reinterpretada, que funciona como elemento de manutenção da identidade coletiva, que diferencia face à restante comunidade.

Nesse sentido, e tendo em conta a *quarta subconstelação concetual*, estar-se-á face a um fenómeno de contacto entre grupos, de diferentes origens e matrizes culturais, numa dimensão múltipla. Na conceção de André (2009: 18; 2012: 30) a **multiculturalidade** refere-se à “[...] coexistência numa determinada sociedade e numa proximidade espacial de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes, articulando-se essa diversidade com presumíveis diferenças étnicas, religiosas, histórico-sociais, de nacionalidade, ou alargando-se o conceito a [...] estilos de vida, opções de género, classes sociais, etc”. Mezzadra e Neilson (2013: 163) analisam o conceito à luz do “multiculturalismo”, que se refere à dimensão política que envolve a conceção de planos e estratégias capazes de dar resposta à convivência, nem sempre tranquila, de grupos migrantes com geografias culturais diferenciadas. Bartram *et al* (2014: 102) também entendem o multiculturalismo numa lógica política, contudo chamam a atenção para o perigo de a conceção encerrar demandas politico-ideológicas que procuram soluções estratégicas que poderão andar perto da assimilação, no sentido de aproximar o mais possível os migrantes da identidade social e cultural da sociedade de acolhimento, sem preocupação ou respeito pela manutenção da matriz cultural original.

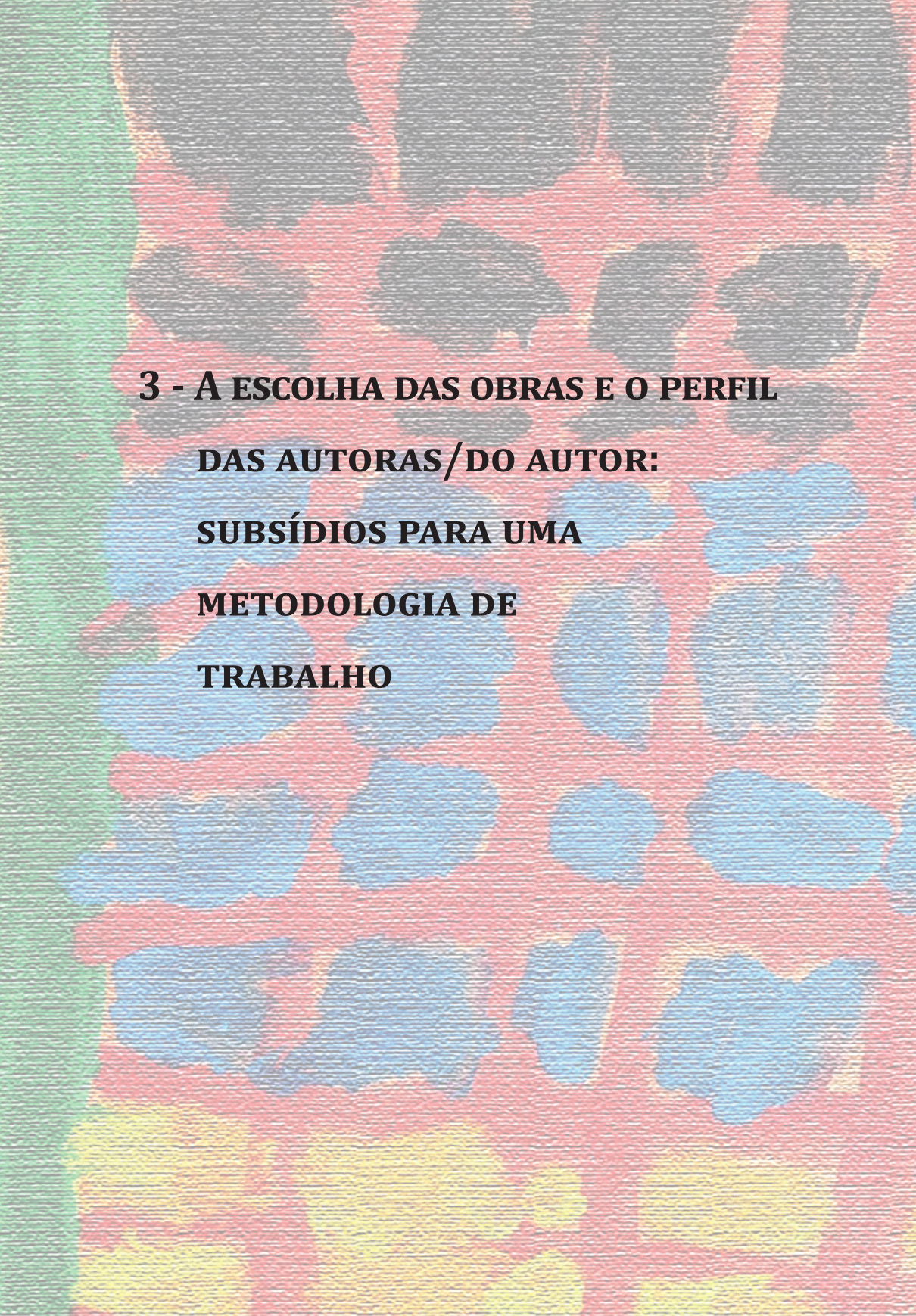
Na prática, a multiculturalidade traduz-se pela presença de grupos diferenciados, do ponto de vista da nacionalidade e dos sistemas culturais, que coabitam o mesmo território sem, contudo, estabelecer laços ou contacto. Todavia, há situações em que esse contraste se torna em continuidade, pelo que tal se designa por dinamismo de **interculturalidade**. Segundo Weissman (2018: 26), o termo refere-se à reciprocidade, interação, encontro, ou seja, o fenómeno ocorre quando se estabelecem pontes de contacto entre comunidades alóctones-autóctones e autóctones-autóctones.

No que concerne ainda à quarta subconstelação, urge abordar dois conceitos que se complementam. O primeiro é o **capital de mobilidade**, o qual se refere às capacidades e competências adquiridas pelos indivíduos, as quais decorrem de uma multiplicidade de experiências de mobilidade, que pode originar-se em simples viagens de lazer ou negócios, até movimentos migratórios dinâmicos, que incluem deslocações adjacentes ou retornos temporários ao local de origem (por exemplo, em férias). Isto significa que, em princípio, a prática contínua e sistemática da(s) viagem(ns), dará ao(s) seu(s) beneficiários um conjunto de aptidões que lhes permitirá movimentar-se melhor e adaptar-se mais rapidamente a territórios diferenciados.

Essa manifestação traduzir-se-á numa dinâmica de **multiterritorialidade**, ou seja, tendo em conta a perspectiva de Haesbaert (2004: 127) trata-se de uma expressão que deriva das múltiplas experiências territoriais, numa lógica de síntese. Neste sentido, o migrante consegue sintetizar em si várias dimensões espaciais, conjugando territórios de vivência, como o de origem e destino migratório, assim como múltiplas experiências de viagem com várias finalidades (trabalho, lazer, etc.).

Esta noção, assim como toda constelação concetual trabalhada, será uma constante nas obras literárias estudadas, que seguidamente serão alvo de análise.





**3 - A ESCOLHA DAS OBRAS E O PERFIL  
DAS AUTORAS/DO AUTOR:  
SUBSÍDIOS PARA UMA  
METODOLOGIA DE  
TRABALHO**



Os autores estudados, possuem como denominador comum uma origem europeia, tendo feito parte do(s) fluxo(s) migratório(s) transatlântico do final do séc. XIX, início do século XX. A vivência migratória da deslocação é fruto do projeto de vida da geração dos pais, tendo a descendência, na função de escritoras e escritores, passado para o papel uma observação crítica e sentimental de segunda geração. As três diásporas escolhidas – a ucraniana, a espanhola e a italiana – decorreram numa relação em que se tomou em conta a geografia das migrações no contexto brasileiro, mas também a pertinência temática dos autores estudados no panorama literário e geográfico contemporâneo.

No âmbito da diáspora ucraniana, foi trabalhada a obra de **Clarice Lispector** (1920-1977), uma das escritoras de língua portuguesa mais importante do século XX. Com uma produção literária profundamente reflexiva e existencialista, perscruta de forma intensa a intimidade psicológica das personagens que cria, as quais representam indivíduos com quotidianidades aparentemente banais, em rasgos momentâneos que se unem para formar um todo narrativo. Lídia Jorge, no prefácio a “Laços de Família”, da editora Relógio d’Água (2012: 2, 3) destaca tal facto, ao referir: “[...] quem leu sabe que a prosa de Clarice assenta numa daquelas raras escritas da qual se sai diferente quando uma vez lá se entrou, como se ela mesma fosse e contivesse em si a oferta de uma revelação surpreendente e por vezes devastadora [...]”. Suponho mesmo que Clarice pertence àquela categoria de escritores para quem o fulgor é encontrado em breves momentos sem antecedente nem conseqüente, ainda que múltiplos e repetidos, sendo os romances tentativas de conjugar parcelas que não precisariam de ser emparceladas para constituírem totais”.

Esta característica construtivo-estrutural da sua obra, como estratégia narrativa, é muito importante para o leitor e para o investigador, pois parece permitir evidenciar, de forma particularizada, determinados aspetos das histórias, dos lugares e das personagens. A narração “por parcelas” é muitas vezes curta, intensa e incisiva, dando as pistas necessárias para se compreender o fenómeno abordado com mais clareza, depurado de qualquer contorno mais obscuro ou menos necessário. Para o estudo em causa, o qual incide sobre a compreensão experiências migratórias de reterritorialização, tal estrutura facilita sobretudo a compreensão da tipificação das personagens, assim como a sua atuação.



O tema das migrações – internas (nordestinas) e externas (internacionais) – aparece de forma transversal, associado tanto aos percursos ou projetos de mobilidade, como também às características particulares dos intervenientes. Sendo ela própria uma migrante em três momentos da sua vida, parece refletir, consciente ou inconscientemente, as suas vivências não tanto no primeiro momento, em que acompanha a família na deslocação entre a Europa e o Brasil, mas antes no segundo, quando realiza a migração, com o pai e as irmãs, do Recife para o Rio de Janeiro. Sobre este momento, Moser (2010: 113) afirma: “Pedro Lispector tinha mais em comum com os imigrantes portugueses do que com aqueles que eram agora os seus concidadãos nordestinos. Após vários anos de trabalho, a sua atividade no Recife continuava sem prosperar, e ele tinha esperanças de que a capital lhe oferecesse um campo mais vasto para as suas ambições. [...] No Rio teriam uma escolha maior”.

As migrações internas, nomeadamente os fluxos nordestinos em direção às metrópoles do Sul, ganham especial destaque, tornando-se o tópico central da novela “A hora da estrela” (1977), em que se aborda a mobilidade subúrbio-centro no romance a “A cidade sitiada” (1949).

O terceiro momento, relacionado com a sua vivência enquanto esposa de diplomata na Europa e nos Estados Unidos da América, reflete-se em especial nas observações realizadas pelas personagens, quando aludem a aspetos da paisagem que têm oportunidade de experienciar, ou que recordam, aquando de reflexões em torno das suas próprias vivências.

Como narradora onnipresente, tem oportunidade e capacidade para observar as personagens e realizar reflexões em torno dos seus sentimentos, comportamentos e características, o que é extremamente importante para o conhecimento do processo de migração, pois não só dá a conhecer a dinâmica dos indivíduos relatada por eles mesmos, ou seja, pela revelação dos seus pensamentos, emoções e intenções, como também invoca reflexões e juízos de valor em torno das suas ações. Neste caso vai mais longe, pois exterioriza-se enquanto observadora, e enquadra as personagens num quadro cronotópico que alia a figura-dinâmica do indivíduo, à quotidianidade que o rodeia, tanto do ponto de vista espacial como social.

Este processo narrativo é bastante importante, já que nos dá a conhecer personagens riquíssimas como Macabéa (“A hora da estrela”, 1977) ou Clara e

Manuel (“*A via crucis do corpo*, 1974”). No primeiro caso, descreve e julga um caso de migração interna nordestina; no segundo e terceiro caso descreve e julga dois casos de migração externa portuguesa. Mas outras personagens de importância para o estudo serão apresentadas, a partir da análise de outras histórias.

Tendo em conta este enquadramento temático, as obras de Clarice Lispector que foram analisadas neste trabalho referem-se a três domínios. O Romance: “A cidade sitiada” (1949), “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” (1969), “Água viva” (1973), “Um sopro de vida” (1978); a Novela: “A hora da estrela” (1977); o Conto: “Laços de família” (1960), “A legião estrangeira” (1964), “Onde estivestes de noite” (1974), “A via crucis do corpo” (1974). A escolha decorreu do facto de estes trabalhos apresentarem personagens e enredos relacionados com a dinâmica migratória no Brasil, revelando características individuais dos migrantes, assim como percurso sociais, geográficos e culturais relacionados<sup>19</sup>.

Na diáspora espanhola, a escolha recaiu sobre **Nélida Piñon** (1937) e a obra “A República dos Sonhos” (1984). Emblemático por ser um trabalho assumidamente biográfico, já que a autora descende de famílias galegas, há particularidades na conceção do romance que exacerbam a condição mística da história. É conhecido o relato de que Nélida Piñon se recolheu numa pensão em Congonhas do Campo (Minas Gerais, Brasil), durante cerca de 20 dias, para trabalhar no projeto. Além disso, foram oito (!) as versões redigidas, sendo a última aquela que fixa o texto definitivo. Trata-se, portanto, de uma obra vasta, densa, fruto de um intenso trabalho de pesquisa e de introspeção sobre a sua vida mais íntima, mas também sobre o coletivo de uma população com trajetos migratórios semelhantes ao seu e ao da sua família mais próxima. Prado (2000: 381) corrobora esta ideia ao revelar que o início deste livro coincide com o nascimento da própria escritora.

No cômputo da vasta obra de Nélida Piñon, justifica-se o fato de se ter optado por explorar este romance no contexto da investigação em causa, tanto mais por se tratar de um livro em que se analisa a dimensão da desterritorialização/reterritorialização

---

<sup>19</sup> Não foram incluídos no estudo os romances “Perto do coração selvagem” (1943), “O lustre” (1946), “A maçã no escuro” (1961), “A paixão segundo G. H.” (1964); os livros de contos “Felicidade clandestina” (1971) e “A bela e a fera” (1979). Também ficaram de fora ficam as crónicas e trabalhos jornalísticos, assim como a correspondência e os livros infantis.

de uma família galega no Brasil, tendo em conta as quotidianidades políticas, económicas e sócio-normativas da época (Arellano, 2018: 509-510). É revelador o que a escritora diz sobre si e sobre a sua obra: “[...] sou da memória, e da memória que está presente em todos nós [...]” (Ob.Cit.: 690-IV). Ou seja, assume a sua vertente de memorialista, num misto de ficção com a realidade.

A ação d’ “A República dos Sonhos” desenrola-se por 80 anos (do início do séc. XX à década de 80), sendo narrada a história de uma família galega que realiza o seu percurso migratório transatlântico entre Espanha e Brasil. São três as gerações presentes na trama, que se inicia com a morte iminente da matriarca, numa lógica narrativa de analepse. É Breta, a neta do casal que faz a migração (Eulália – que está a morrer – e Madrugá), a destacada contadora da história da família. A bem dizer, pode-se constatar que se trata de “histórias”, que nesta família há a necessidade evidente de manter vivas as narrativas, com o objetivo de nunca se perder o contacto com os antepassados – familiares e território (Rosa, 2008:4).

É colocado em evidência o universo feminino, como atesta Zolin (2012: 161) que refere o seguinte: “A ideologia que subjaz à construção de “A República dos sonhos” parece claramente calcada no pensamento feminista [...]. Ao engendrar as representações das mulheres que constituem a família do protagonista Madrugá, a escritora se afasta das imagens femininas estereotipadas que povoam, frequentemente, a literatura canónica e o imaginário coletivo derivado do pensamento patriarcal, para, em seu lugar, edificar outras, marcadas pela heterogeneidade das identidades femininas de inspiração mais realista”. Esta visão é marcada pelo percurso da própria narradora, que em alguns momentos se parece fundir com o da autora, a qual parece ter aproveitado dois anos de vivência com os pais na Galiza, para corroborar as memórias orais externas e construir o seu próprio manancial de histórias, imagens e impressões, com base num olhar marcadamente feminino e feminista. Tal como refere Prado (2005: 54), em geral, na obra de Nélide Piñón é priorizado o universo das mulheres. E nesta obra em particular, além dessa marcante singularidade, coloca-se em evidência o tema das migrações.

No que diz respeito à diáspora italiana, a escolha recaiu numa lógica caleidoscópica, sustentada por três autores: **Zélia Gattai** (“Anarquistas graças a Deus”, 1979), **Dagoberto Lima Godoy** (“Vendetta”, 2013) e **António de Alcântara Machado** (“Braz, Bexiga e Barra Funda”, 1927; “Laranja da China”, 1928).

Do ponto de vista do conteúdo e da abordagem, nas suas obras, estes autores representam aspetos relacionados com a lógica de reterritorialização de migrantes oriundos de Itália, assim como das relações-tensões estabelecidas com a comunidade autóctone, em especial na metrópole paulista.

Começando por **Zélia Gattai** (1916-2008), ela foi, entre outras coisas, uma escritora memorialista que se assumiu como tal (Braga, 2014: 6). O livro em análise é o seu trabalho mais conhecido nesta tipologia narrativa, no qual descreve as próprias vivências de infância com os pais, os irmãos, outros familiares próximos, vizinhos e amigos, na cidade de S.Paulo. Tal como Nélide Piñon, Zélia Gattai retrata a sua experiência de mulher no mundo, colocando-se no papel de narradora e enfatizando o universo feminino à escala individual, familiar e comunitária. Além desta ideia, Braga (2015: 189,190) reforça a importância de “Anarquistas graças a Deus” para a compreensão das territorialidades de S.Paulo, com foco no bairro do Bexiga, onde proliferam as auto e hétero memórias da diáspora italiana e de como tal se plasmava no quotidiano dessa área residencial.

Os últimos dois escritores em análise diferem de Zélia Gattai, de Nélide Piñon e de Clarice Lispector, pois as obras em análise são de carácter pontual: **Dagoberto Lima Godoy** (1938) tem formação e trabalha na área da engenharia e do direito; **António Alcântara Machado** (1901-1935) era jornalista. Para ambos, a produção de ficção não é/era o seu foco principal. Ainda assim, entendeu-se que estes autores poderiam dar um contributo significativo para a compreensão dos movimentos transatlânticos, do ponto de vista do processo de desterritorialização/reterritorialização da comunidade italiana no Brasil, sendo que os dois fccionam sobre esta diáspora, sem nunca terem sido eles próprios migrantes. O que conhecem deriva da observação empírica do quotidiano, assim como de relatos de terceiros.

Dagoberto Lima Godoy assume o facto na badana da publicação (Godoy, 2013: s/p) “Sem conhecer a sua própria árvore genealógica além da terceira geração, o autor acredita que, como brasileiro típico, seus ancestrais incluem portugueses, africanos, índios e italianos (estes provenientes da Calábria)”. O enredo desta história começa com o casamento, por conveniência, de um jovem casal – Francesco e Cattarina – assim como pela descrição da penosa travessia marítima até ao Brasil, conjuntamente com outros italianos vulneráveis que procuraram melhorar as condições de vida

fora do seu país de origem. No caso concreto desta história, assume particular interesse a constituição do território da serra Gaúcha, contada a partir do contacto multicultural entre os autóctones e os estrangeiros (imigrantes italianos). Deves (2013: s/p) destaca o facto de que, através da narrativa, “acompanhamos também acontecimentos da Caxias do Sul nos anos da Segunda Guerra, como a proibição de falar italiano, a mudança dos nomes da Praça Dante Alighieri e da Avenida Itália e, principalmente, as disputas entre os “oriundi” e os “brasileiros de raiz”<sup>20</sup>.

O mesmo tipo de narrativa é encontrado em António Alcântara Machado, que persevera nesta linha de ideias, ao apresentar ao leitor as transformações sociais, políticas e económicas da cidade de S.Paulo, uma metrópole que, na primeira metade do séc. XX, assiste a uma rápida urbanização, fruto dos fluxos migratórios alimentados por estrangeiros e por nacionais. Maciel (2018: 19) acentua o facto de este autor, paulista sem experiência migratória, se tratar de um excelente observador que testemunha o fenómeno da migração italiana na cidade. Não só fornece uma diversidade de pormenores referentes a esta diáspora, como distingue os migrantes de primeira e segunda geração, assim como diferentes níveis de sucesso do projeto migratório, refletindo sobre os que se tornaram proprietários e os que permaneceram trabalhadores por conta de outrem.

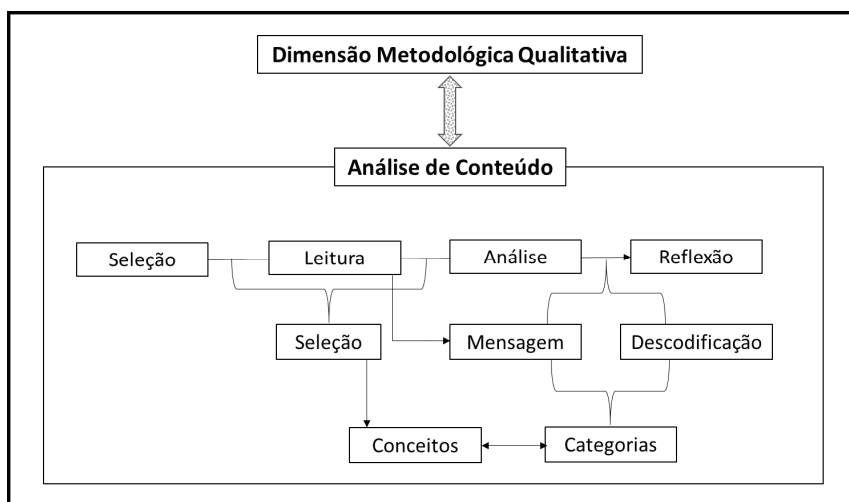
Tendo em conta esta apresentação dos autores, assim como as breves sinopses das obras em estudo, urge refletir sobre a **dimensão metodológica qualitativa** que pautou este trabalho, que se assume como tendo como base a “análise de conteúdo”. Antes de mais, cumpre assumir a ideia de Stake (2016: 58), que assume que “A função da investigação não é necessariamente mapear e conquistar o mundo, mas sim sofisticar a sua contemplação”. Este princípio é a base de uma investigação comprometida com o princípio da leitura, análise e reflexão, que esteve na base deste trabalho. Significa que foi dada relevância à seleção e discussão de conteúdos, com o objetivo de clarificar e de trazer ao conhecimento público ações expressas na obra de cinco autores brasileiros, que pudessem contribuir para o estudo dos processos de reterritorialização migratória no seu país.

---

<sup>20</sup> Notícia disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/almanaque/noticia/2013/11/dagoberto-lima-godoy-lanca-romance-vendetta-neste-sabado-em-caxias-4349135.html> (acedido em 03/12/2019)



Para o contexto analítico em causa, atentou-se nas vantagens da pesquisa qualitativa, por permitir a “explicação causal [...] de objetos, eventos ou situações não necessariamente consideradas representativos”, tendo-se considerado vantajoso o facto de “relações poderem ser estabelecidas em muitas e variadas situações” (Heindrich, 2016: 24). Nesse sentido, a análise de conteúdo pareceu ser a metodologia mais adequada para se trabalhar as obras literárias propostas, por permitir uma abordagem plástica e flexível do sentido do discurso e do contexto das histórias, privilegiando-se a visão da geografia sobre os fatos apresentados (fig. 7).



**Fig. 7** - Síntese explicativa da metodologia de trabalho.

A análise de conteúdo pode ser definida por uma técnica de investigação que pretende tornar replicáveis e válidas as inferências obtidas através da leitura de textos, de teor variado (ficção, notícias, etc). Significa que o investigador deverá ter em conta o conteúdo inerente e subjacente ao texto, mas também os significados que derivam da interpretação realizada (Krippendorff, 2004:16, 19). Shurmer-Smith (2002: 128, 136) chama a atenção para a importância dos significados simbólicos, nomeadamente a sua descodificação, assim como para a análise da narrativa, ou seja, sobre o ponto de vista de quem produz o discurso.

Este autor chama a atenção para o facto de a análise de conteúdo se reger por procedimentos científicos particulares, pelo que se seguiu o esquema proposto por Moraes e Gamalho (2016:45), o qual consiste em três momentos: *unitarizar* (pela fragmentação do material escrito em unidades com sentido), *categorizar* (pelo estabelecimento de categorias aglutinadoras) e *construir um metatexto* (pela descrição e interpretação do corpus textual). A perspetiva de Freixo (2009: 154) também veio reforçar o modelo analítico apresentado, referindo que este autor que, do ponto de vista operacional, se deve ter em conta uma sequência processual, da qual se destacam: *enumerar* (perceber a repetição fenomenológica); *configurar ou recortar e abstrair* (entender e destacar as relações entre os vários fenómenos enunciados, a várias escalas de análise); *ligar* (estabelecer uma ligação lógica, através da construção de um texto explicativo organizado).

Hsleh e Shannon (2005: 1281,1282) referem que a investigação com recurso à análise de conteúdo, pode partir de categorias pré-definidas ou então essas mesmas categorias serem concebidas a partir da leitura e interpretação do texto em causa. No caso do estudo aqui apresentado, e embora se tenha partido de conhecimentos prévios na área da geografia das migrações, constituiu-se de uma base “limpa”, apenas limitada pela temática proposta para estudo - a construção de territórios literários derivantes de experiências migratórias de reterritorialização.

Nesse sentido, foi tida em conta a posição de Guerra (2014: 80), em que se identificaram categorias com base em conceitos e em pressupostos teóricos da área das migrações, tendo a estas sido ligadas ideias explicativas-associativas patentes no texto, que coadjuvaram na corporização e revelação da dinâmica em causa. Desta forma, assumiu-se a possibilidade de comparação no cerne da própria obra, mas também exteriormente, entre as várias obras analisadas (Bardin, 2019: 246).

Em jeito de conclusão deste capítulo, Bryman (2016: 305) alerta para o facto de a análise de conteúdo ser muitas vezes acusada de “pouco científica”, já que na atualidade são privilegiados os procedimentos quantitativos. Todavia, assume-se neste trabalho uma perspetiva qualitativa, analítica e reflexiva, por ser aquela que permite uma abordagem mais holística e transdisciplinar das obras em estudo.



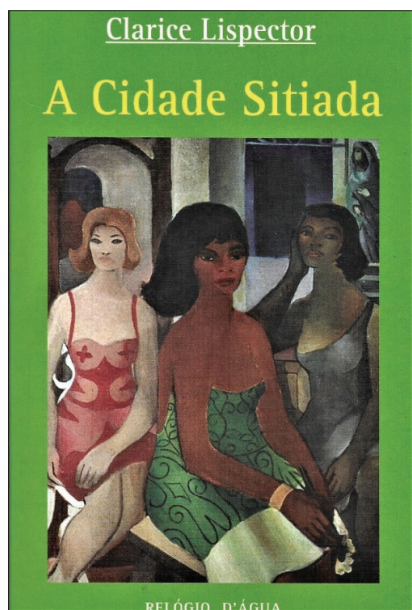
**4 - CLARICE LISPECTOR OU DO  
OLHAR SOBRE AS/OS OUTRAS/OS:  
O MUNDO ALÓCTONE DE  
UMA VIAJANTE**





#### 4.1 - “A CIDADE SITIADA” (1949): A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM TERRITORIAL DO CENTRO A PARTIR DO SUBÚRBIO<sup>21</sup>

Iniciemos a análise pela obra “A cidade sitiada” (1949) e pela apresentação da sua protagonista. Lucrecia é uma jovem que vive num subúrbio – S. Geraldo – mas que **aspira a ir viver para a grande cidade**, com objetivo de melhorar o seu nível de vida, sobretudo em termos de bens materiais (fig. 8). Essa ascensão social e económica acaba por ser materializada através do matrimónio com Mateus, que propicia a deslocação e residência na urbe, assim como uma confortável situação económica.



**Fig. 8** - Fotografia da capa da obra “Cidade Sitiada” (editora Relógio D`Água).

A obra foca, numa lógica comparativa, a dinâmica quotidiana suburbana e metropolitana, a qual vai sendo realizada pelas vivências e reflexões da protagonista, pelo que se compreende a existência de duas partes distintas na história: uma de

---

<sup>21</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Lispector, Clarice (2009), A Cidade Sitiada. Relógio D`Água, Lisboa, 145p.

vivência no subúrbio (onde ela diz não poder escapar à realidade); outra de presença na cidade (onde ela percebe o entorno com base na imagem territorial distorcida, que construiu moldada por expectativas). Não se trata de uma história em que se apresente um movimento migratório internacional, mas antes um fenômeno de êxodo rural, realizado dentro do próprio país, à escala regional. Todavia, e tendo em conta as características deste tipo de fluxo, e as suas similaridades com as dinâmicas migratórias internacionais, pareceu pertinente abordar “A cidade sitiada” (1949) como primícia de um estudo em que se foca o tema da desterritorialização/reterritorialização dos indivíduos face aos lugares de mobilidade.

Na **primeira parte da obra**, Clarice Lispector aborda a vida de Lucrecia no subúrbio. A história começa numa festa em S. Geraldo, onde a população se comporta de forma efusiva e ruidosa: “A moça suportava mal esse riso livre que era um modo do forasteiro desprezar a pobre festividade de S.Geraldo. [...] Onde estaria o centro do subúrbio?” (p. 8)

Há um permanente **desejo da cidade**, que é acompanhada pela construção de uma imagem territorial daquilo que ela concebe como sendo o espaço urbano. Em sonho, ela parece voltar à origem dos lugares, da civilização, das coisas, pois “[...] retrocedera até estar vestida com saias longas e alisar bandós na testa. [...] [Era] Grega numa cidade ainda não erguida [...] E seu destino como grega era tão inconsciente quanto agora em S. Geraldo. O que restara de tão longe? o que restara da Grécia? a insistência [...]” (p. 65). Ou seja, o sonho é a manifestação do desejo da cidade desde a origem da civilização ocidental, desde sempre. Há uma atração da cidade enquanto destino, e uma repulsão do subúrbio, entendido até certo ponto não como origem, mas como ponto de passagem. Atente-se nos excertos: “Mas quando chegaram na elevação do morro do pasto Perseu mostrou a cidade com o dedo [...] [e ela] sonhava em andar sozinha com um cão e ser vista sobre o morro: como o postal de uma cidade” (p. 31); “Que cidade. A cidade invenível era a realidade última. Depois haveria apenas de morrer, como conquista. [...] Seu medo era de ultrapassar o que via” (p. 74); “[...] Ah, Mateus é de outro meio, mamãe! vem de outra cidade, tem cultura, sabe o que se passa, lê jornal, conhece outra gente...” (p. 78).

Ela assume-se como a vigilante da cidade (a cidade precisa dela para ser vigiada) “[...] a cidade deveria ser espiada por uma seteira. Assim, quem a espiasse se defenderia, como a coisa espiada. [...] Assim Lucrecia espiava curiosa pela seteira, quase acocorada

junto à fechadura. Dentro de uma atenção máxima, ela era inconsciente” (p. 72). A inconsciência parece derivar dela, isto é, no fundo, atuar sem saber que atua, ou melhor dizendo, a ideia da sua cidade não é a realidade da cidade em si, pelo que concebe a cidade com necessidade de vigilância, quando as relações interpessoais e sociais que irá conhecer são muito alienantes, sem a preocupação da vigilância entre os diversos membros da comunidade e do próprio organismo cidade.

Talvez por isso Lucrecia namore com Perseu e Filipe, sem efetiva manifestação de afeto por ambos, já que eles próprios pertencem e representam o subúrbio, pelo qual ela sente repulsa. Perseu é calmo e gentil, mas “[...] veste-se como um lavrador. E a moça já estava precisando, nas suas ruas de ferro, da força armada” (p. 43). Embora esta personagem estude, manifestando conhecimentos de fenômenos naturais muito para fora do que acontece no subúrbio, Lucrecia não parece acreditar verdadeiramente que ele consiga ou até mesmo tenha aspirações de sair dali.

Tanto ela como o Tenente Filipe, tentam afastar-se da ligação ao subúrbio e agem como se fossem superiores a esse território. Numa violenta discussão, Filipe humilha Lucrecia através da referência geográfica à sua origem, lembrando que ela faz parte desse lugar e ele não, pois é o forasteiro. Quando lhe tenta dar um beijo e ela se recusa de forma violenta diz “-Sem nenhuma educação é o que você é! [...] E a culpa é minha de andar com gente dessa laia, estas devem ser as maneiras desse seu subúrbio imundo! disse ele já com prazer, insultando-a bem na sua cidade. (p. 42). Lucrecia fica perturbada e deprecia Filipe justamente por ele ser um alóctone e não pertencer àquele espaço, procurando um fator de escárnio para lhe fazer saber que o local de onde ele vem terá as suas negatividades “-Olhe! [...] Porque não beija a sua avó, ela não é de S. Geraldo” (p. 43).

Outro aspeto muito interessante da obra, diz respeito à **descrição do subúrbio e da sua evolução recente**, onde se misturam características urbanas iminentes com as estruturas rurais passadas e presentes: “O subúrbio de S. Geraldo, no ano de 192..., misturava ao cheiro de estrebaria algum progresso. Quanto mais fábricas se abriam nos arredores, mais o subúrbio se erguia em vida própria, sem que os habitantes pudessem dizer que a transformação os atingia. Os movimentos já se haviam congestionado e não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça [...] enquanto um automóvel impaciente buzina atrás lançando fumaça. [...] De manhã, entre os camiões que pediam passagem para a nova usina [...]

as cestas de peixe se espalhavam pela calçada, vindas através da noite de centros maiores [...], enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços. [...] Ao pôr-do-sol galos invisíveis ainda cocoricavam. E misturando-se ainda à poeira metálica das fábricas o cheiro das vacas nutria o entardecer” (p. 10-11).

A **ideia de fronteira** é ponto de reflexão, pelo que as imagens reveladas pela autora denotam a existência de uma permeabilidade espacial, marcada por uma paisagem marginal indefinida, do ponto de vista das características do que se pode considerar campo e do que se pode considerar cidade. Veja-se o caso das descrições como: “Apesar do progresso o subúrbio conservava lugares quase desertos, já em fronteira com o campo” (p. 13); “E assim era S. Geraldo acumulado de carroças rangentes, de sobrados e mercados, com planos de construção de uma ponte” (p. 16). A metáfora da ponte é muito interessante, uma vez que simboliza a ligação destes dois lugares e essa mesma “contaminação” de características.

Mas não é só a paisagem física, como também a humana e sobretudo a social que mudam. Atente-se na ideia a que a associação local aspira, e que se materializa na observação da metamorfose do subúrbio: “A ideia de «progredir», da Associação, encontrara Luércia de atenção já desperta [...]. Carroças passavam. A igreja batia os sinos. Cavalos escravizados trotavam. A torre da usina ao sol. Tudo isso podia-se ver de uma janela, farejando o ar novo. E a cidade ia tomando a forma que o seu olhar revelava” (p. 15); “Abriu as portinholas da varanda [...] E olhou um segundo andar que o sol aclarava em cheio. Uma das mil casamatas da estúpida cidade iluminada” (p. 71)

Mas a **casa** também é a personificação do subúrbio, como que o espaço íntimo a projetar o espaço exterior da rua, do bairro, da comunidade, ao comparar os objetos que compõem a casa com a realidade exterior, ao referir “*E esfregando o sapato, a moça olhou esse mundo escuro repleto de bibelôs, da flor, da única flor no jarro: este era o subúrbio*” (p. 51) Esta observação é extensível à própria figura materna, quando revela “-...mamãe como a nossa vida é triste!” (p. 47). A mãe não concorda, mas a história que conta de si mesma é considerada triste pela filha, ao considerar que “Abandonada a si mesma, aos poucos Ana Rocha Neves falava de sua juventude, com detalhes que a sufocariam se não os transmitisse com exatidão [...]. E pensando falar sobre si mesma, descrevia apenas o lugar onde vivera quando saíra da fazenda até encontrar o marido: - Aquilo sim é que era cidade, menina, e não esse buraco: até cavalo tinha guizo, a igreja



era igreja, casa era casa, rua era rua – não esse buraco com buracos que a gente nem entende. Apesar dos pormenores, que cidade perdida fora aquela, e que juventude confusa! a mãe fora alegre e medrosa na sua cidade, só isso afinal” (p.47).

O lugar em que Ana Rocha Neves viveu, parece ser ele próprio a sua identidade, pois fala de si mesma como sendo esse mesmo espaço, numa lógica de **topofilia**. Ela é o lugar e o lugar é ela mesmo, como numa simbiose vital entre o indivíduo (a mãe de Lucrecia: o tempo, o seu passado e o espaço) e a cidade de onde é originária. São estes elementos indissociáveis que a compõem enquanto pessoa na sua totalidade, naquilo que ela é no presente. Sobre a descrição que ela faz dessa metrópole, há um misto de admiração e alegria, onde tudo parece ser o que deve ser na verdade (casa que é casa, rua que é rua, etc), em estreita relação com o sentimento de medo, parecendo ela própria sentir-se insignificante na grande metrópole, ao ser referido que “A casa parecia ornamentada com os despojos de uma cidade maior” (p. 45).

Há forças de questionamento desta evolução territorial, a qual aparece expressa pela tentativa de resistência de Efigênia, uma velha que “Quando lhe morrera o marido continuara a manter o pequeno curral, não querendo misturar-se ao pecado nascente” (p. 13). Ela simboliza a espiritualidade dos habitantes do subúrbio, alguém que vive fora dele, mas que retorna sistematicamente à rua do mercado para depositar as bilhas de leite, e que os comerciantes temem, aparentemente por relembrar a recusa de um território ruralizado, que a cidade está a consumir com as suas atividades tipicamente urbanas, e que as pessoas estão a consubstanciar pelos seus novos padrões de vida e comportamentos quotidianos.

Verifica-se a **apropriação de uma nova realidade** que já existe, mas que assusta. Tal facto está plasmado na dinâmica do grupo que compõe a Associação de Juventude Feminina de S.Geraldo, sendo que “De início votado à caridade, o grupo – fustigado pelos motores da usina, interrompido pelo tráfego de cavalos e pelos súbitos apitos das fábricas – passou inesperadamente a ter o seu próprio hino [...] sendo o seu fim agora enobrecer as coisas belas. Em nome de uma esperança já assustadora incitavam-se e manifestavam-se no hino que falava com violência mal contida da alegria das flores, do domingo e do bem. Elas tinham medo da cidade que nascia” (p. 13-14). Cristina, que dirige a associação, é a face visível que incita a uma adaptação mais profunda e eficaz, pois o cerne está na dimensão espiritual interior de cada uma das

jovens. “Quando Lucrecia entrou [...], já encontrou as sócias dando-se tanta liberdade espiritual que não sabiam mais o que ser. [...] Tinham enfim formado o tipo de pessoa adequada a viver naquele tempo num subúrbio” (p. 14).

Os **comportamentos e o quotidiano estão em mudança**: “Domingo de manhã, o ar cheirava a aço e os cães ladravam para os que saíam da missa. E de tarde, nas primeiras angústias de domingo em cidade [...] [como] numa cidade, as pessoas já não sabiam para onde ir” (p. 13). O futuro está a materializar-se no subúrbio: “Estava no seu pequeno destino insubstituível passar pela grandeza de espírito como por um perigo, e depois decair na riqueza de uma idade de ouro e de escuridão, e depois perder-se de vista – foi o que aconteceu com S. Geraldo” (p. 15).

Lucrecia imagina uma realidade paralela para o subúrbio, vestindo-se não para o dia em si, mas como se fosse noite e estivesse prestes a decorrer um baile, com a elite local. Ela sai à rua e fica em choque com a realidade, concluindo que não quer permanecer ali “E o dia em S. Geraldo não era futuro, era ruas direitas, realizadas” (p. 29).

Na **segunda parte da obra**, Clarice Lispector apresenta Lucrecia na cidade, que consegue a desejada **ascensão social por via do matrimónio e da consequente migração**: “Com ponderação olhava de um lado para o outro, calculando e medindo esta nova cidade que comprara. Como as ambiciosas moças de S. Geraldo, esperando que o dia de núpcias a libertasse do subúrbio [...]” (p. 85); “Queria também não perder tempo e olhar logo a nova cidade – esta sim! a verdadeira metrópole – que seria o prémio do forasteiro – todo o homem parecia prometer uma cidade maior a uma mulher” (p. 86).

Mas aquilo a que aspirava nos seus planos referentes à cidade, não se verifica, consubstanciando-se antes em circunstâncias perfeitamente alienantes, fruto da perda do território original - **desterritorialização**: “[...] é o destino, dizia contente de ser subjugada. [...]”; “Da incompreensão da rua do Mercado, passara à incompreensão pública” (p. 92). Começa então a comparação entre **aquilo que considerou repulsivo no território de origem**, pelo que conclui que a familiaridade do subúrbio e a pertença a uma comunidade conhecida, não mais se repetiria na cidade: “[...] calculava na paisagem nova, comparando-a com a de S. Geraldo” (p. 93); “Nas calçadas cheias de gente ninguém olhava para ela, cujo vestido cor-de-rosa teria todavia interesse em S. Geraldo. [...] Uma vez fora do subúrbio, desaparecera sua espécie de beleza, a sua importância diminuiria. [...] Lucrecia Neves começara

por ser anónima” (p. 86); “Pois em S. Geraldo os motores eram invisíveis, aqui haviam emergido, e não se sabia o que era motor e o que já era coisa. Lucrecia passou a considerar-se o membro mais inexperiente da cidade, e deixava-se guiar pelo marido em visitas a «lugares», na esperança de em breve entender os táxis se cruzando entre os gritos de jornaleiros e aquelas mulheres bem calçadas pulando em cima da lama” (p. 90); “As máquinas. Se uma pessoa não as compreendia, estava inteiramente fora, quase isenta deste mundo” (p. 93).

A **decisão do retorno** é fundamental em reflexões com base na experiência negativa da alienação proporcionada pelo espaço urbano. Esta ideia está patente no momento da decisão, em que “Uma noite Lucrecia chorou um pouco [...]. Então ela disse em cólera: vou embora daqui. Na esperança de que ao menos em S. Geraldo «rua fosse rua, igreja, igreja, e até cavalos tivessem guizo», como dissera Ana. Com surpresa viu que aquele homem nada desejava de melhor do que segui-la e agregar-se à cidade da mulher, ele que não pertencia a nenhuma” (p. 97); “Caíra de fato em outra cidade [...] apenas mais avançada porque se tratava de uma grande metrópole onde as coisas de tal modo já se haviam confundido com que os habitantes, ou viviam em ordem superior a elas, ou eram presos em alguma roda. Ela própria fora apanhada por uma das rodas do sistema perfeito” (p. 91).

Mas o regresso implica uma nova adaptação - **reterritorialização**. É que S. Geraldo também mudou, passando ele próprio de subúrbio a cidade: “Aproveitando sua ausência [de Lucrecia], S. Geraldo avançara em algum sentido, e ela já não reconhecia as coisas. Chamando-as, estas não mais respondiam – habitadas a serem chamadas por outros nomes. [...] Deixava-se guiar pelo marido, como se ela fosse a estrangeira em S. Geraldo” (p. 97); “S. Geraldo não estava mais no ponto nascente, ela perdera a antiga importância e seu lugar inalienável no subúrbio. Havia mesmo planos de construção de um viaduto que ligaria o morro à cidade baixa. Os terrenos do morro já começavam a se venderem para futuras residências: para onde iriam os cavalos?” (p. 104).

Não é que S. Geraldo deixe de ser subúrbio. Apenas passa de uma natureza rural, para uma natureza urbana, servidor da própria cidade ao tomar a **função de dormitório** e promover as **migrações pendulares**, ou seja, deslocamentos diários entre a residência e o emprego. É a própria Lucrecia que deixa de reconhecer o seu espaço de origem,

tornando-se forasteira de si mesma, por via geográfica: “Quando saía espantava-se com o salto de progresso de S. Geraldo, espavoria-se no tráfego como galinha fugida de quintal. As ruas já não cheiravam a estábulo, mas a arma de fogo deflagrada – aço e pólvora. E como estouravam os pneumáticos! Tinham-se aberto inúmeros escritórios com máquinas de escrever, instalações de arquivos de ferro e canetas automáticas. [...] Os arquivos rebentavam, plenos do registo imediato do que se passava” (p. 140-141); “[...] em S. Geraldo não se puxava mais orelha de criança” (p. 142).

Chega-se ao ponto se ponderar a necessidade de modificação da toponímia. Assim, a migração deixa de fazer sentido, visto que o subúrbio, mesmo com função de tal, passa a ser a própria cidade, com o incremento das ligações visíveis (habitações, vias de trânsito, etc.) e invisíveis (por exemplo, comportamentos): “Também S. Geraldo chegara a certo ponto, prestes a mudar de nome. [...] Quem sabe [...] um dia S. Geraldo teria linhas de trem subterrâneas. Parecia ser este o único sonho da cidade abandonada” (p. 145). Lucrecia, incapaz de lutar, resigna-se a (re)viver num espaço que já não conhece.

Ironicamente, Perseu migra, acabando por ir trabalhar para cidade como médico no hospital central. Poderemos comparar a atitude de perda e resignação de Lucrecia, em contraposição com a capacidade de resiliência, ou seja, de adaptação e transformação face à evolução dos territórios e das sociedades, ao assumir a lógica em que se transverte o seu ato migratório: “[...] e mesmo que se perca – perder-se também é caminho” (p. 138).

#### 4.2 - “A HORA DA ESTRELA” (1977): A MOCINHA NORDESTINA NA ALIENAÇÃO DO NÃO-LUGAR<sup>22</sup>

A última obra escrita por Clarice Lispector é um documento literário de referência que se desenrola em torno das **migrações nordestinas**. A autora, que conta a história de uma pobre órfã do Nordeste – Macabéa - parece identificar-se em parte com a personagem, já que ela própria, as irmãs e o pai, também fizeram parte deste fluxo migratório interno brasileiro. E confronta os leitores com essa inequívoca probabilidade ao escrever: “Como é que eu já sei de tudo o que se vai seguir e o que ainda desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos” (p. 14). A verdade é que nem todos gostam de assumir certos passados emigratórios, facto que ocorreu na vida de Clarice Lispector, mas do qual ela se redime, pois refere que “Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela” (p. 24). Ou seja, ela projeta a sua vida, criando um alter-ego em que se escuda para dar a conhecer o seu próprio relato de migrante.

A história desenrola-se em torno da jovem Macabéa, uma nordestina de 19 anos, que foge da vida de miséria do local de origem, para tentar a sorte na grande cidade. A narradora enfatiza as **condições de vida iniciais** da personagem para justificar a deslocação, ao referir que “[...] para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão [...]. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isto para me pôr ao nível da nordestina” (p. 22) (fig.s 9 e 10).

A preparação narrativa é precedida por um relato acerca dos primeiros anos de Macabéa, uma órfã criada por uma tia bizarra, que em muito limitou as aspirações, assim como a visão do mundo desenvolvido pela protagonista. Conta que

---

<sup>22</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Lispector, Clarice (2002), *A Hora da Estrela*. Relógio D'Água, Lisboa, 93p.



**Fig. 9** - Fotografia da capa da obra “A Hora da Estrela” (editora Relógio D’Água)



**Fig. 10** - Imagem do filme “A Hora da Estrela” (1985), realizado por Suzana Amaral, baseado na obra homônima  
Fonte: Wikipédia [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Hora\\_da\\_Estrela\\_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Hora_da_Estrela_(filme)) (2020)

“Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão [...]. Com dois anos de idade haviam-lhe morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parente sua no mundo. [...] Dava-lhe [a tia] sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Depois – ignora-se por quê – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia arranjara-lhe um emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas” (p. 31, 33).

Este tipo de migração enquadra-se na **teoria da atração-repulsão**, de Ernest Ravenstein, o qual defende que os indivíduos tendem a sentir fatores de ordem negativa no local de origem, e positivos no local de destino migratório, pelo que tendem a se deslocar. Neste caso, é apresentado um cenário de pobreza inicial,

que parece justificar a génese da migração, aliado à **construção de uma imagem territorial distorcida** do local de destino migratório. O conceito de imagem territorial corresponde a um conjunto de expectativas e de ideias construídas em torno do local de destino migratório, fruto de informações originárias de várias fontes (notícias, amigos emigrados, etc.), que dão origem à construção de uma imagem deturpada sobre esse mesmo território. O Rio de Janeiro parece ser encarado dessa forma pelos migrantes, quando o narrador refere: “Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (p. 14). Há de facto uma aspiração que gira em torno da cidade, como se fosse a grande possibilidade que estes migrantes teriam na vida, para poderem ascender do ponto de vista social e económico.

Além da caracterização física e biográfica, a narradora fornece alguns outros elementos que ajudam a caracterizar a personagem, nomeadamente a **fragilidade da migrante na dureza da metrópole**: “[...] limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela, que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com um vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário” (p. 17). Além de questionar a verdadeira natureza do fluxo migratório, ou seja, se de facto os migrantes conseguem melhorar o nível de vida na cidade, o narrador reforça esta ideia, através da **alienação da mocinha no não-lugar do espaço urbano**, ao referir que “Anordestina se perdian a multidão” (p. 44). O conceito de não-lugar refere-se a territórios indiferenciados, esteticamente dúbios, em que os elementos constituintes parecem viver em torno de um quotidiano alienante e indiferenciado. Aparentemente, não se verifica o desenvolvimento de uma relação topofílica, ou seja, não se estabelecem verdadeiramente laços afetivos entre o território de vivência e os seus usuários.

Enquanto migrante, o quotidiano de Macabéa circunscreve-se a vários espaços de uso: o quarto partilhado onde vive com outras jovens como ela, que a desprezam; o escritório, onde trabalha oprimida pelo chefe; o cais, único local onde tem o seu parco tempo de lazer durante a semana, que é destino dos seus passeios de Domingo. Também o espaço público, onde convive com o namorado: “Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada” (p. 52). Ou seja, em grande medida a jovem vive em **espaços de repulsão** (quarto e escritório) ou então em **espaços de exclusão social** (cais e

banco do jardim), considerados inferiores pelos autóctones. A narradora descreve estes lugares da metrópole: “O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre [...] não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro” (p. 33). “Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar, cais do porto para ir espiar no domingo [...]” (p. 34). O usufruto das áreas de exclusão é contraposto à barreira estabelecida em torno dos espaços de inacessibilidade social: “Vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrinas faiscantes de joias e roupas acetinadas – só para se mortificar um pouco” (p. 38).

A personagem de Macabéa contrapõe-se de forma determinante à do seu namorado – Olímpico – também ele um migrante na grande cidade: “Vinha do Serão da Paraíba e tinha uma resistência que provinha da sua paixão por terra braba rachada pela seca” (p. 62). Embora diferentes, reconhecem-se como pertencendo a uma mesma diáspora, quando se observa que: “O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam” (p. 47).

Esta contraposição advém das diferenças estabelecidas pelo **projeto migratório** de cada uma das personagens. Macabéa apenas sobrevive numa lógica diária imediata, não procurando um fim para a sua existência. A narradora esclarece que: “[...] Macabéa, de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era um luxo” (p. 63). Já Olímpico aspira a uma ascensão social evidente, esperando entrar no mundo da política e ficar rico, num futuro mais ou menos próximo, ao referir: “Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado” (p. 50).

Usa Macabéa como um instrumento psicológico para passar o tempo e para alimentar o seu ego, tratando-a mal, humilhando-a, e trocando-a por Glória, uma colega de trabalho da sua frágil namorada. Esta carioca, pertencente ao ambicionado “clá do sul do país”, gostava de se assumir como tal para se diferenciar da massa humana migrante, representando a possibilidade de ascensão social pela possibilidade de **inclusão e pertença no território de destino migratório**. É por isso que Olímpico não se arrepende de ter terminado a relação com Macabéa, pois trata-se de uma ação necessária para progredir e atingir o sucesso do seu projeto migratório. Ele próprio reconhece essa necessidade: “Não se arrepende um só instante de ter rompido com Macabéa pois o seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser outro” (p. 71).



Acrescente-se ainda que Macabéa também se distingue de Olímpico pela forma como ocorre o **processo de desterritorialização-reterritorialização**. “Desterritorializar” significa perder as referências territoriais originais numa migração, pelo que o indivíduo tende a reconstruir a sua identidade e as suas quotidianidades, reterritorializando-se no local de destino migratório. Ora, Olímpico, encetando uma relação com uma moça carioca e aspirando à vida política, como regente da vida social na cidade para onde migrou, mostra sinais de resiliência, ou seja, de adaptação e de reconstrução identitária. Já com Macabéa parece não acontecer o mesmo, uma vez que a personagem, além de não conseguir sair dos espaços de exclusão, também não consegue criar relações com a comunidade autóctone. A solidão é uma característica patente, como se pode observar em algumas das descrições realizadas pela narradora: “[...] moça essa que dormia de combinação de brim [...]. Para adormecer nas noites frígidas de Inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o parco calor. [...] ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar [...]” (p. 25-26). “Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. [...] Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. [...] Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio” (p. 30).

Clarice Lispector coloca-nos ainda a par do **quotidiano laboral dos trabalhadores migrantes**, pela descrição das funções exercidas por estes dois migrantes nordestinos. Trata-se de mão-de-obra imigrante descartável, com poucos direitos, e usada pelos patrões. A certo ponto do texto, a narradora tem a necessidade de marcar assertivamente uma posição referente ao assunto, assumindo que “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, me que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. [...] Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até à estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. E quem será que existe?” (p. 15-16).

Face à brutalidade deste cenário laboral, Macabéa, que não tem ninguém por si (ausência de proteção no trabalho e sindicalização), tornando-se uma frágil vítima do sistema, que promove o despedimento sem causa e sem indemnização: “Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de

representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade [...] que só ia manter no emprego Glória, sua colega [...]” (p. 27). Esta ideia é reforçada pela ignorância da personagem face ao seu fim, ou seja, parece fazer parte da alienação da massa migrante, que vive na ilusão de um projeto migratório subjetivo e pouco coerente face às reais possibilidades dadas pelo território de destino migratório: “Não se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (p. 32).

Ainda no que diz respeito à situação do trabalho, a narradora apresenta pormenores sobre a natureza do trabalho, eminentemente braçal, indiferenciado e mal pago: “Olímpico de Jesus trabalhava como operário numa metalúrgica [...]. Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho em ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. [...] O trabalho [de Olímpico] consistia em pegar barras de metal [...]. Nunca se perguntara por que colocava a barra em baixo” (p. 49).

Em toda a obra apenas aparece uma breve referência à relação entre as **redes sociais** e o emprego. Esta refere-se ao facto dos migrantes, enquanto diáspora, podem manifestar ações que demonstram entreatividade e solidariedade no interior do grupo (constituintes) e exterior (potenciais migrantes), nomeadamente através da facilitação da deslocação através de canais migratórios, ou de estabelecimento no destino (emprego, habitação, etc.). Tal fenómeno manifesta-se quando “Sua única bondade para com Macabéa foi dizer-lhe que arranjará para ela emprego na metalúrgica quando fosse despedida” (p. 63).

Regressando à questão inicial, em torno da caracterização de Macabéa, Clarice Lispector confronta o leitor com uma questão: **vale a pena migrar?** É que Macabéa sai de um contexto de pobreza e solidão, para ir viver noutro contexto de pobreza e solidão. Tal é notório em alguns momentos da obra, quando a narradora relata que: “Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (p. 35); “[...] o luxo que se dava era tomar um gole frio de café antes de dormir” (p. 37); “Nunca havia jantado ou almoçado num restaurante. Era de pé mesmo no botequim da esquina” (p. 43). A jovem, que era tão pobre, apenas comia cachorro-quente, pois era a refeição mais barata que podia consumir. A visita ao médico e o diagnóstico inicial de tuberculose corroboram a deterioração do estado de saúde

da jovem, fruto das condições insalubres de habitação e da dureza das condições de trabalho, que aliado a uma pobreza incapaz de conferir as condições mínimas de alimentação, a tinham votado à doença.

No final, parece haver uma leve esperança, com a ida à cartomante e com a leitura de um futuro risonho. A possibilidade de casamento com um gringo e a referência à posse de bens materiais quase que a coloca ao nível das aspirações de Olímpico, deixando a jovem “[...] grávida de futuro” (p. 85). Todavia, a morte imediata na rua, fruto de atropelamento, diferencia a natureza da migração e a consumação do projeto migratório, deixando no ar a possível resposta para a questão da escritora com outra questão. Migrar pode representar um risco: vale a pena ser vivido?



#### 4.3 - “UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES” (1969): A AUTORA RECORDANDO A MIGRAÇÃO INTERNA - DO RECIFE PARA O RIO - E A EXTERNA - COM O MARIDO DIPLOMATA NA EUROPA<sup>23</sup>

Lori, uma jovem professora primária, oriunda de uma família rica, migra para a grande cidade. É lá que conhece Ulisses, um professor de filosofia, que se torna seu mentor, e com o qual realiza uma aprofundada reflexão sobre o que é a sua vida e qual o sentido que nela reside.

Nesta obra são recorrentes imagens de dois momentos da vida de Clarice Lispector: uma, em que realiza uma **migração interna** (com as irmãs e o pai, do Recife para o Rio de Janeiro); outra, em que realiza uma **migração externa** (quando acompanha o marido diplomata, que desenvolve a sua atividade em vários países Europeus e nos Estados Unidos da América).

Atente-se, no primeiro momento da análise, à referência da **migração cidade-campo (êxodo rural)**, onde Lóri assume com confiança e transparência, a ligação ao seu local de origem: “[...] era agora uma mulher de grande cidade mas o perigo é que também havia uma forte herança agrária vinda de longe no seu sangue. [...] não, eu não quero ser eu somente, por ter um eu próprio, quero é a ligação extrema entre mim e a terra friável e perfumada. [...] ela queria a terra dos seus antepassados” (p. 38) (fig. 11).

Neste enquadramento, dá a conhecer as **motivações da migração**, diferente do contexto de pobreza expresso noutros momentos da obra de Clarice Lispector, por exemplo n` “A hora da Estrela” (1977). Neste caso há um desejo de liberdade, de quebrar laços com a opressão da esfera familiar, que redundavam em expectativas acerca do matrimónio. É referido que “[...] ela mudara-se sozinha de Campos para o Rio [...]. – Por que você veio para o Rio? Não existem escolas primárias em Campos? – É que eu não queria... não queria me casar, queria certo tipo de liberdade que lá não seria possível sem escândalo, a começar pela minha família, lá tudo se sabe [...]” (p. 42). Neste caso, a **migração assume-se como um processo positivo e libertador**.

---

<sup>23</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Lispector, Clarice (1999), Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres Planeta De Agostini, Espanha, 138p.



**Fig. 11** - Fotografia da capa da obra “Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres” (editora Planeta DeAgostini).

A personagem afirma que: “Foi uma experiência engraçada e boa a de passar das grandes salas de família, em Campos, para o minúsculo apartamento que todo ele caberia dentro de uma das salas menores. Tive a impressão de ter voltado às minhas verdadeiras proporções. E à liberdade, claro” (p. 82). A aparente perda espacial é substituída pelo confinamento a um apartamento pequeno, pelo que Lóri assume que a liberdade é superior aos constrangimentos espaciais e materiais. A personagem identifica-se com a cidade, fazendo crer que o **processo de reterritorialização** foi ao encontro das suas aspirações e da sua verdadeira natureza. É referido que “- Mas nas suas viagens é impossível que você nunca tenha estado entre laranjeiras, sol e flores com abelhas. [...] – Não, disse sombria. Essas coisas não são para mim. Sou mulher de cidade grande” (p. 43).

De qualquer forma, fica a dúvida se se tratou de uma reterritorialização incompleta, já que assume: “Era de Campos, terra sem mar, e nunca chegara a pegar o hábito de ir à praia, que ficava tão próxima do seu apartamento” (p. 65). Não se encara esta ideia como algo negativo em si, mas antes como representativa de um processo de reconfiguração territorial e identitário, em que colige elementos dos vários territórios por onde passa, o que se manifesta num **paradigma multiterritorial**.

No segundo momento da análise, pode-se encontrar várias referências ao **espaço europeu**. São *flashes geográficos* que vêm à memória de Lóri, fruto de viagens passadas, que lhe fazem associar os estados de alma a lugares que conhece. Por exemplo, sobre o tema da solidão, recorda: “O que se passara no pensamento de Lóri naquela madrugada era tão indizível como a voz de um ser humano calado. Só o silêncio da montanha lhe era equivalente. O silêncio da Suíça, por exemplo. Lembrou-se com saudade do tempo em que o pai era rico e viajavam vários meses por ano. [...] É tão vasta a noite na montanha. Tão despovoadas. A noite espanhola tem o perfume e o eco duro do sapateado da dança, a italiana tem o mar cálido mesmo se ausente. Mas a noite de Berna tem o silêncio. [...] Se ao menos houvesse vento. Vento é ira, ira é vida. Mas nas noites que passei em Berna não havia vento e cada folha estava incrustada no galho das árvores imóveis” (p. 30, 31).

É num contexto de individualidade e de tranquilidade que se associa a outras características territoriais, como quando refere: “Eu estou sendo, disse o mar azul do Mediterrâneo” (p. 62). Mais uma vez se corrobora a tese de que o seu processo de reterritorialização é feito com uma base multiterritorial, em que a personagem integra na sua identidade elementos geográficos dos vários locais por onde passou.

Mas Lóri também tem momentos em que sente a **experiência negativa de desterritorialização**, a perda do seu território e identidade. Tal foi idêntico ao que aconteceu com Clarice, que não gostou da primeira experiência migratória enquanto esposa de diplomata na Europa. Pode-se divagar em torno da experiência traumática que foi a migração inicial que fez com as irmãs e os pais, do território que é hoje a Ucrânia para o Brasil. Os Lispector fogem do terror dos *progroms*, isto é, do cenário de violência perpetrado pelo exército russo, e embora a autora tenha apenas dois meses quando empreende a migração, tal facto marcá-la-á o resto da sua vida. Talvez por isso projete isso mesmo em Lóri, que relata a experiência francesa como algo negativo. Refere que “Ela falara de Paris, mas não da terra chamada Paris. Falara de como o Inverno lá era cheio de trevas no crepúsculo e de como nevava ruim [...] – Nessa esquina, dissera ela a Ulisses com sua voz sempre mansa, eu me senti perdida, salva de algum naufrágio e jogada numa praia escura, fria, deserta. Paris, de súbito, aquela terra estranha, dera-lhe a dor mais insólita – a de sua perda real” (p. 38).

Esta obra tem um final feliz, em que ambas as personagens evoluem e encontram sentido para as suas vidas, unindo-as. Neste caso, Clarice faz questão de fazer saber que migrar vale a pena. Pode valer a pena.





#### 4.4 - “ÁGUA VIVA” (1973) E “UM SOPRO DE VIDA” (1978): REFLEXÕES EM TORNO DO PRAGMATISMO E DA VIVÊNCIA DA MULTITERRITORIALIDADE

Estas duas obras, ao contrário das anteriormente analisadas, deixam de ter o enfoque sobre o tema das migrações. Ainda assim, Clarice Lispector permite que sobressaia a sua experiência enquanto migrante, ao narrar breves passos relacionados com a descrição de lugares e das respetivas sensações revisitadas.

No caso da obra “Água viva” (1973)<sup>24</sup>, a autora questiona-se e divaga em torno da sua condição humana e da sua existência. Após refletir sobre o futuro e a possibilidade de um dia vir a experimentar o delicado da vida, dispõe-se a falar da dolência das flores, como metáfora para dar uma ordem ao seu raciocínio. Diz que “Tulipa é só tulipa na Holanda. Uma única tulipa simplesmente não é. Precisa de campo aberto para ser. [...] A flor do trigo é bíblica. Nos presépios da Espanha não se separa dos ramos de trigo. [...] Gerânio é flor de canteiro de janela. Encontra-se em S. Paulo, no bairro do Grajaú e na Suíça” (“Água Viva”, p. 47-48).

É como se cada lugar tivesse a sua identidade própria e essa mesma identidade só pudesse subsistir genuinamente nesse mesmo sítio, mesmo que possam existir territórios semelhantes. É o caso do gerânio, que tanto se encontra no Brasil como na Suíça. À parte da possível ubiquidade da espécie, pode-se inferir em torno do efeito da migração, no que diz respeito à difusão material e imaterial das identidades, as quais acabam por dar uma dimensão **multiterritorial** a pessoas e lugares (fig. 12).

Já na obra “Um sopro de vida” (1979)<sup>25</sup> Clarice cria um diálogo entre si mesma e Ângela sobre o valor da existência, numa lógica introspetiva (fig. 13). É na síntese sobre o âmago da sua personalidade, que a autora assume a sua **vulnerabilidade, fragilidade e sofrimento face ao processo de desterritorialização**, ao assumir que “Se me desenraízo fico de raiz exposta ao vento e à chuva. Friável” (“Um sopro de vida”, p. 23). De facto,

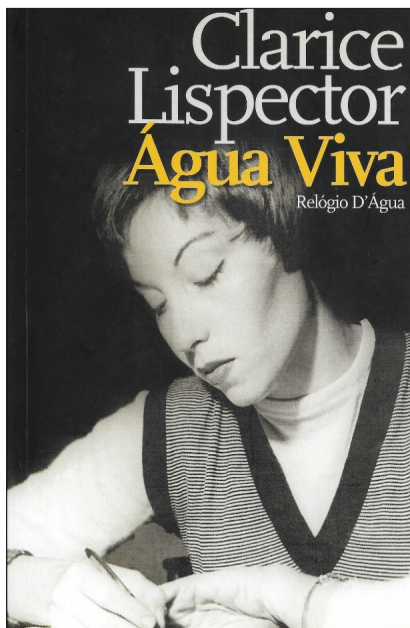
---

<sup>24</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Lispector, Clarice (2012), *Água Viva*. Relógio D'Água, Lisboa, 77p

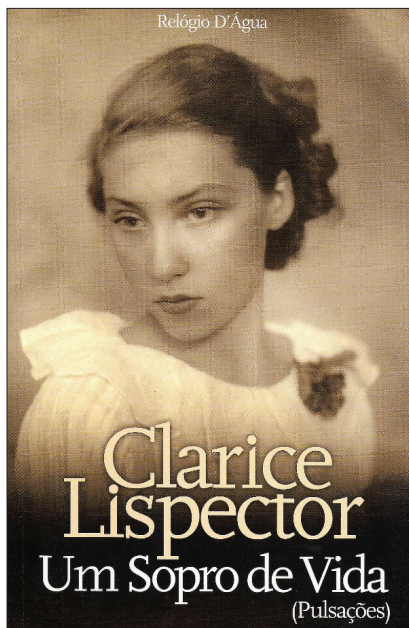
<sup>25</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Lispector, Clarice (2012), *Um Sopro de Vida*. Relógio D'Água, Lisboa, 141p.

o **processo de desterritorialização pode ser doloroso e traumático**, sendo isso que aconteceu com Clarice Lispector, aquando da sua vivência na Europa como esposa de diplomata. Esta ideia é fortemente projetada na personagem que cria para dialogar. Refere que: “Ângela – Eu sou individual como um passaporte. [...] Devo me orgulhar de pertencer ao mundo ou devo me desconsiderar por?” (“Um sopro de vida”, p. 37); “Uma Ângela Pralini? a infeliz, a que já sofreu muito. Sou como estrangeiro em qualquer parte do mundo. Eu sou do nunca.” (“Um sopro de vida”, p. 50); “Ângela tem medo de viajar por receio de perder o seu eu numa viagem.” (“Um sopro de vida”, p. 61).

Receia que a vivência multiterritorial, mais do que enriquecer a sua identidade, a faça perder daquilo que considera ser o seu “eu”, e a descaraterize face àquilo que é a sua originalidade. Perante esta perspetiva, Clarice Lispector subestima o poder do **capital de mobilidade** associado às migrações, ou seja, das capacidades e competências ganhas pelo indivíduo, a partir das suas múltiplas experiências de viagens e de permanências em lugares diversificados.



**Fig. 12** - Fotografia da capa da obra “Água Viva” (editora Relógio D’Água).



**Fig. 13** - Fotografia da capa da obra “Um Sopro de Vida” (editora Relógio D’Água).

#### 4.5. “LAÇOS DE FAMÍLIA” (1960)<sup>26</sup>, “A LEGIÃO ESTRANGEIRA” (1964), “ONDE ESTIVESTES DE NOITE” (1974) E “A VIA CRUCIS DO CORPO” (1974)<sup>27</sup>: A OBSERVAÇÃO DA/O “OUTRA/O” (A/O E/IMIGRANTE PORTUGUÊS/A E A/O MIGRANTE NORDESTINA/O)

Nos seus contos, no que diz respeito ao tema das migrações, Clarice Lispector debruça-se sobre a caracterização de personagens e sobre a descrição dos seus percursos migratórios. A autora assume um papel de observadora que relata, mais do que julga, os factos que observa e as derivações emanadas pela tipologia migratória, reforçando os **estereótipos** em torno de certo tipo de indivíduos.

No caso d' "A legião estrangeira" (1964), no conto "Macacos", descreve a fragilidade de um destes pequenos animais comprados por uma família: "Quase cabia na mão. Tinha saia, brincos, colar e pulseira de baiana. E um ar de imigrante que ainda desembarcara com o traje típico de sua terra. [...] Era de uma delicadeza de ossos. De uma extrema doçura. Mais que os olhos, o olhar era arredondado" ("A legião estrangeira", conto "Macacos": p. 44). Além do vestuário, que dá um ar de "quem vem de fora" e não pertence à norma social do território de chegada, metaforiza a condição do migrante com a imagem da doçura e da fragilidade, ou seja, da vulnerabilidade rural do indivíduo face à dureza da metrópole. Em certa medida, faz lembrar Macabéa, d' "A hora da estrela" (1977), que também representa este tipo de personificação da debilidade do migrante pobre, desfavorecido, e por isso mais exposto à exploração urbana.

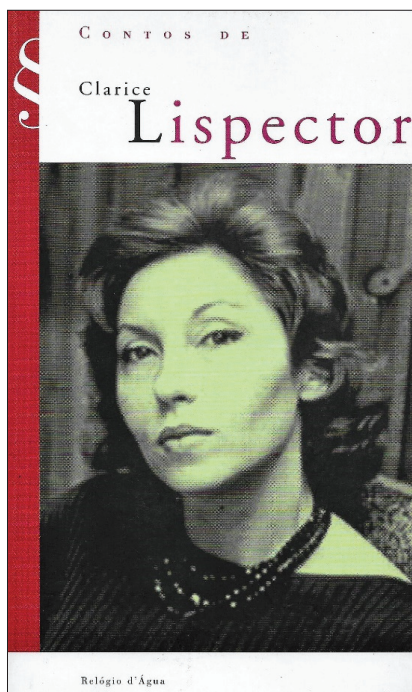
Já no conto "Devaneio e embriaguez de uma rapariga" de "Laços de família" (1960), invoca uma canção popular para se sentir mais tranquila, face a possibilidade de algo mau estar para acontecer: "Jogou o pente à penteadeira e cantou absorta: «Quem viu o par-dalzinho... passou pela janela... voou pr' além do Minho!» [...]"

---

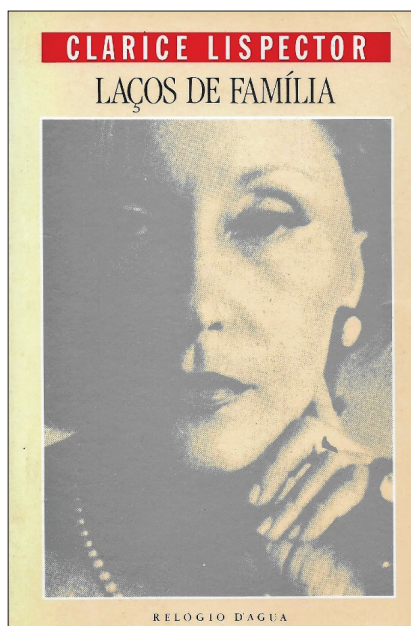
<sup>26</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Lispector, Clarice (2013), *Laços de Família*. Relógio D'Água, Lisboa, 123 p.

<sup>27</sup> As citações constantes d' "A legião estrangeira" (1964), "Onde estiveste de noite" (1974) e "A via crucis do corpo" (1974), bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Lispector, Clarice (2006), *Contos de Clarice Lispector*. Relógio D'Água, Lisboa, 361 p.

– Ó rapariga, estás doente.” (“Laços de família”, conto “Devaneio e embriaguez de uma rapariga”, p.7, 9). Num mau pressentimento, canta uma canção do local de origem (referência ao Minho), como se essa ação a fizesse voltar à segurança do que conhece como “terra-natal”, como que num resquício de **topofilia** (fig.s 14 e 15).



**Fig. 14** - Fotografia da capa da obra “Contos” (editora Relógio D`Água).



**Fig. 15** - Fotografia da capa da obra “Laços de Família” (editora Relógio D`Água).

Ainda no mesmo livro, o conto “Viagem a Petrópolis” invoca a história de Mocinha, uma anciã viúva que fora trazida e abandonada no Rio de Janeiro. Refere que “Acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear. Mas era verdade. Mocinha nascera no Maranhão, onde sempre vivera. Viera para o Rio não há muito, com uma senhora muito boa que pretendia interná-la num asilo, mas depois não pudera ser: a senhora viajara para Minas e dera algum dinheiro para Mocinha se arrumar no Rio. E a velha passeava para ficar conhecendo a cidade. Bastava aliás uma pessoa sentar-se

num banco de uma praça e já via o Rio de Janeiro.” (“Laços de família”, conto “Viagem a Petrópolis”, p.58). Mais uma vez, Clarice Lispector relata a **migração nordestina**, através desta personagem que representa parte desta população desfavorecida, pobre, analfabeta, com abrigo precário, vivendo sem grande possibilidade de fazer valer a sua própria vontade. A mulher, resignadamente, aceita a condição da sua vida e acaba por falecer na metrópole, como se tal fosse condição natural e aceitável do seu pobre destino.

Também na obra “Onde estivestes de noite” (1974), a autora faz referência a uma outra viúva – Dona Frozina – não no sentido dramático da anterior personagem, mas antes deixando antever o caso em que a protagonista consegue um nível de vida confortável, quicá fruto de **ascensão social por via da migração**, não antes sem uma breve referência à possibilidade de um passado toldado por sinais de privação. Tal ideia está patente no excerto “E como vem do Norte, vive dizendo: “Virgem Maria!, a cada espanto. E são muitos os seus espantos de viúva ingénuo. [...] Dona Frozina quando era pequena, lá em Sergipe, comia acorada atrás da porta da cozinha. Não se sabe porquê.” (“Onde estivestes de noite”, conto “As manigâncias de Dona Frozina”, p. 258-259)

É na obra “A via crucis do corpo” (1974) que se podem encontrar referências à **emigração portuguesa**, através da descrição das personagens. No conto “O homem que apareceu”, dá a **conhecer Manuel, dono de um bar**, cujo nome próprio e setor de atividade eram bastante associados à comunidade lusitana. Refere que “Era sábado de tarde, por volta das seis horas. Quase sete. Desci e fui comprar coca-cola e cigarros. Atravessei a rua e dirigi-me ao botequim do português Manuel.” (“A via crucis do corpo”, conto “O homem que apareceu”, p. 163).

Além do dono de bar, surge outro tipo português – **a empregada doméstica/cuidadora** – no conto “Praça Mauá”: “Celsinho tinha adotado uma menina de quatro anos. [...] A esta não lhe faltava nada: tinha tudo do bom e do melhor. E uma babá portuguesa.” (“A via crucis do corpo”, conto “Praça Mauá”, p.185).

Além da referência à dimensão laboral, Clarice Lispector introduz a questão das **caraterísticas físicas e da inter-relação entre comunidades de imigrantes**. Refere-se a “Joaquim [que] era gordo e baixo, descendente de italianos. Quem lhe tinha dado o nome de Joaquim fora uma vizinha portuguesa. Chama-se Joaquim Fioriti. Fioriti? de flor não tinha nada” (“A via crucis do corpo”, conto “Praça Mauá”, p.186).

Nesta linha de ideias escreve o conto “Melhor do que arder”, o qual é dedicado à **emigração portuguesa, do ponto de vista feminino**. Referindo-se à protagonista, afirma que “Era alta, forte, cabeluda. Madre Clara tinha buço escuro e olhos profundos, negros. [...] Madre Clara era filha de portugueses e, secretamente, raspava as pernas cabeludas.” (“A via crucis do corpo”, conto “Melhor do que arder”, p.191). Acontece que esta religiosa questiona a sua vocação, pelo que decide deixar a vida monástica e voltar ao quotidiano secular. Prossegue o seu caminho, alterando o projeto de vida que acaba por ser o do matrimónio e da maternidade. Esta ideia está patente nos excertos seguintes: “Seus cabelos negros cresciam fartos. [...] Foi ao botequim comprar uma garrafa de água Caxambu. O dono era um guapo português que se encantou com os modos discretos de Clara. Não quis que ela pagasse [...]. O português, por nome de António, criou coragem e convidou-a a ir ao cinema com ele.” [...] “Casaram-se na igreja e no civil. [...] Foram passar a ardente lua-de-mel em Lisboa. [...] Ela voltou grávida, satisfeita, alegre. Tiveram quatro filhos, todos homens, todos cabeludos.” (“A via crucis do corpo”, conto “Melhor do que arder”, p.192-193). Neste caso destacam-se características físicas como a robustez e a fertilidade, assim como a masculinidade representada pela vastidão capilar.

Entre o migrante português e o migrante nordestino parece haver uma oposição física que contrasta, respetivamente, a robustez versus a fragilidade, a estabilidade financeira versus a pobreza, a satisfação versus a tristeza. Não obstante o perigo das generalizações e da estereotipação, ainda assim, trata-se de pistas válidas para a análise da dinâmica das diferentes comunidades migratórias e de como estas transformaram e foram transformadas pelos territórios de reterritorialização no Brasil.



**5- NÉLIDA PIÑON OU DAS RAÍZES  
MAIS PROFUNDAS DE SE SER:  
A BUSCA PELAS ORIGENS  
GALEGAS EM “A RÉPUBLICA DOS  
SONHOS” (1984)**





Na senda do tema deste trabalho, urge a análise d' "**A República dos Sonhos**" (1984)<sup>28</sup>, da autoria de Nélide Piñon, filha de migrantes galegos (Espanha) no Brasil. A história tem início em pleno período vetusto dos protagonistas, mais propriamente na iminência da morte de Eulália. Nesta fase da vida, vivem de recordações da terra natal: Eulália volta à Galiza sempre que comunga; o marido – Madruga – recorda sempre a casa da aldeia Sobreira (Pontevedra) e o avô Xan, no passeio matinal pelo jardim da casa ou pela calçada da praia, assim como pela observação absorta do Atlântico (fig. 16).

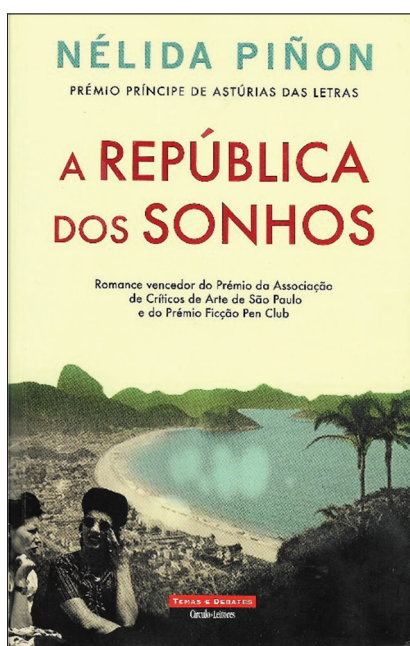


Fig. 16 - Fotografia da capa da obra "*A República dos Sonhos*" (editora Círculo de Leitores).

A autora reflete, no início da história, sobre o facto de ninguém ser "**puro autóctone**" por si só, ao referir, sobre a terra de origem deste casal: "Através dela haviam passado os romanos, os visigodos, os celtas, e outros povos, que invadiram o

---

<sup>28</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Piñon, Nélide (2014), *A República dos Sonhos*. Círculo de Leitores, Lisboa, 705p. Refira-se ainda que, em termos de estrutura, a obra é composta por 36 capítulos, tendo a análise sido mais incisiva nos 20 capítulos iniciais. São estes que apresentam mais opções analíticas válidas para o tema da investigação.

nosso sangue só para nos constituir” (p. 21) Significa que, no fundo, somos produto de antepassados que realizaram mobilidades complexas, as quais resultaram naquilo que hoje se constitui a identidade individual e coletiva: somos, portanto “**migrantes de migrantes**”. De certo modo, pode inferir-se que esta opção ideológica está vinculada à concepção de igualdade ou ao posicionamento do leitor face à autora e às personagens, como assumindo que, no que concerne à dimensão migratória, partilhamos das mesmas raízes em termos de apetência para a mobilidade.

No fundo, trata-se o tema da identidade, do ponto de vista da **territorialidade** individual, em que uma busca genealógica considerará sempre o ponto de origem fruto de uma complexa teia urdida a partir de múltiplos fios. Embora se trate de uma breve referência inicial da história, não deixa, por isso, de ter a sua importância em contextos analíticos, cujo foco seja a **interculturalidade**. De uma forma simples e despida de conotações políticas e ideológicas, Nérida Piñon atinge o âmago humano de uma forma avassaladora, como que dizendo “não somos apenas uma ou um, mas antes o fruto de muitas e muitos que nos antecederam, de várias formas, sentidos e origens”. A clareza discursiva despe a leitora e o leitor de uma possível hegemonia subjetiva, ultrapassando mesmo a dimensão geográfica e legislativa da pertença, ou seja, supremacia do estatuto e do lugar, afirmando categoricamente que todos somos estrangeiros.

A partir desta concepção, tudo fica a parecer mais fluido e congruente, até mesmo o processo de deslocação marítima, como se fizesse parte de um processo natural, ainda que duro, neste contexto de unidade migratória. Nesta obra são relatadas as **condições da travessia do Atlântico, numa viagem de navio** cara, morosa e penosa, tema este que será bastante explorado em “Vendetta” (2013), de Dagoberto Lima Goddoy. Atente-se que são destacadas as condições a bordo, que se revelam diferenciadas de acordo com a classe social de quem viaja, e que é visível pela separação em áreas herméticas e intransponíveis: “Uma primeira viagem que lhe inundou o coração ao mesmo tempo com o sentimento de desordem e de descoberta. [...] A cada dia sujeitos eles aos marujos ingleses, que atravancavam a passagem pelos corredores com gestos arrogantes, para lhes restringir a frequência ao convés. Desta forma expulsando os imigrantes pobres para o porão abafado, onde se instalavam os beliches, sem qualquer simetria” (p. 9). As dificuldades sentidas são mitigadas pelo

sentimento de “descoberta”, de motivação positiva em torno de um sentimento de atração causado pelas possibilidades do local de destino migratório. Neste momento cruzam-se as concepções teóricas da **teoria de atração-repulsão** com a **imagem territorial**, em que os indivíduos ganham força para empreender o projeto migratório, com base num exacerbar das condições desfavoráveis sentidas no local de origem, em contraposição à favorabilidade imaginada do país de chegada. Esta ilusão é muitas vezes desmascarada com o contacto efetivo com a quotidianidade do destino, embora aqui isso tenha ocorrido ainda durante a viagem.

É interessante o facto de o processo de **desterritorialização** começar em pleno mar alto, através do contacto com outros aspetos quotidianos de realidades diferenciadas, nomeadamente no que concerne à gastronomia, pelo que é narrado que “De tanto comermos durante a travessia este maldito carneiro inglês, perdemos a nacionalidade. [...] Pois eu lhe digo que seremos brasileiros” (p. 540). A atitude revelada pela personagem parece estar relacionada com uma certa reticência em “dar o salto”, ou melhor dizendo, parece estar aqui patente um medo de desestruturação da identidade, a qual é fortemente marcada pelo local de origem, pela nacionalidade pátria. De referir que esta ideia está de acordo com o próprio conceito de desterritorialização, que se refere à sensação e à materialidade da perda de território por conta da migração, e que se pode traduzir numa consequente crise identitária. Além disso, o processo de desterritorialização é, em parte, mediado pelos medos gerados face ao desconhecido, como está patente neste excerto: “Lembro-me de que o capitão, antes do desembarque, advertiu-nos aflito, perto da escada, que aquele país [Brasil] opunha-se à presença estrangeira no seu solo. Pretendia ele salvar-nos ou ameaçar-nos?” (p. 372) Neste caso, a **imagem territorial** é construída com base na opinião de terceiros, isto é, do capitão do navio, cujo testemunho ganha credibilidade por ser alguém com uma vasta experiência multiterritorial, atribuída pelas inúmeras travessias do Atlântico.

Sobre este tipo de representação geográfica, verifica-se que a construção também é realizada antes da viagem. Pelo que a narradora nos faz saber, parece ter estado sempre latente o desejo de empreender um projeto migratório no continente americano, quando refere que “Havia no entanto em Sobreira a prática de se falar da América, como fonte de cura para os males e exorcização dos demónios. [...] Cada

membro da família emprestando à América uma fantasia a seu gosto. E que se tornou para mim uma inevitável convocação. Como se fora da América restasse o degredo” (p. 24); [...] como se a América fosse um cintilante peixe-voador, de fácil exibição nas feiras” (p. 62); “Eulália esboçou um sorriso. Menos mal que havia um homem como Venâncio, que alimentava a ilusão de uma América repleta de papagaios, tesouros, da algaravia das novas famílias aqui se constituindo, na ânsia desenfreada da colonização, de concretizarem sonhos e combinações genéticas liberais” (p. 394). Havia uma ideia geral do destino possível e provável, preconizada pela definição de um continente longínquo e diferenciado de tudo o resto. Concebia-se um mundo binário entre o que estava dentro e fora das fronteiras da América, numa lógica de “bom-mau”, “atrativo-repulsivo”, como está patente na **teoria da atração-repulsão**.

Mas também havia uma imagem territorial concreta sobre o país de destino migratório e até mesmo sobre a cidade em causa: “Recordando ao pai que ele mesmo orientara os filhos para a aventura. Prescrevendo-lhes a conquista do Brasil através do sonho da riqueza, da expansão territorial. Não lhes dizia que o Brasil era um peixe de escamas douradas, rastreando o fundo do mar?” (p. 34). Sobre o Rio de Janeiro: “Pronto a surpreender uma cidade povoada de luxúria e seres raros, e de que se diziam coisas espantosas” (p. 9). Estas ideias foram reforçadas por replicação, através do exemplo de outros jovens que migraram, e que obtiveram bons resultados nos seus projetos migratórios. Esta ideia é corroborada por este excerto: “Olha, está agora em Sobreira o Sr. Caldelas, fazendo sua figura [...] comprando o que lhe tem apetecido e tudo de bom e do melhor e porquê? Porque trabalhou com muito cálculo, economizou ainda mais, e adquirindo [...] uma bem boa fortuna, estará agora a gozá-la e ainda é tão novo. O meu filho também assim o fará!... [Carta da mãe Urcesina ao filho Madruga]” (p. 262, 263).

Pode-se mesmo considerar que a imagem territorial em muito influencia a consubstanciação dos princípios da teoria da atração-repulsão, na medida em que as expectativas excessivamente positivas sobre o destino migratório, tornam-no num território atrativo no que concerne às oportunidades de trabalho e de fortuna. Enquanto isso, o território galego de origem vai sendo impregnado de sensações negativas, numa lógica negativa e repulsiva, nada favorável aos mais audazes. A certo ponto da obra, “[Madruga diz à mãe] Se não for para a América, mãe, que outro

destino me resta? Vigo não vai resolver a minha vida. O que ia lá fazer? [...] [A mãe responde a Madruga, seu filho] E depois, menino, o que farias com estas vacas e terras miseráveis? Não valem uma peseta. Sorte a tua que seja assim. Pois é a pobreza que motiva a luta pelo ouro e a despesa farta” (p. 25); [...] pesa sobre a Galiza uma sentença de morte. E seu povo nada mais fez que prorrogar esta execução diariamente. Há muito Deus esqueceu esta terra” (p. 69); “Nunca a realidade de Sobreira pareceu-lhe tão antiga e perpétua como naquele ano. Com retoques e manchas seculares. Uma terra antagónica ao progresso e, portanto, esquecida por todos” (p. 97); “-Deixe Espanha como quem destrói uma lenda em mil pedaços, porque já não [me] inspirava mais confiança – confessou Venâncio [...]” (p. 119).

É verdade que as condições de vida no país de origem eram marcadas pela escassez e pela pobreza: “-Você se engana [diz Madruga]. A fome nos trouxe até aqui [ao Brasil]” (p. 170) “[...] Espanha os expulsara por ser incapaz de provê-los com comida, a menos que sacrificasse outras bocas famintas” (p. 420). Todavia, não é apenas a condição de miséria que impulsiona a migração, havendo outros fatores que coadjuvam a mobilidade, nomeadamente a projeção do futuro dos descendentes. Estas aspirações podem ser consideradas como o prolongamento do projeto migratório daquele que empreende a migração, que embora seja de matriz individual, acaba por se projetar no núcleo familiar mais próximo, em particular nos filhos. A noção de “sucesso” passará por uma estratégia de grupo, em que cada elemento tem uma função, um papel, uma responsabilidade. No caso destes, pode manifestar-se na ascensão do estatuto social através das habilitações académicas, traduzidas na abertura do leque de oportunidades profissionais e até mesmo matrimoniais.

Tendo em conta os princípios da **teoria do capital humano**, advoga-se que os migrantes também se deslocam para conseguir melhorar as suas habilitações académicas e formação profissional, assim como a dos seus descendentes. Mesmo não estando esta ideia expressa, de forma inequívoca, no texto, é-se levado a pensar que Madruga e Eulália podem ter, intimamente (aos olhos do leitor), desejado prover os filhos com uma boa formação escolar, que lhes permitisse obter um grau académico significativo. Isso é evidente no excerto: “[Sobre Bento, filho de Madruga e de Eulália] O título de Doutor solenizou-lhe o nome. Urgia, como filho de imigrante, postular posições, abrir portas, reforçar a fortuna do pai” (p. 194). Não deixa de ser curioso

o facto de se apostar nos filhos, numa lógica de investimento a longo prazo. Esta ideia advém de Peixoto (2006: 16), que advoga esta perspetiva migratória como mais uma forma de rentabilizar a migração, a partir da diversificação das estratégias do grupo: uns ficam responsáveis pelos ganhos a curto prazo, através da vertente laboral; outros ficam responsáveis pela valorização das aptidões académicas, com reflexos sociais e económicos a médio/longo prazo.

Noutra perspetiva, é de destacar a importância da **teoria das redes sociais** no contexto analítico da obra, no que concerne à viabilização do projeto migratório, numa das áreas estruturais que é o trabalho: “Ainda no barco inglês, um barbeiro espanhol, disposto a tentar a sorte na Baía, fornecera a Madruga endereços de patrícios estabelecidos no Rio, capazes de empregá-lo. [...] Venâncio, com a carta de recomendação no bolso, seguiu para o armazém, onde logo o destinaram a servir no balcão e a descarregar o caminhão de mantimentos” (p. 85). Significa que Madruga não levava nenhum contacto ou recomendação para emprego. Todavia, ainda durante a viagem, é um conterrâneo que lhe dá a morada de outros espanhóis seus conhecidos, que já estabelecidos na cidade, o poderiam ajudar a integrar o mercado-de-trabalho. Já Venâncio era portador de uma carta de recomendação e ia destinado a um patrão/função específica. Em ambas as modalidades, é de grande valor a atuação das redes de solidariedade (família, amigos e conhecidos) para mitigar os riscos decorrentes da chegada a um país estranho e conseqüente processo de **desterritorialização**.

Regressando ao conceito, e a propósito deste fenómeno, a obra apresenta vários momentos em que se percebe quais os aspetos da quotidianidade que mais fragilizam o migrante, por significarem uma perda do território original. A língua é um dos elementos essenciais para se dominar esse novo país: “Iniciava-se em mim o lento processo de dissolver uma sólida matriz formada pela língua, o afeto, as lendas, a comida” (p. 27); “Ganhar a vida, em país estrangeiro, equivalia no início a dolorosas amputações. A perda de alma e da língua ao mesmo tempo” (p. 63); “Quando Esperança nasceu, quis chamá-la de Amparo. Até então evitara nomes espanhóis para os filhos. Pois deviam-lhes bastar as marcas de origem espalhadas no corpo. Começando pelo modo como apreciavam o azeite, o açafraão, certas iguarias, e ainda as memórias que língua espanhola, por vezes falar em casa, fazia, sem querer, aflorar” (p. 448).

Há um evidente destaque da língua e da gastronomia, assim como dos costumes em geral: “[Sobre Eulália] “Além do mais, não passava de uma estranha naquele país, apesar dos primeiros filhos brasileiros. Muitos dos hábitos e costumes daquele povo escapavam-lhe pelos dedos” (p. 54). Mas os filhos já são considerados “brasileiros”, não obstante terem nascido de pais espanhóis, assim a primeira infância ter sido passada, em exclusivo, num lar onde a matriz cultural dominante é a galega. Pesam para esta conceção dois aspetos: em primeiro lugar, o lugar físico de nascimento, que é de facto o país Brasil; em segundo lugar, a vantagem de começarem ainda na infância a contactar com a sociedade autóctone, através da frequência da escola, onde o sistema de aprendizagem da língua e da cultura privilegia a dimensão brasileira. Será a vantagem da segunda geração?

A primeira geração parece nunca perder o “estigma” da origem, como se pode comprovar nas seguintes afirmações. “O pior é que estes imigrantes não conseguem chorar. O orgulho os impede de derramar lágrimas. Para estes egressos, só resta o consolo de viverem o desterro na própria terra” (p. 31); “Finalmente tornaram-se portadores da carteira modelo 19, destinada aos estrangeiros. E que de certa forma os estigmatizava, não lhes permitindo esquecer a condição provisória em que vivam. Sujeitos, portanto, à deportação, às ofensas, às designações pejorativas” (p. 235); “[América] Esta terra que nos acolhe primeiro como inimigos, e que só perdoa a afronta da nossa visita na hora do enterro” (p. 310). Embora assumam a decisão de migrar, reveem-se no que é a ausência do local de origem, provavelmente baseados na idealização que seria se pudesse replicar os benefícios da imigratórios na terra natal. Este dilema multiterritorial não parece ser feito em forma de lamento ou arrependimento, mas antes numa lógica de catarse, em que se torna necessário invocar memórias reconstruídas com base em possibilidades e construções hipotéticas de ter ficado. Isso acaba por transparecer na sensação do “estrangeiro perpétuo”, em que o local de chegada nunca se chega a transformar, de facto, na casa, no lar, no local de acolhimento. Assim, a permanência “no limbo” parece algo de definitivo e duradouro.

Todavia, o processo de **reterritorialização** ocorre e é assumido pelos protagonistas, ao reconhecerem que a presença num novo território implica a interação com novos espaços, mas também com novos tempos, ou seja, que a evolução natural da vida gera por si só alterações contextuais e identitárias. Isso é visível em vários momentos da obra: “Petulante e palrador, Madruga referia-se à

América como quem fala da própria casa e dos objetos em uso” (p. 59); “-Galiza está longe de mais, Venâncio. Não consigo alcançá-la com as mãos. Mais vale este prato de comida do que a pátria distante [...]” (p. 141); “Ou havia afinal chegado o momento de decidir-me em face do Brasil. Já não podendo por mais tempo alimentar uma situação dúbia, apoiada na minha carteira de estrangeiro?” (p. 242).

A reterritorialização não é apenas fruto da inevitável cronotopia quotidiana, mas decorre de esforço e determinação por parte dos migrantes em usar a língua do país de destino migratório, assim como de interagir, de forma sistemática, com aspetos triviais do quotidiano, por exemplo, no referente à alimentação: “[Sobre Madruga] E no esforço de familiarizar-se com o Brasil, para nada lhe ser estranho no futuro, recusava-se a falar o castelhano ou o galego, até com Venâncio ou patrícios” (p.92); “Na sua primeira casa, Eulália esforçou-se em aprender a lidar com os objetos, as verduras e as frutas brasileiras” (p. 115).

O esforço de reterritorialização é tangente à própria condição de sacrifício, uma vez que Madruga assume a decisão fatal de não mais regressar à Galiza na condição de habitante permanente. Ele e a esposa dão-se a um novo país, no qual pretendem terminar os seus dias: “[Madruga para Eulália] Meus filhos vão ser brasileiros, Eulália. Quanto aos meus ossos, também eles serão recolhidos naquela terra e molhados pelos temporais brasileiros. Galiza perdeu-me para sempre” (p. 63); “Afinal, ele amava aquele país, onde decidira morrer. E sua condição de imigrante conferia-lhe sólidas vantagens. Tanto que jamais se distraiu sobre o significado do Brasil em sua vida” (p. 219); “Ignoravam, então, que ele viera para o Brasil para enterrar também os seus mortos e fazer-se um dia enterrar. E que outra prova de amor oferecer ao Brasil, que iniciar o sacrifício pela própria família?” (p 461).

Mas isto não é o fim, ou seja, não está implicado no processo o corte total de relações com Espanha. Veja-se quando é referido que: “Em meio a revistas rasgadas, latas de azeite, tonéis de vinho, linguiças defumadas, que iam sendo desembarcadas dos navios atracados na praça Mauá, vindos da Espanha e de Portugal” (p. 156); “Não perdia o hábito. Às cinco da manhã, Venâncio estava sempre de pé. E isto desde que chegara à América, como ainda continuava a chamar ao Brasil” (p. 128). Além disso, Madruga, Eulália e os filhos, regressarão em visita a Sobreira, a aldeia onde nasceram na Galiza, evidenciando-se que, em paralelo, decorre um processo



de **desterritorialização no país de origem**: “Percebeu Madruga que o afastamento prolongado da casa e de Sobreira roubara-lhe a capacidade de analisar indícios da realidade do seu próprio povo” (p. 72); “A mãe [de Madruga] criticou-o com severidade. Um senhorito agora, com ares de fidalgo [...]. O mundo está perdido [...] Até os que vivem na América perderam o senso de responsabilidade. [...] A sós com Ceferino, Urcesina lamentou que o filho se tornasse agora um estranho” (p. 99); “Madruga cumpriu a palavra empenhada. A mulher luzia de vestidos de seda e joias discretas. E, poupada dos encargos domésticos, suas mãos revelavam-se de extrema finura. Madruga manteve-se à distância para dar oportunidade ao sogro de apreciar a família trazida da América” (p. 95). É clara a distância material, mas sobretudo imaterial, que acaba por corroborar que o casal migrante já integrou na sua identidade, elementos constantes do território, da sociedade e da cultura do Brasil. Aliás, até se pode considerar, numa fase mais avançada das suas vidas, em que ambos estão mais maduros, que a experiência de terem vivido em dois territórios lhes dá um sentido de **multiterritorialidade**: “De que me vale a riqueza de ter duas pátrias, se as duas me querem dividir, ambas me fazem sentir que não pertença a lugar nenhum” (p. 182); “Para Eulália, era bem possível agarrar dois países com as mãos e, mediante este gesto, amá-los sem esforço ou exclusão” (p. 271). E é interessante que esse sentimento multiterritorial passa para a segunda e para a terceira geração: “[Madruga] Sonhava em levá-los todos a cruzar o Atlântico. Os filhos deviam sentir o impacto que um oceano de horizonte interminável provocava na imaginação humana” (p. 445) “Breta amava os símbolos que herdara do Brasil e de Espanha. Os dois países impregnavam-lhe intransigentemente o sangue e a imaginação” (p. 314). Estaremos, pois, face a um fenómeno constitutivo de uma imagem territorial invertida, ou seja, a criação de expectativas face ao território de origem migratória da primeira geração? A ideia é ponderável pelas palavras da neta dos protagonistas: “Desde que Breta chegara ao Leblon, ouviu-nos falar da Galiza como uma abstração. Por meio dessas escassas histórias, emaranhadas às de outros países. Afinal a sua alma iniciara-se numa América jovem, não havendo nela o sentimento de herança” (p. 148). Será esta jovem que, mais tarde, por motivos políticos, irá refugiar-se na Europa dos seus avós, buscando o conforto real de uma Galiza, que já desapareceu, mas que permanece encenada e cristalizada na mente dos seus avós.

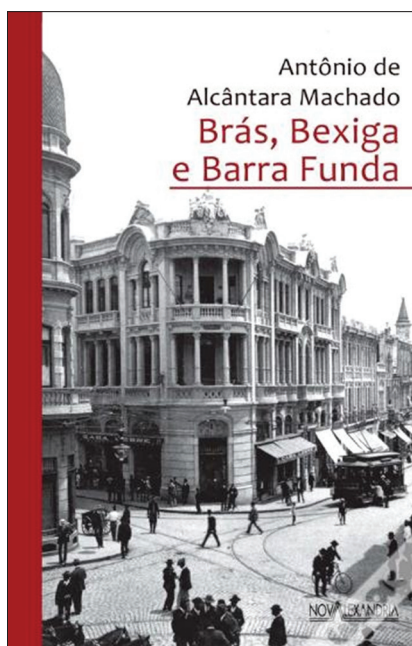


**6- DA FICÇÃO, DA MEMÓRIA,  
DA OBSERVAÇÃO: UM RETRATO  
CALEIDOSCÓPICO DA IMIGRAÇÃO  
ITALIANA COM ANTÓNIO DE  
ALCÂNTARA MACHADO, ZÉLIA  
GATTAI E DAGOBERTO LIMA GODOY**





Nesta diáspora é abordada a imigração italiana no Brasil, tendo em conta três autores, os quais escrevem em tempos diferentes, mas que retratam o cenário migratório da primeira metade do século XX. O primeiro é **Antônio Alcântara Machado**, um pródigo jornalista paulista, que veio a falecer muito jovem (1935, com 34 anos), quebrando de forma abrupta a sua produção narrativa, caracterizada por frases curtas, certeiras e mordazes. Nascido em 1901 em S. Paulo, e sem se constituir diretamente como fruto de uma migração, interessa-lhe, contudo, o *modus operandi* dos imigrantes, quiçá fruto de uma convivência quotidiana, aliado à sua natural capacidade crítica. Formou-se em Direito e, com 24 anos, viajou para a Europa, dando origem ao seu título mais conhecido, publicado em 1926: *Pathé Baby*. Este livro de crónicas deixa antever o seu espírito de observação, que muito contribuiu para a descrição dos tipos imigratórios da época, e que muito influencia as obras em análise: Braz, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China (fig.s 17 e 18).



**Fig. 17** - Imagem da obra “Brás, Bexiga e Barra Funda” (editora Nova Alexandria (Fonte: Wook - <https://www.wook.pt/ebook/bras-bexiga-e-barra-funda-antonio-de-alcantara-machado/22915017>, 2020).

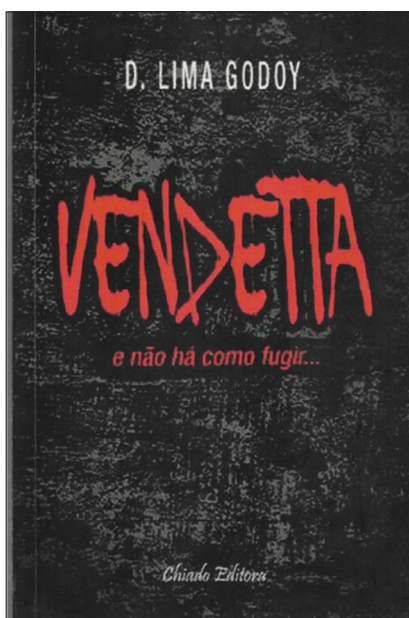


**Fig. 18** - Imagem da obra “Laranja da China” (editora Nova Alexandria) (Fonte: Fnac - <https://www.fnac.pt/mp9509528/Laranja-da-China>, 2020).

A segunda autora é **Zélia Gattai**, e a obra em análise é “anarquistas graças a Deus” (1979), um relato memorialista em que a escritora conta histórias de família, entrecortadas com recordações da diáspora italiana, país que a própria conhece apenas do relato feito pelos pais e pelos tios. Trata-se, portanto, de uma observação externa, de resto como o caso de Antônio Alcântara Machado e do terceiro autor em análise - **Dagoberto Lima Godoy** - com a obra “Vendetta” (2013). Nascido em Caxias (Rio Grande do Sul), no ano de 1938, é formado em Engenharia Civil e em Direito (fig.s 19 e 20).



**Fig. 19** - Fotografia da capa da obra “Anarquistas graças a Deus” (Publicações Europa-América).



**Fig. 20** - Fotografia da capa da obra “Vendetta” (Chiado Editora).

Enquanto Lima Godoy e Alcântara Machado contam apenas o que vêm como meros observadores alóctones, Zélia Gattai assiste, na primeira pessoa, ao relato efetivo da migração italiana no Brasil, pela convivência diária dos seus pais, os quais nasceram e viveram parte das suas vidas em Itália e viveram de fato o processo de imigração no continente americano. Pode-se dizer que, no caso dos

dois primeiros autores, se está perante uma tendência ficcional (Lima Godoy) e observativa (Alcântara Machado), enquanto na última autora referida, se trata de uma tendência memorialística (Zélia Gattai). A análise conjunta parece funcionar bastante bem, na medida em que se obtém um relato completo sobre a imigração italiana no Brasil, na perspectiva de várias lentes analíticas que se complementam e bastam, o que valoriza a perspectiva da leitura e da interpretação.





## 6.1 - ANTÓNIO ALCÂNTARA MACHADO, O OBSERVADOR DO INÍCIO DO SÉC. XX<sup>29</sup> EM “BRAZ, BEXIGA E BARRA FUNDA E LARANJA DA CHINA” (1929)

A cidade de S. Paulo assume-se como palco das observações de Alcântara Machado, pela importância urbana à escala nacional, mas sobretudo pela dinâmica migratória omnipresente. Grangeia (2017: 4) corrobora esta ideia, referindo-se ao perfil da emigração portuguesa no Brasil do início do séc. XX, onde destaca o facto de a província de São Paulo ter criado um aliciante programa de imigração em 1887, baseado na publicitação de facilidades de instalação como hospedagem, alimentação e tratamento médico gratuito. Neste sentido, a diversidade multicultural patente nestas obras em análise, faz eco em “Gaetaninho”, “Carmela”, assim como em outros contos, em que António Alcântara Machado revela personagens e cenários quotidianos paulistas das primeiras duas décadas do séc. XX, destacando dinâmica multilinguística de uma população imigrante, em que o discurso se entrecorta com palavras ditas em português com sotaque de Portugal, ou entrecortadas em italiano e noutras línguas europeias.

Além disso, são patentes as marcas da presença deste grupo de migrantes na paisagem humana, seja pela materialidade das atividades económicas, como por exemplo, pela referência ao comércio (“Quitanda Tripoli Italiana” no conto “Amor e Sangue” - p. 54), ou a gestos triviais em que subjaz a presença inconsciente da cultura de origem, retratada pela música (no mesmo conto, a personagem de Nicolino assobia a música “Scugnizza” - p. 56; no conto “Armazém Progresso de S. Paulo”, Nicolino assobia a “Tosca” - p. 94) ou pela dimensão religiosa (ainda no último conto indicado, se faz referência à presença de um “Santo Antonio di Padova col Gesù Bambino”, propriedade de D. Bianca – p. 95). Estes relatos representam, de certo modo, os princípios da **economia étnica**, deixando quiçá antever o que se pode denominar como “enclave étnico”. Este conceito refere-se às atividades laborais e aos investimentos realizados pelas comunidades migrantes, os quais se focam em produtos, atividades comerciais e serviços típicos do país de origem. Esta manutenção do legado

---

<sup>29</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Machado, António Alcântara (1929), *Braz, Bexiga e Barra Funda e Laranja da China*. Livraria Martins Editora, S. Paulo, 200 p.

identitário de origem é de extrema importância, quer para estruturar e manter as diásporas, quer na contribuição que ocorre para o sucesso do projeto migratório, em que os indivíduos geram riqueza a partir do estabelecimento de negócios por conta-própria nas áreas do comércio e da restauração, entre outros subsectores económicos. Também pode acontecer de uma forma ligeiramente diferente, ou seja, verificar-se uma apetência intensa para determinado tipo de funções – neste caso o comércio com produtos indiferenciados. Em suma, verifica-se uma tendencial concentração económica de uma ou várias atividades na comunidade de migrantes, podendo esta ser acompanhada de uma concentração geográfica, a qual fixa a imagem de marca de um determinado território. No que diz respeito às obras em análise, ambos os conceitos deixam antever uma conotação positiva a toda esta dinâmica sócio-laboral, fruto do trabalho árduo e do investimento eficaz no comércio.

Pode-se afirmar que António Alcântara Machado destaca vários **projetos migratórios** bem-sucedidos, com referências explícitas a ressaltar. No conto “Amor e Sangue”, é apresentada a seguinte situação, tendo como protagonista Adriano Melli, dono da já referida quitanda: “No chá de noivado [...] na frente de toda a gente recordou à mãe de sua futura nora os bons tempinhos em que lhe vendia cebolas e batatas, Olio di Lucca e bacalhau português quase sempre fiado e até sem caderneta” (p. 63). Esta exibição pública do mito do “self-made man” é precedida pelo conto “Armazém progresso de S. Paulo” onde se faz referência ao Armazém com o mesmo nome, propriedade de Natale Pienotto, célebre em todo o Bexiga.

Este cenário económico acompanha também a integração dos imigrantes italianos na sociedade brasileira. Atente-se no final da obra “Braz, Bexiga e Barra Funda”, em particular no conto “Nacionalidade”: é apresentado o barbeiro Zampinetti e a sua família, sendo destacado o episódio em que Ferrúcio, candidato a eleições, lhe demanda o voto e este se recusa, dizendo que é italiano. Mas esta marca de **desterritorialização** é precedida pela tomada de consciência da importância de Zampinetti como eleitor, e como parte de um todo que é o eleitorado brasileiro, pelo que acaba por votar e assim mostrar a sua integração no território de chegada – **reterritorialização**. Destaca-se ainda o episódio em que o irmão mais novo – Bruno – conclui a sua formatura em Direito, festejando o acontecimento com a família Zampinetti, que se emociona ao ver o jovem graduado de cartola. Tal como na obra “A República dos Sonhos”, similar ao caso da formatura de Bento (filho de Madruga),

mais uma vez a ficção plasma os princípios da **teoria do capital humano**, a qual destaca a importância da migração para a formação académica das gerações mais jovens, a qual provém vantagens nítidas aos seus beneficiários, por lhes permitir ascender a uma classe económica e social mais confortável.

De referir ainda que nesta obra e em “Laranja da China”, há breves referências à migração portuguesa, espanhola, ucraniana e japonesa, assim como à diáspora árabe, como é o caso do conto “O ingénuo Dagoberto”, onde aparece a referência à loja de Lázaro Salem. A referência a estes grupos parece funcionar como coadjuvante à descrição e análise realizada à imigração italiana em S. Paulo. Tivesse o autor mais tempo de vida e é natural que viesse a desenvolver uma análise crítica sob a perspectiva da **multiculturalidade** e da **interculturalidade**. Alcântara Machado, quando se refere aos “*oriundi*”, mais do que tensões entre autóctones e alóctones, que chegam a roçar a comédia, introduz o leitor na reflexão sobre o Brasil como país multicultural, ou seja, uma nação constituída por várias nacionalidades, que convivem sem necessariamente interagirem. Retoma-se aqui a visão de Néliida Pinón, que invoca a complexa teia da origem individual como sendo formada por fios diversos, enredados a partir de origens geográficas muito diversificadas. No fundo, ambos os autores chamam a atenção para o facto de ninguém ser apenas e sempre de um lugar entendido como “de origem”, embora a burocracia e a legislação a isso obriguem. A pertença vai mais além do “oriundo”, ultrapassando a territorialidade contemporânea e imediata: deriva, isso sim, de uma cronotopia, onde espaço e tempo se intercalam indefinidamente, sendo impossível deslindar o começo de tudo e de todos. Somos, pois, na melhor das hipóteses, um início formal e não a origem por si mesmo.

Todavia, em ambas as obras, é deixado um testemunho de interculturalidade, isto é, da comunidade italiana em interação com os cidadãos de nacionalidade brasileira e os cidadãos de outras nacionalidades, que escolheram esse país da América do Sul para realizar o seu projeto migratório. Em determinados contos – pode-se mesmo dizer quase todos – somos levados a pensar que Alcântara Machado, nascido e criado no Brasil, entende de forma inequívoca o espírito e a matriz de mescla cultural, que dá a tónica ao seu local de origem “iminentemente imigrante”. Esta visão também está patente na obra em análise, de Zélia Gattai, que embora foque o seu relato na imigração italiana no Brasil, refere a diáspora portuguesa, árabe e japonesa, numa dinâmica de interação, de encontro, de contacto.



## 6.2 - ZÉLIA GATTAI, A CAÇULA VIGILANTE DE “ANARQUISTAS GRAÇAS A DEUS” (2019)<sup>30</sup>

A obra em causa ganha importância na produção literária de Zélia Gattai, por se constituir como um relato pleno de interesse para a reconstrução de percursos e de quotidianidades migratórias. Braga (2016: 80) reforça esta ideia ao caracterizá-la como uma escritora memorialística e autobiográfica, não num sentido individual, mas antes numa expressão plenamente coletiva, que vai além da centralidade do “eu-individual” e do “eu-familiar”. Fala de histórias de pessoas comuns e ilustres conhecidos, de acontecimentos diários, de eventos políticos, de histórias particulares, mas ao mesmo tempo globais. Fala de projetos migratórios e de pessoais reais, no pleno sentido das vivências territoriais.

A autora começa por relatar a **viagem transatlântica** de um ponto de vista diferente do que iremos encontrar na ficção de Dagoberto Lima Godooy, ou seja, Zélia Gattai imprime um caráter positivo à deslocação, focando-se no momento da chegada: “No porto de Santos formou-se a maior confusão na hora do desembarque. Homens para um lado, mulheres para o outro [...] Apertados em seus trajos encolhidos pelo banho de desinfecção, cheirando a remédio, amarfanhados, os imigrantes conduzidos em fila, passaram pelo departamento médico, antes de uma última vistoria antes de serem libertados” (p. 139). Embora haja a descrição de momentos de tensão, plasmada na inspeção obrigatória, são notórios a esperança e o foco na libertação, como que numa lógica de provação com sentido final a ser atingido. A escolha desta palavra também remete para a imagem territorial do local de destino, entendido como positivo, emancipador, capaz de prover acesso a dispositivos económicos e sociais essenciais para o desenvolvimento do bem-estar e de uma vida plena.

Além disso, e tendo como origem a própria viagem, aproveita-se para introduzir o tema das redes sociais, onde estão patentes os contextos de conhecimento dentro do grupo de indivíduos da mesma nacionalidade, e de

---

<sup>30</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Gattai, Zélia (1979), *Anarquistas graças a Deus*. Publicações Europa-América, Mem-Martins, 240 pp.

como os **territórios da espera** são importantes para a materialização dos laços de solidariedade. Tal é visível no seguinte excerto: “D. Regina fora criada por vovó Josefina desde que lhe morrera a mãe, ao chegarem da Itália. Eram da mesma região vêneta, companheiros de viagem na dura travessia de navio” (p. 29). O espaço de convívio do navio, pressupõe uma paragem evidente na mobilidade, o que proporciona o conhecimento de outros imigrantes na mesma nacionalidade, com as mesmas aspirações em termos de projeto migratório. Face à fragilidade gerada pelo desconhecido, aos receios e às dúvidas sobre um território que desconhecem, à quebra de laços com os familiares próximos, constitui-se uma rede de apoio que sustenta os migrantes mais vulneráveis e desprotegidos. Assim, este conceito ganha, até certo ponto, uma conotação positiva, por promover a integração através de mecanismos próximos da segurança ontológica, onde a dimensão física e emocional se funde num complexo trâmite social, em que é essencial o estabelecimento de laços afetivos e gesto de confiança.

Mas este tipo de situações não é gerado apenas em territórios de espera, como também decorre do contacto mantido com a comunidade do local de origem: “Órfãs de pai pobre, chegaram ao Brasil havia pouco mais de dois anos, pelas mãos de um tio rico que mandara buscá-las na Síria (ou no Líbano?) diretamente para a Alameda Santos” (p. 42); “[...] Natal Boni, dono de uma serraria no Belém. Deu emprego ao conterrâneo e amigo de infância [Eugénio]” (p. 145). Num dos relatos é visível o facto de como a **imagem territorial** reforçou a **teoria das redes sociais**, sendo alimentada não só por quem permaneceu no local de origem, com desejo de migrar, como também por quem já migrou, mas continua a manter o contacto com o local de origem. Esta ideia pode ser ilustrada pela seguinte situação: “A família fora contratada por intermédio de compatriotas do Cadore, chegados antes ao Brasil. Diziam viver satisfeitos aqui e entusiasmavam os de lá através de cartas tentadoras: «Venham! O Brasil é a terra do futuro [...] pagam bom dinheiro aos colonos, facilitam a viagem...»” (p. 143). A “facilitação” é o termo usado para aliciar o migrante, para fazer pender a decisão no sentido de se empreender o projeto migratório. Neste sentido, a autora escolhe um vocábulo que ilustra, de forma pragmática, a força do concetual da imagem territorial, como vetor de escolha e motivador das deliberações e das estratégias usadas no processamento das diversas etapas da viagem.

No que concerne ao processo de **desterritorialização/reterritorialização**, Zélia Gattai destaca a importância do papel da **língua**, para que o imigrante tivesse a possibilidade de interagir – entender e ser entendido – no país de destino migratório. Mas nem sempre era fácil, como se pode atestar na seguinte invocação: “Linguajar mais atrapalhado aquele! É preciso muita prática para entendê-la. D. Caropita esquecera sua língua natal, não aprendera o português!” (p. 75). Dominar dois idiomas – italiano e brasileiro – não era fácil, contudo esta multidimensionalidade linguística permitia à primeira geração da diáspora imigrante “libertar tensões” em momentos mais delicados: “[...] Seu Luciano, [...] falava (praguejava!?) em italiano quando se zangava” (p. 86); “Os desabafos de mamãe, em italiano, indicavam que estava verdadeiramente zangada, revoltada, desesperada” (p. 107). Ou seja, parece que, em determinados momentos, a necessidade de se enviar uma mensagem clara ao interlocutor leva a crer que a comunicação ganha clareza, assim como o próprio falante ganha poder, se a mesma ocorrer na língua materna do migrante.

Noutra perspectiva, Zélia Gattai, tal como o fizera já Antônio Alcântara Machado, destaca o papel da **economia étnica**, por exemplo, quando faz referência a Jeremia Lunardelli, o “Rei do Café” (p. 79); ao restaurante Quaglia (p. 87), no Alto da Serra de Santos, propriedade de um casal de italianos; o próprio pai de Zélia Gattai – Sr. Ernesto Gattai – proprietário de uma oficina e, mais tarde, concessionário da marca de automóveis Alfa Romeo (p. 94); à farmácia Italo-Paulista (p. 198) e a uma cura operada pelo “Quinino dello Stato” (p. 199); Sapataria Del Nero, na Rebouça (p. 205). Ainda no que diz respeito ao que acontecia no cerne da própria família, a narradora refere que “Papai associara-se a outros italianos para importar azeite da Itália [...], azeitonas, queijos, latas de atum, salames variados e vinhos. [...] Fora a alimentação, papai empregava tudo o que ganhava na compra de máquinas, na ampliação da oficina” (p. 95). Neste caso parece haver um duplo ganho: por um lado, dinamiza-se a economia e o mercado-de-trabalho local, com a criação de postos de emprego para conterrâneos e autóctones; por outro lado, os lucros são reinvestidos, aumentando-se o dinamismo territorial por via de novos negócios.

Atente-se ainda na dinâmica da **multiterritorialidade**, preconizada por um episódio bastante curioso, onde se pode constatar a permanência dos laços com Itália, através da criação de uma pintura: “Nesse terraço havia duas portas e duas

janelas e, entre cada uma delas, uma paisagem diferente. Quem assistiu contou: Rocco, munido de vários cartões-postais, compusera a paisagem dirigindo o artista na homenagem à terra distante [...]. Escolheu a parte mais espaçosa da parede, a mais vista da rua, para ali colocar o Vesúvio, fumaça e labaredas evolvendo-se da cratera [...] viraram coloridos papagaios, araras e tucanos [...]” (p. 13, 14). Não deixa de ser curioso o facto de a imagem integrar elementos naturais do local de origem (vulcão), assim como animais do local de chegada (aves), numa mescla que seria muito pouco provável em ambiente real. No fundo, é a metáfora para a reconstrução da identidade, para o culminar do processo de reterritorialização, o qual se baseia numa convivência multiescalar e integrativa de elementos simbólicos de ambos os territórios.

Zélia Gattai termina o relato memorialista com referência ao casamento do irmão Remo Gattai com Clara Covani, que imigrara com a família para o Brasil, fugidos do regime fascista. Numa **lógica endogâmica**, a segunda geração de migrantes, de certo modo, permanece fiel às estruturas sociais e culturais do país de origem dos pais, em muitos casos casando com conterrâneos constituintes da mesma diáspora, como que numa lógica de continuidade. Este facto é corroborado na próxima obra em análise, da autoria de Dagoberto Lima Godoy.



### 6.3 - DAGOBERTO LIMA GODOY, O FICIONISTA NARRATIVO DE “VENDETTA” (2013)<sup>31</sup>

Tendo como mote a obra em causa, invoca-se a perspectiva de Figueredo e Zanelatto (2017: 79), os quais referem que o “Brasil foi um dos destinos preferidos pelos trabalhadores italianos para tentar estabelecer uma nova condição de vida. O desenvolvimento do café e sua representatividade na economia brasileira do século XIX levaram os grandes fazendeiros dessa cultura a contratar estrangeiros para trabalhar em suas terras, fazendo com que os governos provinciais e também o governo do Império viessem a formular políticas oficiais de imigração [...]”. Neste sentido, a história desenvolvida por Lima Godoy ganha relevância para a compreensão da emigração italiana no Brasil, numa cronotopia em que se alia o território de forma plena – origem, viagem, destino, inclusão – à temporalidade de entrecruzamento de toda uma geração e seus descendentes.

Trata-se de um drama de dois casais que se conhecem numa dolorosa travessia de barco entre a Europa (Itália) e a América<sup>32</sup> (Brasil). Unidos pela **imagem territorial** de um continente pleno de possibilidades, e marcados por traumas do local de origem, empreendem a viagem, embora uma epidemia de tifo liquida dois dos elementos: “A viagem transcorria razoavelmente tranquila, [...] pelo menos para os Rotta e os Veronese, cuja condição de passageiros de segunda classe os livrava das penúrias dos que viajavam na terceira. [...] Em poucos dias, o tifo tornou-se uma epidemia virulenta [...]” (p. 51, 52). Com base nos óbitos e tendo em conta a prossecução do projeto migratório, gerou-se um “novo” casal, por conveniência, que acaba por se unir e encenar uma ligação afetiva, com o objetivo de entrar e se estabelecer no Brasil.

O autor começa por focar o início de todo o processo, tendo em conta as expectativas construídas acerca do destino migratório, ao que se pode constatar, numa imagem produzida pelo próprio Estado, pelo que “[Francesco decidiu partir],

---

<sup>31</sup> As citações constantes deste subcapítulo, bem com as páginas correspondentes indicadas, são originárias da seguinte referência: Godoy, D. Lima (2013), *Vendetta*. Chiado Editora, Lisboa, 280 p.

<sup>32</sup> O destino inicial eram os Estados Unidos da América, sendo que a rota final da viagem acabou por ser deslocada para o Brasil.

certamente engodado pelas maravilhas apregoadas pelo agente de emigração do governo italiano, que andara pela Calábria, havia uns meses” (p. 37). Este incentivo à migração não foi de todo alheio aos protagonistas da história, já que veio estimular a urgência e a necessidade da deslocação. Se tivermos em conta os pressupostos da **teoria da atração-repulsão**, percebe-se que Francesco e Cattarina percecionavam condições negativas em Itália, como se pode verificar na questão “Então o senhor se contentaria com uma vida igual à dos seus pais, que entregaram para o dono da terra e para o governo a maior parte do que produzem, como servos até morrer?” (p. 34); “Para ela [Cattarina], aquela viagem era uma espécie de liberdade da autoridade paterna e do constante patrulhamento da mãe e das tias, sempre a atormentando com perguntas sobre detalhes da sua vida conjugal [...]” (p. 41). Migrar significava a fuga ao contexto de pobreza e de opressão, representando ainda um conjunto de possibilidades de ascensão social por via da educação - **teoria do capital humano** - no respeitante à geração dos filhos: “[...] convivência com os colegas da turma da Escola de Engenharia – entre os quais era o único descendente de imigrantes [...]” (p. 62). A segunda geração é aqui encarada no sentido de ponte, de transição, onde ocorre uma proximidade social e territorial ao destino migratório. A “convivência” com autóctones promove a aceitação e a inclusão numa sociedade que é, na sua natureza mais íntima, plural e com origens geográficas diversificadas. Contudo, parece ser importante a validação, sobretudo se esta se fizer à conta de um processo que permita a ascensão social por via de um título académico.

No que concerne aos aspetos positivos percecionados no local de destino migratório, é de referir que as **redes sociais** foram fortes coadjuvantes, ao mitigar os riscos decorrentes do custo material e imaterial da viagem e da integração: “[...] Ela [Monica] contava ser esperada, em Nova Iorque, por parentes de Arturo. Emigrados há mais tempo, eles estavam estabelecidos com um restaurante, ao sul de Manhattan. No bairro conhecido como Little Italy, ela estaria entre italianos e certamente se sentiria menos deslocada” (p. 58). O mercado-de-trabalho assume um papel muito importante no processo de **reterritorialização**, na medida em que ajuda na integração ao nível social, na comunidade de acolhimento, além de ser uma parte da vida muito importante na conceção familiar da cultura italiana: “Mais tarde, já adolescente, ele viria a compreender que a sociedade colonial se organizara de acordo com a cultura

trazida da Itália, com as emoções à flor da pele, tendo a família como célula mater e o trabalho como valor fundamental de um sistema fortemente patriarcal” (p. 101).

Por outro lado, a mão-de-obra italiana vem suprir hiatos em funções rechaçadas pelos autóctones, na lógica do **mercado-de-trabalho segmentado**. Esta teoria preconiza o facto dos migrantes, por si só, nem sempre se constituírem em concorrência direta com os nacionais, no que diz respeito ao emprego. Pelo contrário, muitas vezes tendem a desempenhar funções num segmento laboral “inferior”, definido por tarefas mal pagas, inseguras e desprestigiantes do ponto de vista social. Sobre este ponto de vista, atente-se nos seguintes excertos: “E essa preguiça talvez seja mesmo a responsável pelo empobrecimento de muitos fazendeiros, cujo património vai passando para os comerciantes italianos, em troca dos alimentos e dos utensílios artesanais que eles por si mesmos não sabem ou querem produzir, por entenderem ser uma atividade subalterna” (p. 68); “Ficar no Brasil e ir trabalhar nas lavouras de café, no estado de S. Paulo, onde os imigrantes estavam sendo utilizados como mão-de-obra, em substituição dos escravos negros recentemente libertados” (p. 74) “Quanta ignorância nessa mentalidade racista! Deviam pensar é na contribuição dos imigrantes para a evolução da cultura do país receptor, como fora o caso da fibra para enfrentar as adversidades [...] e a “ética do trabalho” com que os italianos alemães contribuíram na formação cultural das regiões que os receberam, no Brasil [...]” (p. 202). De fato, a imigração tem um papel fundamental na substituição da mão-de-obra, após a libertação dos escravos e o continuo desenvolvimento da agricultura do país.

Dagoberto Lima Godoy aborda ainda outra questão bastante importante, que é a da constituição da **diáspora** italiana, a qual também é marca de uma evidente reterritorialização desta comunidade. Refere que “O mesmo desentendimento separava os imigrantes vindos do reino de Itália dos que chegavam com passaporte austríaco [...] Os carlistas acreditavam que a preservação da fé católica dos imigrantes estava estreitamente ligada à manutenção da língua, da cultura e dos costumes italianos, pelo que era necessário que sentissem orgulho da sua nacionalidade” (p. 145); “[...] O sentido de pertencer [...] repousavam na [...] família e nos amigos do “paese”, que falavam o mesmo dialeto, partilhavam a mesma cultura e cultivavam as mesmas tradições” (p. 197). Aspetos como a religião, a língua e as práticas culturais

são os elementos aglutinadores dos vários grupos de imigrantes, que mantêm a ligação ao país de origem, preservando um conjunto de símbolos e rituais, que muitas vezes se constituem como uma **encenação do centro**: “[...] O transcurso do tempo fora apagando as más lembranças, enquanto as saudades dos parentes e amigos deixados para trás fora gerando, pouco a pouco, no íntimo dos imigrantes, uma lembrança idealizada da antiga terra” (p. 195); “Foi grande a animação dos jogos de bocha ou da mora, acompanhado de muito vino, salami, grostoli, pan e fromaggio [...]. Sem nenhum acompanhamento instrumental, desfiou-se o reportório das longas canções tradicionais, cujas letras lembravam a longínqua terra natal e a nostalgia dos parentes e amigos deixados para trás” (p. 82). Este conceito diz respeito à replicação de hábitos e práticas culturais que eram realizadas no país de origem. Contudo, com o acesso ao novo território, e com o decurso do processo de desterritorialização-reterritorialização, com a reformulação da identidade individual/coletiva, é normal que certas representações se “cristalizem” ou sejam “redefinidas” involuntariamente. Na prática, significa que aquilo que é reproduzido, não tem correspondência com a realidade da prática, mas antes com a evolução (natural) do processo de interpretação-ação.

No fundo, trata-se de uma reinterpretação, que acaba por fazer parte do processo de reterritorialização dos migrantes, que não cortam as amarras com o local de origem. A diáspora, como fenómeno aglutinador de dois territórios – o de origem e o de destino migratório – promove uma vivência **multiterritorial**, constituída por dinâmicas materiais e imateriais, em que a gastronomia, a música, a língua, o convívio com conterrâneos, ajuda na reformulação da identidade, feita de memórias de continuidade e de territorialidades de contraste.



The background of the page is an abstract, textured pattern. It consists of irregular, overlapping patches of color. The primary colors are red, blue, and yellow, which are set against a lighter, off-white or light grey background. There are also some green patches, particularly on the left side. The overall effect is that of a coarse, woven fabric or a heavily textured paper. The text is centered in the upper half of the page.

**7- CONCLUINDO COM UMA VISÃO  
INTEGRADA DAS OBRAS**



Tendo em conta os objetivos definidos para este trabalho, fica evidente a importância da Literatura para a compreensão de fenômenos geográficos. Pardo (2014: 195) refere mesmo que “[...] explorar a literatura e a cultura brasileira, especialmente no exterior, requer uma visão ampla e interdisciplinar”, pelo que valida a necessidade de aproximação entre diferentes áreas disciplinares, o que ocorreu neste trabalho, que aliou a visão geográfica à produção literária.

A partir das narrativas analisadas, foi possível clarificar os processos associados ao processo de reterritorialização dos migrantes, tendo em conta as experiências individuais. A observação é coadjuvante desta relação, adquirindo um caráter central na obra dos autores estudados. Dagoberto Lima Godoy e António Alcântara Machado, numa perspetiva externa, analisam e reproduzem os gestos da diáspora italiana; Clarice Lispector, Nélide Piñon e Zélia Gatai recuperam memórias de família, como numa lógica de regressão, ou seja, procurando aliar as reminiscências do inconsciente às histórias contadas por terceiros, e que permanecem vivas como lembranças de diásporas como a portuguesa, a espanhola ou a italiana. A perceção dos seus territórios de origem e de destino permite às(aos) leitoras(es) relacionar os percursos geo-literários, sociais e culturais desses autores com o campo teórico em geografia das migrações.

Numa análise global das obras, constata-se que há um desejo latente de conhecer o desconhecido. Personagens como Lucrécia (“A cidade sitiada”, 1949, Clarice Lispector), Lóri (“Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”, 1969, Clarice Lispector) ou Madruga (“A República dos Sonhos”, 1984, Nélide Piñon) são exemplos de como o destino migratório se constrói baseado numa imagem territorial idilizada. E se no primeiro caso, o projeto migratório se desmorona, uma vez que a realidade é diferente do processo imaginado, no segundo há a consecução clássica do *self made man*, que constitui fortuna a partir do trabalho árduo em país longínquo da pátria-natal. Destaque-se a importância da análise das obras à luz da teoria da atração-repulsão, na medida em que os territórios de partida ganham contornos negativos e os de chegada veem exultadas as reais e as possíveis oportunidades, tornadas positivas pelos migrantes.

Por outro lado, há personagens que são levadas a empreender a migração, vivenciando a experiência de outra pessoa, a vontade alheia. Não se demitem do seu arbítrio, alinhando na dinâmica da deslocação. Porém, deixam-se levar pelo



destino desconhecido, e colaboram com os planos de alguém que deseja migrar. Macabéa (“A hora da estrela”, 1977, Clarice Lispector) e Eulália (“A República dos Sonhos”, 1984, Nélide Piñon) são personagens emblemáticas nesse sentido, ou seja, duas acompanhantes que acabam por aceitar o destino e se reterritorializam sem problemas de maior, integrando-se no quotidiano do território de chegada.

Esta integração também se deve ao efeito das redes sociais. Na obra “Vendetta” (2013), de Daboberto Lima Godoy, assim como na história “A república dos sonhos” (1984) de Nélide Piñon, as cartas de recomendação e os contactos na América deixam perceber a importância dos parentes e amigos já estabelecidos no país de acolhimento, no que respeita à integração no mercado de trabalho, aspeto estrutural para a estabilização das famílias alóctones.

No quotidiano laboral dos trabalhadores migrantes, destaca-se o fenómeno das economias étnicas, preconizado por negócios por conta-própria, como os botecos, as quitandas, os restaurantes, entre outros. O empreendedorismo parece também ser o resultado de uma predisposição para arriscar, ou seja, no que concerne ao estímulo a mudar de vida, interessa também a libertação do jugo patronal, com um duplo sentido: se por um lado se oferecem novas valências ao mercado de bens e serviços, por outro, a sua disponibilidade ajuda no processo de desterritorialização-reterritorialização. Na prática, os migrantes não perdem a identidade territorial de uma forma abrupta, pois conseguem manter práticas culturais associadas, por exemplo, à gastronomia, mas vão integrando os produtos e as ações num novo quotidiano territorial. Face a esta situação, não se pode deixar de lembrar Eulália (“A república dos sonhos” (1984), de Nélide Piñon), que se esforça por conhecer as frutas e os legumes brasileiros, em muitas situações diferentes dos que conhecia em Espanha. Ganha-se, por isso, uma dimensão multiterritorial permanente, em que se conjugam e vivem vários espaços em simultâneo. E tendo em conta a questão inicial do desejo, eis que se depara com a questão da força, que está patente em todas as obras. A força de querer; a força de tentar; a força de prosseguir; a força de laborar; a força de permanecer. É por isso que, com base numa metodologia de análise de conteúdo, se conseguiram pistas de grande interesse para o estudo do tema das migrações transatlânticas Europa-América.



Para finalizar, não se pode deixar de fazer referência à importância da narrativa biográfica ficcionada, assim como à observação empírica, para a constituição das obras em análise, que serviram de base para uma análise geográfica diferente do habitual. Sobre esse escape às tendências instituídas, Da Silva (2016: 104) refere que “Pesquisas recentes na Geografia vão apresentar a relação corpo e espaço a partir de uma outra perspectiva: a geografia das emoções. Tal proposta analisa a relação das pessoas e o espaço a partir das emoções, buscando compreender qual a dimensão emocional das representações espaciais, tendo, portanto, as pessoas como centralidade”.

Posto isto, e tendo em conta que novos (ou renovados?) alinhamentos na ciência geográfica se constituem, não se pode deixar de enfatizar e prosseguir com a profícua relação entre a Literatura e a Geografia, aqui plasmada num sentido científico, pois só assim se conseguirá perceber o que está além dos valores, da metodologia quantitativa e dos relatos, na metodologia qualitativa, ou seja, a narração lúcida, variada e enriquecida das escritoras e dos escritores que escreveram sobre os territórios, as sociedades e os fenómenos que perspetivaram e proporcionam situações de contraste e de continuidade, numa relação íntima com o cronotopos.





## **8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**





- André, João Maria (2009). "Interpretações do mundo e do multiculturalismo: incomensurabilidade e diálogo entre culturas". *Revista Filosófica de Coimbra*, 35, 7-41.
- André, João Maria (2020). "Doze proposições sobre livros, leitura e hospitalidade". *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, 50, 25-35.
- André, João Maria (2012). *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem*. Palimage, Coimbra, 306 p.
- Anteby-Yemini, Lisa; Berthomière, William (2005). "Diaspora: a look back on a concept". *Bulletin du Centre de Recherche Français à Jérusalem*, 16, 262-270.
- Arellano, Jesús (2018). "Para una poética de los desplazamientos. Espaço y política en *A república dos sonhos* de Nélide Piñon". *Letras de Hoje*, 53-4, 508-516.
- Augé, Marc (2006). *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Editora 90, Lisboa, 100 p.
- Azevedo, Ana Francisca; Pimenta, José Ramiro (2006). "Geografia Cultural circa 2000 d.C.". In: Sarmento, João; Azevedo, Ana Francisca; Pimenta, José Ramiro (Coord.), *Ensaio de Geografia Cultural*, Editora Figueirinhas, Porto, 1-19.
- Azizi, Kyoumars; Afrougeh, Shahram (2013). "Space, Geography and literature. A Geocritical Perspective". *International Research Journal of Applied and Basic Sciences*, vol.6(5), (5), 641-643.
- Badie, Bertand (1997). *O fim dos territórios. Ensaio sobre a ordem internacional e a utilidade social do respeito*. Instituto Piaget, Coleção Economia e Política, Lisboa, 304 p.
- Bardin, Laurence (2019). *Análise de conteúdo*. Edições 70, Lisboa, 281 p.
- Bartram, David; Poros, Maritsa; Monforte, Pierre (2014). *Key concepts in migration*. Sage, Reino Unido, 171 p.
- Bakewell, Oliver (2014). "Relaunching migration systems". *Migration Studies*, 2-3, 300-318.
- Braga, Kassiana (2014). "O memorialismo nas obras de Zélia Gattai". *Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História ANPUH-SP*, Santos, 1-14.
- Braga, Kassiana (2015). "O passado nas obras de Zélia Gattai a partir de sua escritura memorialista". *História, histórias. Revista de Pós-Graduação em História*, 1-5, 183-199.
- Braga, Kassiana (2016). "Zélia Gattai e as publicações Anarquistas graças a Deus (1979) e Città di Roma (2000): uma construção de si". *Faces da História*, v.3, nº2, 173-193.
- Bryman, Alan (2016). *Social research methods*. Oxford University Presse, 6ª edição, Oxford, 747 p.
- Brousseau, Marc; Cambron, Micheline (2003). "Entre géographie et littérature : frontières et perspectives dialogiques". *Recherches sociographiques*, vol. 44, nº 3, 525-547.
- Cardoso, João Nuno Corrêa; Ribeiro, Maria Aparecida (2007). "Estou vivo e escrevo o sol". O ambiente e os direitos humanos no ano internacional do sol, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, IX Semana Cultural da Universidade de Coimbra – Circulações no Espaço Lusófono, 241 p.
- Choupina, Francisco (2005). *O lugar do meio. Uma leitura geográfica na obra de Miguel Torga*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado), 230 p.
- Claval, Paul (2006). "Comunicação, diferenciação de culturas e organização do espaço (noções-chave)". In: Sarmento, João; Azevedo, Ana Francisca; Pimenta, José Ramiro (Coord.), *Ensaio de Geografia Cultural*, Editora Figueirinhas, Porto, p.22-35.
- Clifford, Nicholas; Holloway, Sarah; Rice, Stephen; Valentine, Gill (2009). *Key concepts in geography*. Sage, 2ª edição, Reino Unido, 462 p.
- Costa, Francisco Lima (2011). "Globalização, diversidade e novas cçasses criativas em Lisboa. Economia etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural". *Sociologia, problemas e práticas*, 67, 85-106.

- Cravidão, Fernanda (2005). "Território e sociedade: passageiros de viagens literárias". In: Valença, Márcio Moraes; Costa, Maria Helena, *Espaço, Cultura e Representações*, Editora da UFRN, Brasil, 29-50.
- Cunha, Carlos (2009). *A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global*. Opera Omnia, Guimarães, 118pp.
- Da Silva, Márcia Soares (2016). "Por uma geografia das emoções". *GEOgraphia*, 18-38, 99-119.
- Dias, Leila Christina Dias (1995). "Redes: emergência e organização". In: Castro, Iná; Gomes, Paulo César; Corrêa, Roberto Lobato (Orgs.), *Geografia: conceitos e temas*. Bertrand Brasil, 141-162.
- Falcão, Ana Margarida; Nascimento, Teresa; Leal, Teresa (1997). "Ilhas desconhecidas: fragmentos de olhar, entre o céu e o mar". In Falcão, Ana Margarida; Nascimento, Teresa; Leal, Teresa (Org.), *Literatura de Viagens: Narrativa, História, Mito, Cosmos*, Lisboa, 489-496.
- Falcão, Ana Margarida; Nascimento, Teresa; Leal, Teresa (Org.) (1997). *Literatura de Viagens: Narrativa, História, Mito*. Editora Cosmos, Lisboa.
- Fernandes, João Luis (2009). "Cityscapes – símbolos, dinâmicas e apropriações da paisagem cultural urbana", *Máthesis*, 18, 195-214.
- Fernandes, José Alberto; Trigal, Lorenzo Lopéz; Sposito, Eliseu Savério (2016). *Dicionário de Geografia Aplicada. Terminologia da análise, do planeamento e da gestão do território*. Porto Editora, Porto, 565 p.
- Ferro, Manuel (2006). "Notas de viagem de um brasileiro entre o Inferno e o Paraíso ('Contornos de Nápoles', de Manuel de Araújo Porto-Alegre)". *Revista Brasileira. Ciências Letras e Artes*, Tomo 1 e 2, 87-106.
- Ferro, Manuel (2008). "Brasileiros na Universidade de Coimbra. Contributo(s) para a formação de uma identidade". *Rua Larga. Revista da Retórica da Universidade de Coimbra*, n.º 21, 42-44.
- Ferro, Manuel (2012). "Viajantes Portugueses em Itália na Primeira Metade do Século XX". *Linguaviagem*, Coimbra, s/p.
- Ferro, Manuel (2015). "O fascínio da miragem: Encontros de cultura e viagens contemporâneas de portuguesas a Itália". *Estudos Italianos em Portugal*, 77-94.
- Figueredo, Luis Orenicio; Zanelatto, João Henrique (2017). "Trajetórias de migrações no Brasil". *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 39, n. 1, 77-90.
- Freixo, Manuel João Vaz (2009). *Metodologia científica. Fundamentos e técnicas*. Instituto Piaget, Lisboa, 296 p.
- Fukuyama, Francis (2018). *Identity. Contemporary identity politics and struggle for recognition*. Profile Books, Londres, 218 p.
- Gamallo, Nola Patrícia (2016). "Narrativas do espaço nas histórias de vida: os desafios das metodologias qualitativas na Geografia". In: Heindrich, Álvaro Luiz; Pires, Cláudia (Orgs.). *Abordagens e práticas de pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura*, Editora Letra 1, Porto Alegre, Brasil, 35-48.
- Gattai, Zélia (1979). *Anarquistas graças a Deus*. Publicações Europa-América, Mem-Martins, 240 p.
- Godoy, D.Lima (2013). *Vendetta*. Chiado Editora, Lisboa, 280 p.
- Granjeia, Mário Luis (2017). "Memórias e direitos na imigração portuguesa do Brasil do séc.XX". *História (S.Paulo)*, vol.36-16, 20 p.
- Granovetter, Mark (1973). "The strength of week ties". *American Journal of Sociology*, 78-6, 1360-1380.
- Guerra, Isabel Carvalho (2014). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Principia, Cascais, 95 p.

- Haas, Hein De; Castles, Stephen; Miller, Mark J. (2020). *The age of migration. International population movements in the modern world*. The Guilford Press, 6ª edição, Nova Iorque, 443 p.
- Haesbaert, Rogério (2003). “Da desterritorialização à multiterritorialidade”. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 29, 11-24.
- Haesbaert, Rogério (2004). *O Mito da Desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 395 p.
- Heindrich, Álvaro (2016). “Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade”. In: Heindrich, Álvaro Luíz; Pires, Cláudia (Orgs.), *Abordagens e práticas de pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura*, Editora Letra 1, Porto Alegre, Brasil, 35-48.
- Hsieh, Hsiu-Fang; Shannon, Sarah E. (2005). “Three approaches to qualitative content analysis”. *Qualitative Health Research*, 15-9, 1277-1288.
- Krippendorff, Klaus (2004). *Content Analysis. An introduction to his methodology*. Sage, USA, 422 p.
- Lispector, Clarice (1999). *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Planeta De Agostini, Lisboa, 138 p.
- Lispector, Clarice (2002). *A Hora da Estrela*. Relógio D'Água, Lisboa, 93 p.
- Lispector, Clarice (2006). *Contos de Clarice Lispector [A Legião Estrangeira; Felicidade Clandestina; A Via Crucis do Corpo; Onde Estiveste de Noite]*. Relógio D'Água, Lisboa, 361 p.
- Lispector, Clarice (2009). *A Cidade Sitiada*. Relógio D'Água, Lisboa, 145 p.
- Lispector, Clarice (2012). *Um sopro de vida (Pulsões)*. Relógio D'Água, Lisboa, 141 p.
- Lispector, Clarice (2012). *Água Viva*. Relógio D'Água, Lisboa, 77 p.
- Lispector, Clarice (2013). *Laços de Família*. Relógio D'Água, Lisboa, 123 p.
- Machado, António de Alcântara (1929). *Braz, Bexiga e Barra Funda e Laranja da China*. Livraria Martins Editora, S.Paulo, 200 p.
- Maciel, Diogo Barbosa (2018). *António de Alcântara Machado e a criação de S.Paulo: personagens, espaços e experiências*. Tese de Mestrado, Universidade de S.Paulo, 155 p. (policopiado).
- Marandola Júnior, Eduardo; Gratão, Lúcia (2010). *Geografia e Literatura. Ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação*. Eduel, Londrina, Brasil, 354 p.
- Matias, Gonçalo Saraiva (2014). *Migrações e cidadania*. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 102 p.
- Matozzi, Martina (2019). *De torna-viagem. A emigração na literatura portuguesa*. Caleidoscópio, Casal de Cambra, Portugal, 297 p.
- Mezzadra, Sandro; Neilson, Brett (2013). *Border as a method, or the multiplication of labour*. Duke University Press, EUA, 365 p.
- Mitchell, Don (2007). *Cultural Geography. A critical introduction*. Blackwell Publishing, Australia, 325 p.
- Moraes, Roque (2003). “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva”. *Ciência & Educação*, Bauru, Brasil, 9-2, 191-211.
- Moraes, Maristela; Callai, Helena (2012). “As possibilidades entre literatura e geografia”. *Atas do XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul*, 1-14.
- Moser, Benjamin (2010). *Clarice Lispector. Uma vida*. Civilização Editora, Porto, 626 p.
- Musset, Alain (2015). “De los lugares de espera a los territorios de la espera? Una nueva dimensión de la geografía social? *Documents de Anàlisi Geogràfica*, vol.6-12, 305-324.
- Nascimento, Teresa (2003). “Os sumários em Viagens na Minha Terra: um jogo entre a contenção e a extensão”. *Atas do Congresso Internacional Comemorativo do Bicentenário do Nascimento do Escritor Almeida Garrett, um Romântico, um Moderno*, vol. I, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 235-241.

- Nascimento, Teresa (2008). “As viagens na literatura para a infância. Duas propostas pedagógicas de Ana Castro Osório”. *Atas do 7.º Encontro Nacional (5.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*, Universidade do Minho, Braga, 25-33.
- Nascimento, Teresa (2009). “Gonçalo Cadilhe – Profissão Viajante – escritor”. *Atas do VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada / X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas*, Braga, Universidade do Minho, s/p.
- Nascimento, Teresa (2010-2013). “L’Itinéraire de la Terre Sainte de Fr. Pantaleão de Aveiro – un voyage de spiritualité”. *Acta litteraria comparativa: Lietuvos lyginamosios literatūros asociacijos mokslo darbai*, Vilniaus Pedagoginio Universiteto Leidykla, n.º 5, 372-380.
- Nascimento, Teresa (2013). “O Correio de Venezuela e a diáspora portuguesa”. In: Cid, Teresa; Alves, F.A.; Balyer, Irene; Fagundes, Francisco Cota (Coord.), *Portugal pelo Mundo Disperso*, Tinta da China, Lisboa, 193- 202.
- Onfray, Michel (2009). *Teoria da Viagem. Uma poética da Geografia*. Quetzal, Lisboa, 126 p.
- Ordine, Nuccio; Gouveia, Regina (2017). *A utilidade dos saberes inúteis*. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 57 p.
- Pardo, M. Carmen Villarino (2014). “Outros modos de olhar estrangeiro sobre a literatura e a cultura brasileira”. In: Monteiro, Pedro Meira (Org.). *A primeira aula. Trânsitos da literatura brasileira no estrangeiro*. Itau Cultural, Centro de Memória, Documentação e Referência, S. Paulo, 191-197.
- Pécoud, Antoine (2010). “What is ethnic in an ethnic economy?”. *International Review of Sociology*, 20-1, 59-76.
- Peixoto, João (2004). “As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas”. *Socius Working Papers*, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 36 p.
- Piatti, Barbara; Bär, Hans; Reuschel, Anne-Kathrin; Hurni, Lorenz; Cartwright William (2009). “Mapping Literature: towards a geography of fiction”. In: Cartwright, William; Gartner, Georg; Lehn, Antje (Eds.), *Cartography and Art*, Springer, Heidelberg, 179-184 pp.
- Piatti, Barbara; Reuschel, Anne-Katherine; Hurni, Lorenz (2009). “Literary Geography—or How Cartographers Open up a New Dimension for Literary Studies”. *Proceedings of the 24th International Cartography Conference*, Santiago do Chile, 1-13.
- Piñon, Nélica (2014). *A República dos Sonhos*. Círculo de Leitores, Lisboa, 705 p.
- Prado, Villarino M.Carmen (2000). *Aproximação à obra de Nélica Piñon “A república dos sonhos”*. Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela (policopiado). 696 p.
- Prado, Villarino M.Carmen (2005). “Nelida Piñon. Usos del “yo” en los años 90”. *Revolución y Cultura*, 3, 52-56.
- Rosa, Lúcia Regina Lucas (2008). “Contadores de histórias em “A República dos Sonhos” e em “Vozes do Deserto”, de Nélica Piñon”. *Revista Eletrônica de Crítica e Teoria da Literatura*, Dossier: literature, oralidade e memória, 4-1, 1-13.  
Disponível em: <https://seer.ufg.br/NauLiteraria/article/view/5812> (acedido a 6-2-2020)
- Santos, Mauro; Berbieri, Alisson; Carvalho, José Alberto; Machado, Carla (2010). *Migração: uma revisão sobre alguma das principais teorias*. Universidade Federal de Minas Gerais, Texto de Discussão nº398.  
Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/6314064.pdf> (acedido a 7-2-2020)
- Simões, Maria João (Coord.) (2011). *Imagotipos literários: processos de (des)configuração na imagiologia literária*. Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 293 p.
- Shurmer-Smith, Pamela (2002) (Ed.). *Doing cultural geography*. Sage Publications, Reino Unido, 248 p.
- Souza, Vanilton Camilo (2011). “Construção do pensamento espacial crítico: o papel da leitura e da escrita no ensino da Geografia”. *Revista Virtual Geografia, Cultura y Educación*, 2, 68-78.



- Stake, Robert E. (2016). *A arte de investigação em estudos de caso*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 187 p.
- Tuan, Yi-Fu (2008). *Space and Place, The perspective of experience*. Minnesota Press, Minneapolis, 235 p.
- Velez de Castro, Fátima (2005/2006). “A linguagem da mobilidade em territórios periféricos. Perspetivas geográficas no conto «O Largo», de Manuel da Fonseca”. *Cadernos de Geografia*, n.º 24/25, 57-66.
- Velez de Castro, Fátima (2014). *Imigração e desenvolvimento em regiões de baixas densidades*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 472 pp.
- Vidal, Laurent; Musset, Alain; Vidal, Dominique (2011). “Sociedades, mobilidades, deslocamentos: os territórios da espera. O caso dos mundos americanos (de ontem a hoje)”. *Confins-Revista franco-brasileira de geografia*, 13, 26 p.
- Vidal, Laurent; Musset, Alain (2016). “Waiting territories in the Americas: general introduction”. In: Vidal, Laurent; Musset, Alain (Eds.), *Urban territories in the Americas. Life in intervals of migration and urban transit*. Cambridge Scholars Publishing, Reino Unido, pp.1-9.
- Wiessman, Lisette (2018). “Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade”. *Revista Construção Psicopedagógica*, 26-27, 21-36.
- Zolin, Lúcia Osana (2012). “Representações interculturais de gênero no romance *A república dos sonhos*, de Nélide Piñon”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 40 (Julho-Dezembro), 159-175.



## POSFÁCIO

*“Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”*

Isaac Newton

Findo o percurso de pós-doutoramento, materializado neste livro, com as principais conclusões do trabalho de investigação desenvolvido nos últimos três anos letivos, urge voltar ao início de tudo. E, no princípio, era apenas o verbo da Literatura e o olhar da Geografia.

Posso dizer que tudo começou algures no início de 1996, quando eu era aluna do Ensino Secundário, na Escola Secundária Mouzinho da Silveira, em Portalegre. Nessa época, lecionava Geografia a Professora Dalma Macedo que, numa aula sobre o tema dos transportes, decidiu fazer a leitura do conto “O Largo” de Manuel da Fonseca. Sendo eu e os meus colegas alunas e alunos de Humanidades, encontro aí o primeiro motivo que explicou a admiração e o prazer que nos proporcionou essa aula, inesquecível até aos dias de hoje. No meu caso em particular, posso dizer que me marcou de forma indelével. Seriam as palavras a definir esse estado perpétuo, ou a história ficcionada, ou as imagens que a minha imaginação construiu, ou o som emanado da leitura. Não sei ao certo.

Olhando hoje para trás, depois de ter optado por um caminho ligado à Geografia, quer na docência, quer na investigação, creio que esta forte impressão foi o primeiro sinal de que a compreensão do território e dos fenómenos sociais a ele ligados não deve ser única e exclusivamente de carácter unidirecional. É preciso colocar em diálogo perspectivas epistemológicas, abordagens técnicas, visões concetuais e referenciais teóricos distintos, para compreender as territorialidades e os quotidianos das pessoas, das atividades que desenvolvem e dos lugares que constroem e reconstroem.

Ainda sobre essa aula passada de que vos falo, é preciso referir que um dos meus primeiros trabalhos de investigação que realizei em contexto universitário, já enquanto Assistente Estagiária, foi precisamente um artigo, publicado na

revista “Cadernos de Geografia”<sup>17</sup>, em 2005, sobre o conto que anos antes a minha Professora de Geografia nos tinha lido na aula. Nele, Manuel da Fonseca discorre sobre as quotidianidades de uma povoação, antes e depois da chegada do comboio, metáfora essa que serviu ao autor para abordar os efeitos do progresso no território. Nesse breve conto, são evidenciadas as mudanças dos comportamentos, das interações e, sobretudo, como é que isso se reflete na apropriação espacial de mulheres e homens, que antes se viam confinados a espaços que indicavam segregação de género e de funcionalidade.

Embora eu tivesse regressado ao tema da Geografia e da Literatura em momentos pontuais<sup>18</sup>, fui andando por outros caminhos de investigação, úteis, necessários e com sentido para a Geografia Humana, mas nunca esquecendo esta forte ligação entre a ciência geográfica e a perspetiva literária. Mais tarde, fruto das circunstâncias académicas, tive o imenso prazer de conhecer e privar com o Doutor Manuel Ferro, intuindo desde logo que poderíamos estabelecer pontes entre as áreas em que eu estava a trabalhar – a Geografia das Migrações – a Literatura e a temática da Viagem. Pela sua mão, viria a conhecer a Doutora Maria Teresa Nascimento, assim como o trabalho que tem vindo a desenvolver nesta área, na Universidade da Madeira. Estavam, pois, reunidas as condições para que pudesse realizar investigação científica, enquadrada num projeto de pós-doutoramento.

Na qualidade de orientador e coorientadora, deram-me a mão, de forma terna e paciente, aconselhando, ajudando, guiando, encaminhando as leituras e as abordagens para bom termo. Desta fase do trabalho, recordo as longas e sempre prazerosas conversas com o Doutor Manuel Ferro, em que recebi riquíssimos ensinamentos sob a égide da boa disposição, do ânimo, do apoio e da ternura omnipresente. Da Doutora Maria Teresa Nascimento, além das

---

<sup>17</sup> Velez de Castro, F. (2005/2006). A linguagem da mobilidade em territórios periféricos. Perspetivas geográficas no conto “O Largo”, de Manuel da Fonseca. *Cadernos de Geografia*, n.º 24-25, 57-66. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/311588471\\_A\\_linguagem\\_da\\_mobilidade\\_em\\_territorios\\_perifericos\\_Perspetivas\\_geograficas\\_no\\_conto\\_O\\_Largo\\_de\\_Manuel\\_da\\_Fonseca](https://www.researchgate.net/publication/311588471_A_linguagem_da_mobilidade_em_territorios_perifericos_Perspetivas_geograficas_no_conto_O_Largo_de_Manuel_da_Fonseca) (acedido a 3/2/2021)

<sup>18</sup> Velez de Castro, F. (2013). As paisagens literárias na obra de Jorge Amado: navegando com(o) turcos à descoberta da América. *Sociedade e Natureza*, n.º 25-2, 229-238. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262435754\\_As\\_paisagens\\_literarias\\_na\\_obra\\_de\\_Jorge\\_Amado\\_navegando\\_como\\_turcos\\_a\\_descoberta\\_da\\_America](https://www.researchgate.net/publication/262435754_As_paisagens_literarias_na_obra_de_Jorge_Amado_navegando_como_turcos_a_descoberta_da_America) (acedido a 03/02/2021)

leituras e discussões de grande relevância para a prossecução dos trabalhos, rememoro o percurso das estradas belas e sinuosas da ilha da Madeira que percorremos, os miradouros em que nos detivemos, o pulsar da cidade do Funchal, o sabor do maracujá, a orientação com imenso carinho. E, não menos importante, a abertura da Universidade da Madeira e da Faculdade de Artes e Humanidades, que acolheu o projeto de pós-doutoramento, assim como a possibilidade de contato com o Campus da Penteada. A todos Vós, ficarei eternamente grata, certos de que retribuirei sempre o que por mim fizeram com grande estima e amizade.

Agora seguem-se outras leituras e outras geografias, cumprindo sempre o desígnio da ampliação do conhecimento e do estabelecimento de pontes, da busca de novas redes de saber e de amizade, tendo sempre em conta que, o mais importante de tudo, é que possamos, enquanto académicas e académicos, contribuir para o bem-comum e para a(s) humanidade(s).

Coimbra, 3 de fevereiro de 2021

**Eumed/Universidade de Málaga**

**eumed.net**